



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

CAETANO TSERENHI'RU MORITU

**História da introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi  
(Xavante Autêntico)**

GOIÂNIA  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

CAETANO TSERENHI' RU MORITU

#### 3. Título do trabalho

"História da introdução da escrita entre o povo A'uwe Uptabi (Xavante Autêntico)"

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**

---

Documento assinado eletronicamente por André Marques Do Nascimento, Professor do Magistério Superior, em 09/08/2022, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do



art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por CAETANO TSERENHI' RU MORITU, Discente, em 09/08/2022, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3100351 e o código CRC AF5F44F8.

---

**CAETANO TSERENHI'RU MORITU**

**História da introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi  
(Xavante Autêntico)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. André Marques do Nascimento

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moritu, Caetano Tserenhi'ru

História da introdução da escrita entre o povo A'uwe Uptabi (Xavante Autêntico) [manuscrito] / Caetano Tserenhi'ru Moritu. - 2022.  
cxiv, 114 f.: il.

Orientador: Prof. André Marques do Nascimento.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022.

Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias.

1. História. 2. Escrita. 3. Povo A'uwe Uptabi . I. Nascimento, André Marques do, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 15 da sessão de defesa de dissertação de CAETANO TSERENHI'RU MORITU que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos vinte dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das quatorze horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "História da introdução da escrita entre o povo A'uwe Uptabi (Xavante Autêntico)". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Prof. Dr. André Marques do Nascimento (Presidente/PPGLL/FL/UFV), com a participação dos demais membros da banca examinadora: Profa. Dra. Mônica Veloso Borges (PPGLL/FL/UFV), membro titular interno e Profa. Dra. Leticia Fraga (PPGEL/UEPG), membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. André Marques do Nascimento, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos vinte dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e dois.

#### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por André Marques Do Nascimento, Professor do Magistério Superior, em 20/07/2022, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por LETICIA FRAGA, Usuário Externo, em 20/07/2022, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Monica Veloso Borges, Professora do Magistério Superior, em 20/07/2022, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufv.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufv.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3039494 e o código CRC 1EE0AF8D.

Dedico ao meu povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) das 9 (nove) terras indígenas do leste mato-grossense, pela vivência em seus territórios de diversas regiões.  
À minha comunidade da aldeia *Êtẽho 'repré, São Marcos*, pela trajetória e sonho que teve do tio finado Apoena Tseredze para encontrarem-se com os padres católicos.  
À missão salesiana de Meruri pelo acolhimento do grupo de *A'uwẽ Uptabi*, liderado pelo tio finado Apoena Tseredze.  
À missão salesiana de São Marcos, que começou seu trabalho com dedicação ao primeiro grupo de *A'uwẽ Uptabi*.

## Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao nosso “*Danhimite*” (Deus), o criador e curador de enfermos, que me deu a vida, saúde e força para caminhar nos estudos de mestrado até chegar ao final deste trabalho.

À minha família que deu incentivo e confiança para estar firme na caminhada para concluir meus estudos.

Aos anciãos indígenas A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) da minha aldeia São Marcos, senhor Daniel Tsi’õmowẽ e Raimundo Urébété – Terra Indígena São Marcos, os quais deram suas contribuições importantes de informações precisas para contextualizar deste trabalho.

Aos amigos não indígenas, como por exemplo, Me. Tarley da Guia Nunes da Mata e Pe. Miguel Paes da Silva, que me deram apoio nas informações da época.

Aos amigos indígenas A’uwẽ Uptabi, como Teodorico ‘Rudzapari Tsi’ëiwa’adi, secretário da escola, que me passou os relatos da Missão Salesiana de São Marcos e da escola, para desenvolver com qualidade os meus trabalhos de mestrado.

Aos amigos colegas do curso de mestrado, indígenas e não indígenas, pela troca de experiências dadas durante as aulas síncronas, no período de 2020 à 2021.

Aos professores indígenas A’uwẽ Uptabi da Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi, que me passaram suas informações para realizar bem os meus trabalhos.

Ao professor Dr. André Marques do Nascimento, por suas aulas, onde consegui compreender um pouco as coisas sobre os temas trabalhados em Tópicos em Aspectos Socioculturais da Linguagem e Aspectos Interculturais da Linguagem, no decorrer do curso de mestrado.

Em especial, à finada professora Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva, a qual ajudou com sua experiência vivida e com a disciplina ministrada sobre Tópicos em Questões Culturais e Identitárias no Ensino de Línguas, durante o curso.

Às professoras Dras. Aline da Cruz e Gláucia Vieira Cândido, que me ajudaram a entender sobre a disciplina trabalhada em Tópicos de Tipologia Linguística.

Ao meu orientador professor Dr. André Marques do Nascimento, pela compreensão e paciência durante a realização de meus trabalhos quando ultrapassado o tempo determinado.

Às professoras Mônica Veloso Borges (UFG) e Leticia Fraga (UEPG) pelas importantes contribuições que foram feitas a este trabalho na qualificação e por sua participação também na defesa da dissertação.

À Missão Salesiana de São Marcos, pelo espaço cedido durante a efetuação de atividades orientadas.

Ao Pe. Douglas Chrystiano Silva Souza, pelo apoio e compreensão na impressão de atividades encaminhadas.

À coordenação de Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG pela recepção de fazer parte do corpo discente e posterior apoio de me tornar mestre em linguística.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos que possibilitou a realização deste trabalho.

Hepãri! (Obrigado!)

## Í'ú'mrã

Ãhã romhuri na wahöi'ré marĩ höiba rowatsu'ú ãma höimana da ãtsihödö ãtsébrédzé hã A'uwẽ Uptabi ubumro. Daró Êtẽho'repré, tí'a nhihöri Êtẽho'repré, marãi wawẽ u hã. Rotsa'rata dze ãma ãhöimana hã tsô ãrĩtidzé, marĩ ãna, ãpótóté höibaté te waihu'ú dza'ra ô wa, ãhã rowatsu'ú hã. Ãhã ãrĩtidzém na hã, wa ãma ãhöiba ã'manharĩdzé pitsudu ãtsãmridzé rowatsu'ú na. Ãhã da hã, wa tô tsöpẽ dza'ra ãhi hã ãhöimana 'rata dza'ra ãmorĩ 'rada romhöimana ãtsébrédzé ãtsihödö hã tí'a nhihöri Êtẽho'repré u hã. Te awapari da hã datsina dapó'repu hã, we taha bötö na ãhöimana dza'ra dze hã. Wa duré 'manha ãrĩtidzé hã ãtsihötö na dzô. Taha nhĩb'rowi, wa tsabu dza'ra ãmorĩ 'rada ro'manharĩdzé rowaihu'ú da ãtsihötö na ãhöimana dza'ra hã. ãtsihötö nhoré waihu'ú na'ratadzé A'uwẽ Uptabi Êtẽho'repré 're ma. Ãhã ãrĩtidzém na hã, te 'madö'ö waihu'ú petse di, niha ãtsébrédzé ãtsihödö hã ãte A'uwẽ Uptabi ubumroi u hã. Í'rówim na hã, te we ãme tihöiba 'ri nharĩdzé Êtẽho'repré duré ãhö'a ubumro, ãhã tí'a nhihöri 'remhã. ãné wamhã, pibui petse di, niha ãtsihödö ãtsébré na hã. Te we duré ãma tihöiba ã'manharĩ duré ãhö'a nori 'madö hã. Niha ãtsihödö 'madö'ö ãna romnhiwatsiné, tadza hã höiba pibui petse di, ãhã ã'madö'ö prédum na hã. ãmorĩ'rada ro'manharĩdzé ãtsihötö na ãtébré ãhö'a norĩ ubumroi hawi. Ãhã ãrĩtidzé 'madö hã, ôhö ãhöiba hawimhã pibui petse di ãtsãmri da hã ropire 'röwi a'uwẽ norĩ te höiba dza'ra mono da ãtsihödö. Te tébré dza'ra mono da tite ro'manharĩdzé, wadzéptsi na ãma dahöimanadzé há. We te ãtsapĩ mono hã dapótó tsidöpötsi duré dahöimanadzé, rowaihu'ú pe duré A'uwẽ Uptabi ubumroi mreme.

**Damreme nhitówa:** Rowatsu'ú, ãtsihödö, A'uwẽ Uptabi ubumro.

## Resumo

Neste trabalho, apresento elementos para uma história da introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi, da Aldeia São Marcos, Terra Indígena São Marcos – Mato Grosso. A motivação para esta pesquisa é o fato de as gerações mais jovens não conhecerem esta história. Nesta pesquisa, utilizei a metodologia da pesquisa narrativa. Para isso, entrevistei anciãos que vivenciaram os primeiros momentos de introdução da escrita no Território São Marcos, ouvindo as memórias de suas vivências daquele tempo. Também fiz uma pesquisa documental, através da qual analisei os primeiros materiais didáticos escritos utilizados para a alfabetização do povo A'uwẽ Uptabi de São Marcos. Nesta pesquisa, foi possível perceber como a introdução da escrita entre meu povo está profundamente vinculada à própria fundação da Aldeia São Marcos e da Missão Salesiana neste território. Assim, foi possível perceber como a introdução da escrita esteve também relacionada à prática e aos valores missionários. Como a escrita não é algo neutro, foi possível identificar esses valores nos primeiros materiais escritos produzidos pela missão salesiana. A importância desta pesquisa é que por meio dela é possível perceber a necessidade de que os próprios indígenas se apropriem da escrita para a produção de seus próprios materiais, respeitando a tradição oral repassada de geração em geração e a cultura, os conhecimentos e a língua do povo A'uwẽ Uptabi.

**Palavras-chave:** História, escrita, povo A'uwẽ Uptabi.

## **Abstract**

In this work, I present elements for a history of the introduction of writing among the A'uwẽ Uptabi people, from Aldeia São Marcos, São Marcos Indigenous Land – Mato Grosso. The motivation for this research is the fact that younger generations do not know this story. In this research, I used the methodology of narrative research. For this, I interviewed elders who experienced the first moments of the introduction of writing in the São Marcos Territory, listening to the memories of their experiences at that time. I also did a documentary research, through which I analyzed the first written teaching materials used for the literacy of the A'uwẽ Uptabi people of São Marcos. In this research, it was possible to perceive how the introduction of writing among my people is deeply linked to the very foundation of Aldeia São Marcos and the Salesian Mission in this territory. Thus, it was possible to perceive how the introduction of writing was also related to missionary practice and values. As writing is not something neutral, it was possible to identify these values in the first written materials produced by the Salesian mission. The importance of this research is that through it it is possible to perceive the need for the indigenous themselves to appropriate writing for the production of their own materials, respecting the oral tradition passed on from generation to generation and the culture, knowledge and language of the A'uwẽ Uptabi people.

**Key words:** History, writing, A'uwẽ Uptabi people.

# Sumário

Introdução .....	14
Capítulo 1 – A trajetória do pesquisador A’uwẽ Uptabi .....	16
1.1. Uma história da origem do povo A’uwẽ Uptabi .....	21
1.2. A minha história de vida até chegar no mestrado .....	34
Capítulo 2 – A Fundação da Aldeia São Marcos e da Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi .....	46
2.2. A fundação da Aldeia São Marcos .....	46
2.2. O início da educação escolar em São Marcos .....	54
2.3. A formação de docentes indígenas em nível superior e a escola de São Marcos nos dias de hoje .....	64
Capítulo 3 – A chegada da escrita na Aldeia São Marcos: elementos para a (re)construção da história .....	77
Considerações finais .....	111
Referências .....	113

## Introdução

O tema desta pesquisa é de suma importância para a minha comunidade e para as comunidades das aldeias situadas no mesmo território da Terra Indígena São Marcos, no Mato Grosso, pois trata do reconhecimento histórico da introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico). O motivo que me trouxe a pensar neste tema foi justamente a ausência da história sobre a introdução da escrita entre meu povo, sobre o método de ensino e aprendizagem e alfabetização daquele tempo, logo depois da fundação da aldeia São Marcos, em 1958. Esta história não é apenas sobre escrita e alfabetização, já que também foi um trabalho permeado de evangelização e cristianismo, realizado pela Missão Salesiana de Dom Bosco. Hoje, as novas gerações não sabem da história da escrita, como se deu início à educação escolar do A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) na aldeia São Marcos.

A pesquisa aqui apresentada teve uma abordagem qualitativa e utilizou a metodologia da pesquisa narrativa, ou seja, o trabalho foi feito com base nas histórias contadas e também em entrevistas com anciãos A'uwẽ Uptabi, buscando entender a sua participação e observação de estudo e aprendizagem na época, visando às gerações novas da atualidade. Foram registrados os relatos individuais de dois anciãos que participaram do início do processo da escrita da língua indígena A'uwẽ mreme (xavante) e não indígena, visando reconstituir essa história tão importante. Os anciãos que participaram desta pesquisa foram os senhores Daniel Tsi'õmowẽ e Raimundo Urébété. As entrevistas foram feitas entre o final de 2020 e início de 2021, nas aldeias São Marcos e São Braz, onde vivem os anciãos. A pesquisa também foi documental, por meio da qual analisei os primeiros materiais escritos elaborados pela Missão Salesiana para a introdução da escrita entre os A'uwẽ Uptabi de São Marcos. Os principais objetivos da pesquisa foram, assim, buscar elementos para a elaboração de uma história da introdução da escrita na Aldeia São Marcos, a partir das visões dos próprios indígenas e também da análise de documentos da época.

Os resultados obtidos na pesquisa podem ser considerados de suma importância, pois são as primeiras informações e conhecimentos descritos da real situação de introdução da escrita no grupo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) no território São Marcos – Terra Indígena São Marcos – depois do contato. A pesquisa pode colaborar muito com a educação escolar da minha comunidade, onde se situa a escola denominada Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi e com as comunidades de aldeias vizinhas do mesmo território. Pode também colaborar

no aperfeiçoamento e avanços das novas concepções educativas próprias dos A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) na educação escolar indígena, não só da comunidade do território São Marcos, mas também nas comunidades de outros territórios das nove terras demarcadas do povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico). Espero assim ampliar com este estudo as discussões dos indígenas A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) do território São Marcos, com graduados de diversas formações acadêmicas nas diferentes instituições públicas de ensino sobre a escrita e suas práticas. E, também contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica própria na escola onde residem. Espero que este trabalho sirva para ampliar ideias que ajudam a legitimar, explicitar e socializar concepções e experiências dos indígenas A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) sobre a escrita na escola, sobre como organizar o currículo nas escolas estaduais e municipais, com formação mais humana, com novos tempos e espaços para ensinar a língua do A'uwẽ mreme (língua materna - Xavante), aprender a sentir, ser e fazer como A'uwẽ Uptabi (Xavante).

Esta dissertação está organizada em três capítulos principais. No primeiro, chamado de *A trajetória do pesquisador A'uwẽ Uptabi*, apresento uma história da origem do povo A'uwẽ Uptabi, como contada por um historiador do meu povo. Conto esta história narrada por ele, porque acredito que é aí que começa a minha própria história como A'uwẽ Uptabi, como estudante, professor e pesquisador indígena. Assim, continuo o capítulo contando um pouco da minha trajetória de vida, até chegar no mestrado. No segundo capítulo, intitulado *A Fundação da Aldeia São Marcos e da Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi*, reconto a história da fundação da Aldeia São Marcos e do início da educação escolar, com base nas lembranças dos anciãos com quem conversei. Como eles mostram, os dois processos de fundação da aldeia e início da educação escolar foram muito influenciados pela Missão Salesiana Dom Bosco. No terceiro capítulo, *A chegada da escrita na Aldeia São Marcos: elementos para a reconstrução da história*, retomo as memórias dos anciãos que vivenciaram o primeiro contato com a escola e com a escrita em São Marcos e analiso os primeiros materiais elaborados pela missão com os intuitos de fixar a escrita da língua xavante e, principalmente, transmitir os valores cristãos para meu povo. Como busco demonstrar, a escrita não é neutra e revela os valores e ideologias daquela época que orientaram projetos de civilização e evangelização dos povos indígenas a partir de uma compreensão não indígena.

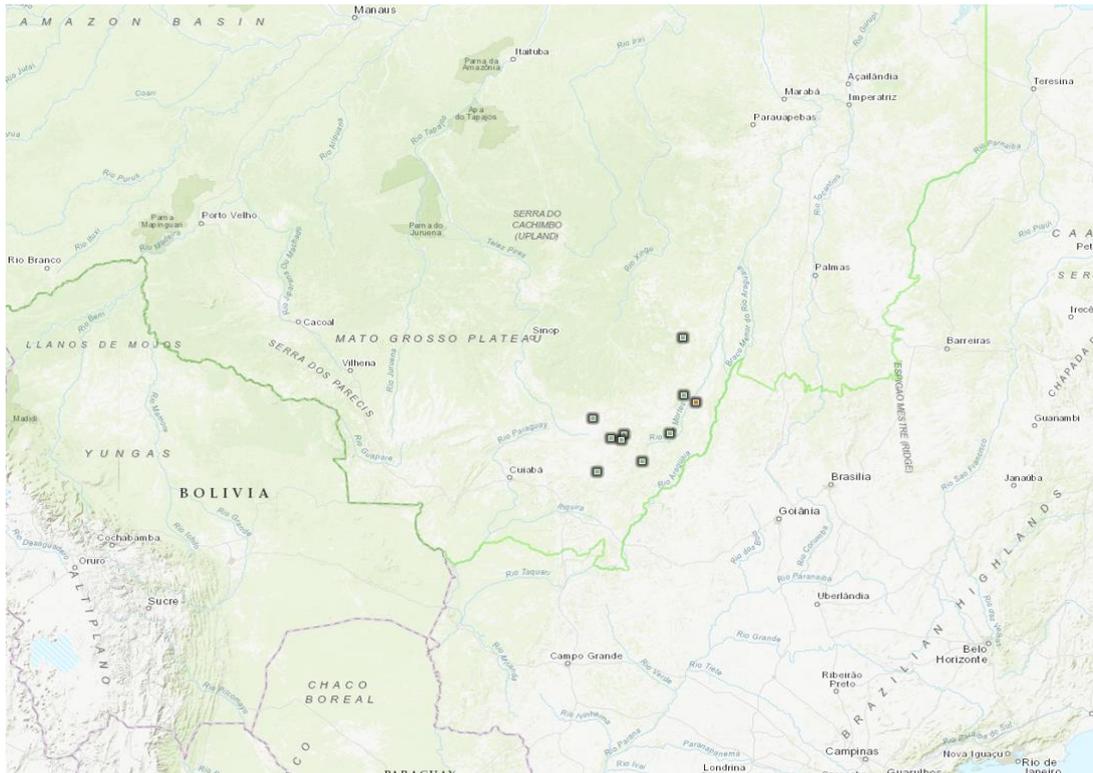
## Capítulo 1 – A trajetória do pesquisador A’uwẽ Uptabi

Neste capítulo, falarei sobre a minha história até chegar no mestrado, como uma forma de contextualizar a minha pesquisa. Para isso, começarei com a própria história do povo A’uwẽ Uptabi contada a partir da nossa cosmovisão indígena.

A história da origem do povo Xavante é narrada de geração a geração, oralmente. Assim, veio transmitindo essa história na oralidade com os anciãos que tinham bons conhecimentos de memória para narrar e que chegou até esse tempo contemporâneo, o nosso tempo. Nós sabemos que todos os povos indígenas do Brasil vinham transmitindo suas histórias por meio da oralidade pelos anciãos ou anciãs. Da mesma forma, a história do povo A’uwẽ Uptabi veio se transmitindo pelos anciãos sábios e sabemos muito bem que o povo A’uwẽ Uptabi é de tradição oral. Em tempo presente ainda se continua a oralidade entre o povo e sempre será mantida para a transmissão da memória ancestral do nosso povo.

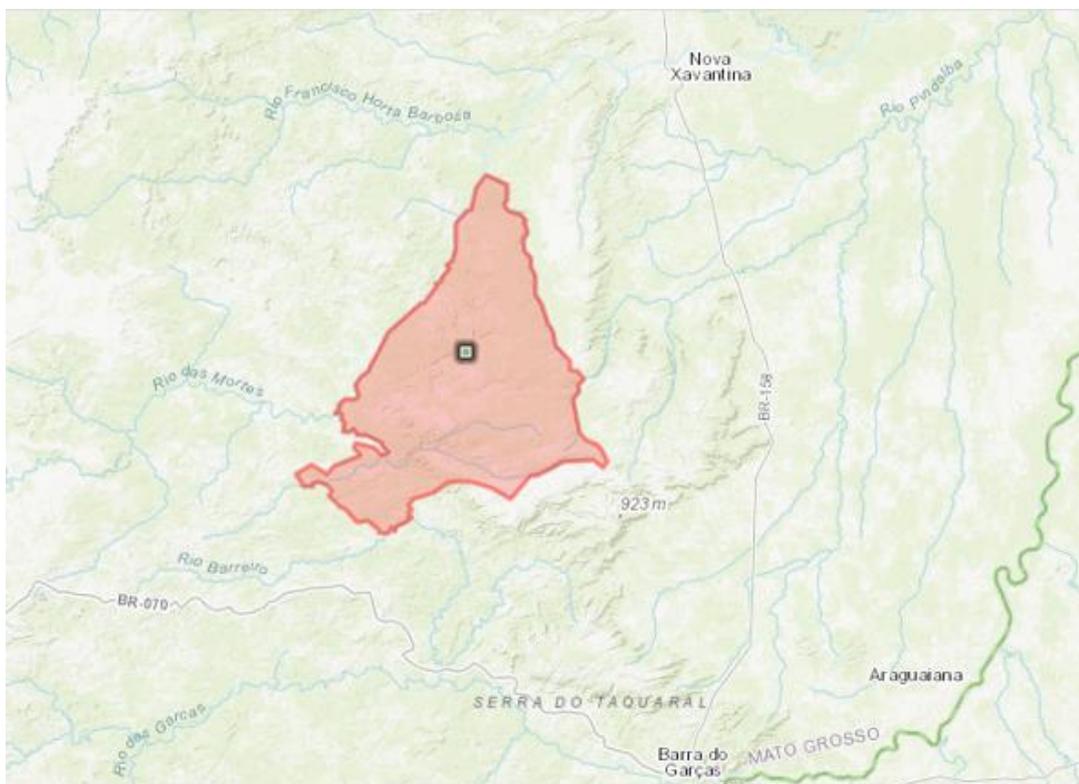
Desde início da origem, o povo A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) vivia e morava junto, numa só aldeia. Hoje, existem nove Terras Indígenas demarcadas e homologadas do povo A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico). Essas terras se localizam em diferentes regiões no estado de Mato Grosso, principalmente no Leste mato-grossense, próximas a municípios como, por exemplo, Paranatinga, Primavera do Leste, Santo Antônio do Leste, Campinápolis, Alto da Boa Vista, Água Boa, Nova Xavantina e Barra do Garças. As Terras Indígenas do Povo A’uwẽ Uptabi são as seguintes: Terra Indígena São Marcos, Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, Terra Indígena Marechal Rondon, Terra Indígena Ubawawẽ, Terra Indígena Chão Preto, Terra Indígena Parabubure, Terra Indígena Areões, Terra Indígena Pimentel Barbosa e Terra Indígena Marãiwatsédé.

As informações que tenho da quantidade de pessoas que habitam por terras são as seguintes: na Terra Indígena São Marcos, habitam 4.709 pessoas. Na Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, habitam 2.635 pessoas. Na Terra Indígena Marechal Rondon, habitam 975 pessoas. Na Terra Indígena Ubawawẽ, habitam 485 pessoas. Na Terra Indígena Chão Preto, habitam 249 pessoas. Na Terra Indígena Parabubure, habitam 8.036 pessoas. Na Terra Indígena Areões, habitam 2.088 pessoas. Na Terra Indígena Pimentel Barbosa, habitam 2.471 e, na Terra Indígena Marãiwatsédé, habitam 1.092 pessoas. A fonte dessas informações é o DSEI Xavante – Distrito Sanitário Especial Indígena Xavante, que fica na cidade de Barra do Garças, Mato Grosso. Esse Distrito recebe as informações populacionais das nove terras indígenas Xavante através dos Polos Bases instalados nos territórios.



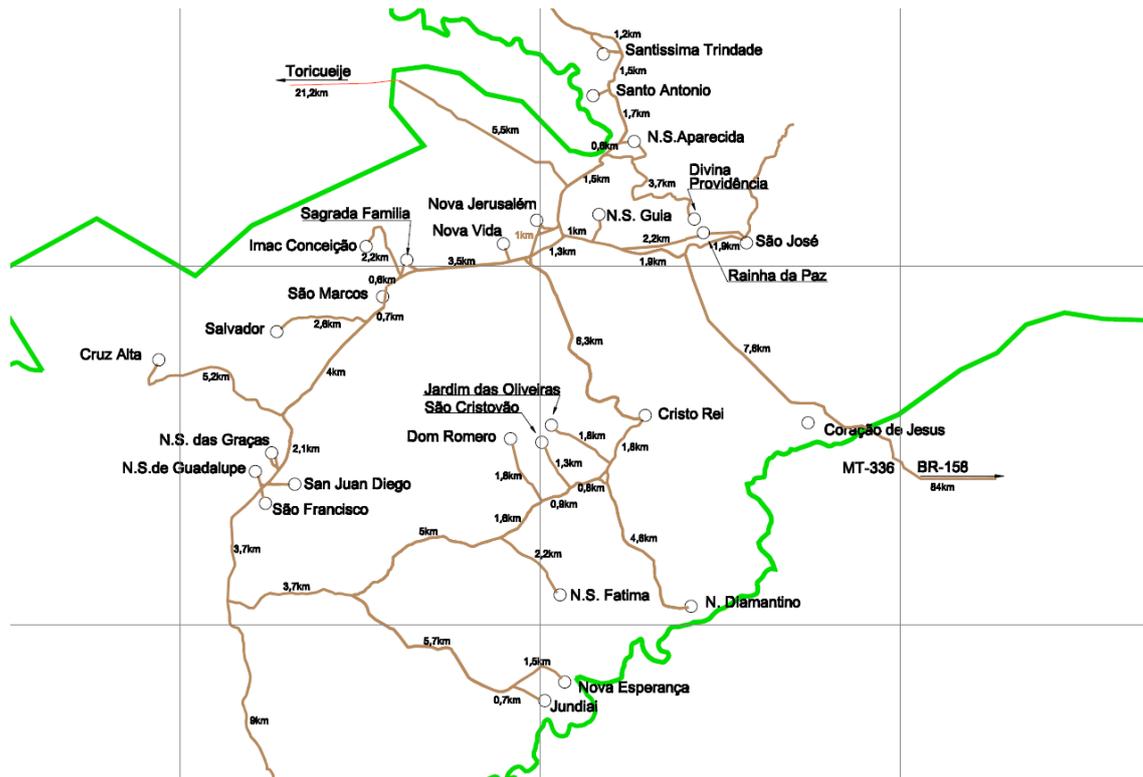
Mapa 1 - Mapa com localização das Terras Indígenas do Povo A'uwe Uptabi

Fonte: Instituto Socioambiental – ISA - agosto de 2021



Mapa 2 - Localização da Terra Indígena São Marcos

Fonte: Instituto Socioambiental – ISA - agosto de 2021



Mapa 3 - Aldeias da Terra Indígena São Marcos

Fonte: DSEI Xavante – abril de 2014

Atualmente, aqui no Território São Marcos – Terra Indígena São Marcos, localizada no município de Barra do Garças, Mato Grosso, vive um dos anciãos mais importantes, chamado Daniel Tsi'õmowê, na aldeia São Marcos, aldeia mãe. Ele tem 87 anos de idade e é do grupo Nodzö'u, grupo de idade dentro da cultura A'uwê Uptabi. A palavra “Nodzö'u” significa “milho”, é também uma denominação de grupo etário dentro da cultura do povo A'uwê Uptabi (Xavante autêntico). Essa denominação de grupo etário é para facilitar a identificação de pessoas da mesma idade e que não estão presentes os velhos, os “Ritéi'wa” (grupo recém-formado). Os grupos de idade são os grupos que foram criados depois da divisão de clãs, para competirem nas atividades culturais do povo A'uwê Uptabi, pensado por um sábio. Há oito grupos no total: Hötörã, Tirowa, Êtêpa, Abare'u, Nodzö'u, Anharowa, Tsada'ro, Ai'rere. Esses se subdividiram em quatro grupos pertencentes deste lado, que são: Hötörã, Êtêpa, Nodzö'u, Tsada'ro. Aqueles que pertencem ao outro lado são: Tirowa, Abare'u, Anhanarowa, Ai'rere. Hötörã é o nome de peixe. Tirowa é o nome de flecha. Êtêpa significa pedra comprida. Abare'u significa pequi. Nodzö'u quer dizer milho. Anhanarowa quer dizer estreme. Tsada'ro é o nome de abelha. Ai'rere é o nome de palmeira do cerrado. A principal competição desses quatro grupos na atividade cultural é na corrida da tora de buriti.

Assim, considero o senhor Daniel um ancião sábio para contar as histórias até esse tempo presente. Por isso, por meio de entrevistas feitas na língua A'uwẽ mreme, pedi a ele que contasse a história da origem do povo A'uwẽ Uptabi para este trabalho.

É de suma importância a história contada pelo senhor Daniel Tsi'õmowẽ para o povo Xavante, principalmente às novas gerações presentes que ainda não conhecem a própria história da origem e as futuras que irão conhecer essa história e também para a descolonização do conhecimento ocidental sobre o povo A'uwẽ Uptabi e sobre outros povos indígenas. Segundo a intelectual indígena do povo Maori Linda Tuhiwai Smith se expressa, “a história e seu contador servem ambos para conectar o passado com o futuro, uma geração com a outra, a terra com o povo e o povo com a história” (TUHIWAI SMITH, 2018, p. 168). Ainda conforme a parenta Maori, “grupos indígenas argumentam que a história é importante para a compreensão do presente e que a reivindicação da história é um aspecto crucial e essencial da descolonização [...]. E ainda agora, a necessidade de contar nossas histórias permanece como um imperativo poderoso de uma forma poderosa de resistência” (TUHIWAI SMITH, 2018, p. 44; 49). É neste sentido que estou trabalhando para trazer a história contada oralmente à escrita. É nisso que nós, povo A'uwẽ Uptabi, pensamos no tempo presente.

Segundo a autora, ela quer defender e mostrar os conhecimentos indígenas de seu povo, para que os não indígenas que encontrarem os fatos da vivência possam entender e compreender suas histórias do passado, do presente e visão de futuro. O seu texto está relacionado com a minha pesquisa de mestrado sobre o tema “História da introdução da escrita entre o povo Xavante”. Essa pesquisa pode trazer não somente para o povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) a história da introdução da escrita na sociedade Xavante, mas também para os não indígenas, que ainda continuam inferiorizando nossos conhecimentos indígenas.

A entrevista em que o senhor Daniel Tsi'õmowe conta a origem do povo A'uwẽ Uptabi foi feita na língua materna (Xavante), na aldeia São Marcos, em janeiro de 2021. O uso da língua indígena para esta conversa é porque ele é indígena, um ancião, e tenho que respeitar seu conhecimento de tradição oral. Por isso, entrevistei na língua materna para poder entender bem e responder de acordo com a pergunta. A entrevista foi gravada com o uso do celular e depois transcrita por mim mesmo. A entrevista foi transcrita na língua A'uwẽ mreme e também traduzida para o português. A tradução foi um processo difícil, porque na nossa língua materna (Xavante) nem todas as palavras se consegue traduzir à língua portuguesa. O processo de tradução e passagem para a escrita se realiza com o sentido das falas do entrevistado para que o leitor possa entender e compreender a realidade do fato vivido no passado e no presente.

Nesse tempo presente, é de suma importância a oralidade e as histórias contadas pelos anciãos para a manutenção cultural do povo Xavante, porém, também, tem que serem repassadas essas histórias às escritas. Com isso, ficam reconhecidos os conhecimentos do povo Xavante, bem como pode contribuir para a descolonização do conhecimento na universidade, como um espaço de convivência humana dos não indígenas. Neste sentido, é importante reconhecer, conforme Gnerre (1998, p. 52) que, “em geral, nas culturas orais a escrita não vem a substituir a memória, no máximo ela é usada como um complemento, um suporte visual de informações essencialmente memorizadas”. Por isso, concordo com as palavras de Davi Kopenawa quando ele diz que

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa mente é longa e forte. (KOPENAWA, 2015, p. 75)

Mas, como o líder Yanomami reconhece também, para que os brancos possam escutar nossas palavras, “é preciso que sejam desenhadas como as suas. Se não for assim, seu pensamento permanece oco. Quando essas antigas palavras apenas saem de nossas bocas, eles não as entendem direito e as esquecem logo. Uma vez colocadas no papel, permanecerão tão presentes para eles quanto os desenhos das palavras de Teosi, que não param de olhar” (KOPENAWA, 2015, p. 77). Assim, acredito na expressão de Davi Kopenawa. Todos os conhecimentos que tínhamos devem ser repassados através do diálogo com o waradzu (não indígena) e na escrita. Chegou o momento em que nós, indígenas que estamos vivenciando o mundo do não indígena por meio de estudos, temos que passar as histórias contadas para a escrita em língua portuguesa. Assim, o mundo não indígena poderá nos compreender no nosso conhecimento, da sociedade Xavante, como uma forma de dialogar com a universidade. Na minha opinião, é de suma importância o diálogo com a universidade no sentido de transmitir nosso conhecimento de mundo indígena de cada povo, seja na cultura e crenças, etc. Pois, dentro da universidade é que se encontram diferentes classes sociais ou de pessoas. Neste sentido, é muito importante a nossa presença indígena na universidade para tentarmos aos poucos expandir nosso conhecimento indígena e diminuir as visões diferentes dos colonizadores.

Como mencionado, utilizo nesta pesquisa uma metodologia de pesquisa narrativa. Pela minha compreensão, a pesquisa narrativa é onde o pesquisador busca as informações precisas,

através de contação de histórias por pessoas entrevistadas, oralmente. Essa pessoa entrevistada narra ou conta quando for perguntada e precisa ter boas memórias para narrar os fatos anteriores e de sua época de vivência. Mas, há ainda outras concepções de autores(as) não indígenas sobre a pesquisa narrativa e que traz outras realidades de conhecimento, além de histórias contadas. É através da simplicidade do pesquisador e com aviso prévio de pessoa a ser entrevistada, na data determinada, que as conversas com os anciãos se iniciam. Nesse sentido, as conversas e entrevistas com os anciãos colaboram na construção desta narrativa, que buscarei organizar de acordo com os objetivos desta pesquisa.



*Foto 1 - Senhor Daniel Tsi'omowê - Aldeia São Marcos – 31 de janeiro de 2021. Foto: Autor.*

### 1.1. Uma história da origem do povo A'uwê Uptabi

Segundo o ancião Daniel Tsi'omowê narrou, a origem do povo Xavante foi do pauzinho, isto é, se originou do corte de dois pauzinhos. Ninguém sabe exatamente o tempo e o espaço da origem do povo Xavante. Pois, não havia história escrita desde a origem, até então. O povo Xavante não foi criado naturalmente. Para o Daniel Tsi'omowê, narrador, talvez o “Wapótó'wa” (nosso criador) cortou dois pedaços de pauzinhos e colocou-os no chão, assim falava a sua

história. Os dois cortes de pauzinhos não são brancos e sim listrados com vermelho no meio. Foram postos no lugar bem limpo os dois pauzinhos, no chão. Não ficaram num terreno sujo de capim. Como mostra a ilustração da origem:



*Figura 1 - Os dois pauzinhos que deram origem ao povo A'uwe Uptabi. Ilustração: Mário Covas Tseredza'u Tsi'ômowê*

Quando estavam no chão os dois cortes de pauzinhos, no meio de um terreno limpo, o “Wapótó’wa” (nosso criador) disse a um corte de pauzinho para se levantar e chamou: “Butsé, levanta-te”. Então, de acordo com o chamado, o primeiro corte de pauzinho se levantou. Sendo assim, um corte de pauzinho tornou-se uma pessoa. Depois, chamou outro corte de pauzinho: “Tsa’amri, levanta-te”. E ele se levantou. Os dois ficaram em pé e se olhando um para o outro, se perguntando de onde que apareceram e chegaram assim para se tornarem na forma de ser humano, de pessoa. Os primeiros criados foram bem nomeados. Essa nomeação não foi dada pela pessoa ou gente comum. E sim dada pelo “Wapótó’wa” (nosso criador). Segundo o narrador, não viram alguém que o chamaram no momento da criação. Somente escutaram uma voz. Era uma voz muito grossa. Os dois se levantaram por obediência ao seu criador.



Figura 2 - O primeiro pauzinho se levantando. Ilustração: Humberto Tseré'ubuté Tsi'õmowě.



Figura 3 - O primeiro pauzinho ficando em pé. Ilustração: Humbert Tseré'ubuté Tsi'õmowě.



Figura 4 - O segundo pauzinho se levanta. Ilustração: Humberto Tsere'ubuté Tsi'ômowê

Depois de serem criados, os dois viveram pouco tempo. Talvez, por não se sentir bem ou contente com seus criados, por conviver somente homens, o “Wapótó’wa” (nosso criador) pensou de criar as mulheres. Pela história que o narrador ouvia dos nossos antepassados, os dois primeiros criados não sabiam e nem conheciam sobre como nasceram as mulheres. Mas, pela compreensão de contexto das mulheres que nasceram, eram consideradas suas esposas. Quando as encontraram, levaram-nas e construíram um abrigo para ficar e viver durante suas vidas. Eles viviam com muito respeito uns com os outros. Não tinham ideias de relacionamento sexual mesmo tendo as duas mulheres. Porém, a ideia do “Wapótó’wa” (nosso criador) era para fazer relação de sexo com os dois pares para se criar e multiplicar. Pois, como não sabiam do sexo, continuavam se respeitando desde os princípios do povo A’uwê Uptabi (Xavante autêntico). Com o respeito entre eles, ficavam sem fazer o relacionamento sexual. De acordo com a história contada, ele contava também a mesma história o que ouvia e escutava. Por não ter conhecimento de relação sexual desde a origem, os homens se faziam relação sexual no “wede’rere”<sup>1</sup>. É com isso que faziam. Essa não é uma brincadeira, é coisa séria. Quando se escuta isso em outro lugar não pode rir e nem brincar como se fosse coisa fácil. Os “wede’rere” sangravam os pintos ou

<sup>1</sup> É uma denominação do tipo de madeira que tem um buraco na parte interior. Com esses buracos que os A’uwê Uptabi primeiros faziam sexo.

pênis dos homens. Eles ficavam com sangramento por causa desses “wede’rere”. E, diziam que eram muito doídos.



*Figura 5 - Os dois pauzinhos ficaram em pé e se olhando um com outro. Ilustração: Humberto Tsere’ubuté Tsi’ômowě*



*Figura 6 - Momento de encontro das mulheres. Ilustração: Mário Covas Tseredza’u Tsi’ômowě.*

Daí, os primeiros homens criados pensaram de chamar os outros para se reunirem no centro da aldeia, a fim de separar-se entre eles. Pois, tinham sofrido a dor do pênis, pois não tinham mulheres para ter relação sexual. O primeiro nascido, chamado Butséwawê, pensou em chamar no grito os outros companheiros a comparecerem no centro da aldeia. Todos compareceram e os dois primeiros nascidos levantaram em pé, ficando em lados opostos. Daí, o segundo nascido, que é Tsa'amriwawê perguntou o Butséwawê: “Por que chamou no grito os outros? Para que?”. O Butséwawê respondeu o Tsa'amriwawê: “Não é à toa que estava chamando os outros no grito. Não é à toa que estava chamando os outros no grito. É porque já sofremos muito da dor de pênis como não tínhamos mulheres. Por essa razão, estava chamando os outros no grito para colocar proposta ao público”. Então, o Tsa'amriwawê respondeu que estava de acordo com a proposta do Butséwawê. E, dizendo que todos nós já sofremos as mesmas coisas com essa dor de pênis. O Tsa'amriwawê continuou perguntando o Butséwawê sobre qual seria a proposta. Butséwawê respondeu que era para se dividirem e estarem em grupos opostos, designando o seu grupo como “Pó'redza'õno” (girino). O Tsa'amriwawê concordou com essa proposta do Butséwawê e se designou como “Öwawê” (Rio grande). Foi assim que se designaram os primeiros criados do povo Xavante. Porém, os outros que estavam ali inclinaram-se suas cabeças por amizade um com outro, porque não queriam que ficassem separados ou divididos.

A partir de então, os primeiros criados se separaram e, em seguida, o Butséwawê solicitou às pessoas para que escolhessem ou decidissem por um lado, homens e mulheres. Mesmo tendo amizade um com outro, eles decidiram escolher. Daí surgiu essa nomeação de clãs, “Pó'redza'õno” (girino) e “Öwawê” (Rio grande). Antes, viviam juntos e não havia separação ou divisão de clãs. Depois desta divisão de clãs é que iniciou-se o casamento do povo Xavante. Desde a origem do povo, todos se consideravam irmãos ou irmãs e se respeitavam muito uns com outros/as. Também por consideração de irmãos ou irmãs não se realizava relação de sexo e viviam respeitosamente. Talvez por esse motivo que deu a organização de clãs, para poder facilitar o diálogo entre eles, ambas as partes. Da mesma forma também para realizar casamento com outro clã e, posteriormente, fazer relacionamento sexual. A organização de clãs ocorreu no centro da aldeia, o “warã”. Ali se dividiram os clãs do “Po'redza'õno” e “Öwawê”. O homem Po'redza'õno casa com a mulher Öwawê e homem Öwawê casa com a mulher Po'redza'õno. E, ainda para ter o grande respeito do clã Po'redza'õno com o clã Öwawê, vice-versa.

Aqui, é importante mencionar que, para o povo A'uwê Uptabi, os clãs são as divisões sociais do povo que se denominam: “Po'redza'õno” (girino) e “Öwawê” (rio grande). Essa

divisão é de grande importância para meu povo para que se tenha respeito um com outro. Porque, nessa divisão, ocorre o cruzamento de indivíduos dentro da cultura, no casamento. Cada clã possui um símbolo e esse símbolo é pintado na face dos meninos que participam da luta ritual, onde um clã se defronta com outro. Essa luta, chamada “Oi’o” (luta dos meninos), é carregada de sentido simbólico. Cada menino é obrigado a bater em outro da metade oposta e vice-versa, com a finalidade de dirimir as tensões que surgem entre as metades. Desde pequenos, os meninos participam dessa luta, de ambos os clãs. Nessa luta que se percebe a bravura e coragem dos meninos, tanto o “Po’redza’õno” quanto o “Öwawẽ”. Nessa forma educativa, os meninos aprendem a lutar sem guardar raiva e, quando crescerem, não brigarão com os da metade oposta. É só no “Oi’o” que permanece essa luta, dentro da cultura do povo A’uwẽ Uptabi. Com relação a pintura, não tem especificidade para cada um dos clãs. A pintura de cada um depende do corpo que apresenta, a estatura, a forma corporal, gordo ou magro. Não existe a pintura específica para os dois clãs. Os símbolos que identificam os dois clãs são estes:



*Foto 2 - Pinturas para os clãs A'uwe Uptabi. Foto: Autor*

Voltando à narrativa, foi só a partir dessa divisão que começou a haver relação sexual com as mulheres, em ambos os clãs. Com isso, os nossos antepassados viviam com muito respeito entre os clãs. Assim aconteciam os casamentos do povo Xavante. E, vinham aumentando a geração do povo Xavante em número elevado de pessoas.



*Figura 7 - Momento da divisão de clãs. Ilustração: Mário Covas Tseredza 'u Tsi'õmowẽ.*

Assim, com os homens fazendo a relação de sexo com elas, as pessoas se multiplicaram. Desde o início da origem do povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico), todos se consideravam como irmãos. Como se fossem irmãos de uma mãe ou família. Por isso, se respeitavam, porque se chamavam de irmãos. Um ancião "Hitsé", contador de história, é que contava essa história da origem do povo Xavante. Ele gostava muito de contar a história, segundo Daniel Tsi'õmowẽ. Ele relata que os colegas dele dormiam de sono por escutar a história. Mas, ele não dormia, escutava e olhava na boca dele. Dizia que ficava atento para captar bem a história contada. Ele sabia que essa história é muito antiga e não nova. E, ainda afirma que ele corrigia essa história, conforme o que escutava. Por isso, disse que ele próprio não pode inventar essa história da origem do povo Xavante. De acordo com a história contada que escutava, ele conta atualmente, enquanto permanece vivo. Para os antigos Xavante, o "Wapótó'wa" (nosso criador) que é Deus, é conhecido para os nossos antepassados.

O povo Xavante foi criado com dois cortes de pauzinhos. Talvez, por esta razão, o povo Xavante usa-se os pauzinhos na orelha. Assim, há alguma relação entre esta história de origem com o ritual de furação de orelha. Em nossa cultura, o ritual de furação de orelha é uma passagem de vida de adolescência à vida adulta. É de suma importância esse ritual para o povo A'uwẽ Uptabi. Para isto, se inicia a vivência do adolescente durante cinco anos ou mais de

reclusão na casa própria, denominada “Hö” (casa de adolescente), afastada um pouco da comunidade. Isso depende da convivência entre eles na vida de adolescente, levando a sério os seus comportamentos. Nessa casa, recebe sua educação, dos padrinhos que aconselham e dos velhos pertencentes ao grupo de faixa etária, para a vivência na comunidade, depois de receber a furação de orelha. Existem cerimônias importantes depois de furação de orelha onde o pré-iniciado à vida adulta cumpre suas obrigações, de realizar todas as atividades culturais até ser chamado de “aibö” (o homem). Só a partir disso que se torna independente, após cumprirem todas as etapas ou fases de atividades culturais do povo A’uwẽ Uptabi.



*Foto 3 - Momento da furação da orelha. Foto: Nilson Tserewatsa Tsa'é'õmo'wa*

É por isso que na história contada pelo ancião Daniel Tsi'õmowẽ os dois primeiros homens A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) foram criados com dois cortes de pauzinhos. Isso faz relação com o ritual de furação de orelha dos pré- adultos iniciantes para recebimento do furo de orelhas. Após esse recebimento de furação de orelhas, tornam-se homens, livres e independentes. Conforme a história de origem, esses novos adultos iniciados usam sempre os cortes de pauzinhos nas suas orelhas, bem como também para a criação dos seus filhos. Isso confirma a história de origem do nosso povo Xavante.

Antigamente, os nossos antepassados guardavam os cortes de pauzinhos dentro de uma cabaça. Eles enchiam a cabaça até a boca com os cortes de pauzinhos. Eles colocavam os novos cortes de pauzinhos na orelha antes de realizar a relação de sexo. Os nossos antepassados não

faziam relacionamento sexual, diretamente. Primeiro, tirava os dois cortes de pauzinhos da orelha e pedia ao “Wapótó’wa” (nosso criador) no céu para que entregasse uma criança sadia e forte ao nascer. Portanto, o povo Xavante vinha nascendo sadio e forte, fisicamente. Com esses dois cortes de pauzinhos, os nossos antepassados trabalhavam no sentido de relação sexual para o nascimento da criança. Quando se relacionavam, os nossos antepassados sempre limpavam em volta das casas para que nascessem as crianças com saúde e fortes.

Porém, hoje em dia, as novas gerações fazem relacionamento sexual direto, sem terem preces ou cumprirem a cultura antiga que os nossos antepassados vinham praticando. Isso foi se perdendo com as novas gerações. Não se limpavam e as casas ficavam sujas, nascendo capim. Por isso, as crianças nasciam com algumas deficiências físicas, afirma o Daniel Tsi’õmowê. Neste sentido, o nascimento das crianças piorou e ficaram pequenas de estaturas e magras. Com o pedido ao “Wapótó’wa” (nosso criador), as crianças que nascem são grandes e sadias.

Para o ancião, os primeiros criados Xavante eram fortes. Ele afirmou também que, na sua época, quando cresceu e viu com seus próprios olhos, os antepassados eram peitudos, coxas e pernas grossas. Assim os Xavante antigos nasciam, porque faziam suas orações ou preces ao “Wapótó’wa” (nosso criador).

A seguir, apresento a narrativa contada pelo ancião Daniel Tsi’õmowê também transcrita por mim em nossa língua A’uwê Uptabi.

### A’UWÊ POTO NA’RADA

Ãne, ãne wa te ’re dawapari ’wa. Wapoto na’ratadzé hã, marĩ na õ di. Wedehu nhihõri na wapoto na’ratadzé hã. Wedehu nhihõri, taha ta, wa ãma ’re wapo’re wa’õmo dza’ra, tô dadzarina wa’aba. Tô romhõimana na’rata dzarina date ãma ’re romhuri dza’ra wa’wa. E marĩ na hã romhuri. Dapoto dzô, wapoto da date ’re romhuri dza’ra wa’wa.

Õné haré date ’re romhuri dza’ra mono õ di. Te a’õ date ’re rowaptêrê dza’ra wa’wa hõiwa na’rata u. Õwa, date ’re rowaptêrê dza’ra wa’wa wapoto’wai wi. Wapoto’wa hã a’uwê ma iwaihu’u tsiró. Taha dzarina hã te oto ’re dahõimana dza’ra wa’wa, wa dzô, ãne. Õné haré dahõimana õ di, mare di. Taré nimotsi hã te oto ’re dahõimana dza’ra re.

Taha wa, ma dapodo hã aiwam na ma tí’ra re dapodo hã, dapodo hã tsyry re di. Õhõ rowaptêrê dzarina dapodo hã, dapoto dza’êtê di, dapoto dza’êne. Tô dapoto ’rata ’wa hã idapoto dzarina te dapoto dza’ra. E a’uwê tsiré hã ãdapoto’wa hã da ãma ’re ãwanhopré mono hã e ãdanho’utu’ra re. Tuuu! Aibõ ãtsõ’utu dza’êne. Aibõ ãdzaiwawê, ãte dza’êne, ãne dahõimanadzé

hã. Taha dzarina hã date 're romhuri dza'ra wa'wa, wa dzô. Wapoto na'rada hã, e ðné haré dapoto aba bö. Wedehu nhihöri, wedehu wa'ðno dapo're wa'ðmo da ïwa'ðno.

Taha dzarina te 're dahöimana dza'ra wa'wa. Tané, ma wapoto'wa hã tsaretse ãna wedehu hã 'mai wa'õtô ni áté. ãné, te rowatsu'u hã 're höimana. Wedehu nhihöri hã ïwaihirã ð di, mare di. ïwam narĩ ré, ïwawi ré, dapo're wa'ðmo nherë ïwawi, ïwawipré. Tané hawi ma tapoto aba ni. Wamroi petse wa te wedehu nhihöri da'wa. Wamroi petse wa, ro'wa'rutu re 'rowi tsa'wari ð di, mare di.

Taha dzarina hã date wa dzô 're romhuri dza'ra monomhã date 're wamroi petse dza'ra wa'wa. Wamroi petse na wamroi u'ö ai'uté potô wë da. ãhã ma tsimani dapototé wi. ãhã tsipararĩ ð di, 'ri pararĩ ð di. Ro'wa'rutu 'rowi te dapoto dza'ra re. Taha wa, ïdapoto watsété ré. Wamroi pe, tô romhöimana na'rata dzarina. ãné, te dawatsu'u wa'wa 're höimana.

Taha wa, wamroi petse wa'wa te wedehu wa'ðno da'wa, wedehu wa'ðno da'wa. Wamroi petse re wa, ro'wa'rutu 'rowi tsa'wari ð di. Tawamhã, ma oto wedehu wa'õtô ma nharĩ ni. Áté, wapoto'wa te tãma nharĩ ni wedehu wa'õtô ma. Te 'mahörö ni ma danhitsi wë ni. ãhã, a'uwë nhimi nhitsi ð di, dapoto na'rata hawi danhitsi. Da te ïda 'mahörö aba dzé. Te da'mahörö aba ni: Butsé ai'utu! Tawamhã, wedehu wa'õtô nherë ma a'uwë oto udu. Oto duré dahöiba amo hã: Tsa'amri ai'utu! Ma ta utu aba ni. Te 're datsi'madö'ö 'wa. E ma hawi a'uwë ma aimatsitsi. E ma hawi a'uwë te 're datsi'madö'ö 'wa. Tadza hã, da'mahörö aba 'wa hã da te tsãmri aba ð di. Damreme tsi ma wapari aba ni. ïdamreme dza'ëtë uptabi u, damreme dza'ëtë uptabi. Taha dzadawadarina ma ta'utu aba ni, a'uwë oto. Tahã, te 're dahöimana 'wa. Tadza hã, áté aibö tsi wa da'madö'ö dzei ðre wa. Oto pi'ö tsi da te tsa'retse aba ð di, datsi tsa'retse dza'ra wa'aba ð di. Pi'ö hã, dadza'retse ãna ma tapoto aba ni. Da te wa'aba da nherë, tane nherë, datsiwadzé wa'aba di. Datsiwadzé wa'aba di. Nare datsi tébré aba da hã nherë. Tô wahöimanadzé, wahöimanadzéb u'ö a'uwë tsitséb di tô. Taré nimotsi ma danhitséb ð. Taha wa, datsiwadzépte wa'aba te taré 're dahöimana dza'ra wa'wa. Tadza hã, ma oto tsa'retse ãna tsinahö, a'uwë tsinahö oto. E niha dza. E niha dza romhöimanadzé hã. Tsitsãnawã tsi wa, datsitsãnawã dapoto na'rata hawi hã, datsitsãnawã tsi. Datsitsëmeptsi dapoto ne hã, tsiwadze uptabi di. Uburé te tsina 're tsitsãnawã dza'ra, ãne. ãne, wa te 're dawapari'wa rowatsu'u 'wa hã ïpoto'wa Hitsé hã. Hitsé na danhitsi hã da te wama 're ïrowatsu'u mono hã. Da te ïrowatsu'u wë uptabi, rowatsu'u na da te 're wa 'mapãrĩ, dza wanhoto dza'ra ni. Tadza hã, wa hã, ïnhotô ð di dza, wa dza dawapari u'ötsi. Wa dza da'madö'ö u'ötsi damreme u. Wa dza da'madö damreme u. ãhã wa te te 're ro 'mahörö. Rowatsu'u 'rada, rowatsu'u tém ð di. Rowatsu'u 'rada, wa te 're apetse. Tô ïtsari na wa te 're apetse. Da'uihöna hã maĩ tsipti waihu'u ð di, ãne. Tawamhã, e niha tawamhã. E ðne haré te datsina 're dahöimana dza'ra wa'wa. Mare di, datsiwadze wa'aba di,

datsiwadzéptsi wa'aba uburé. Tô rowatsu'u dzarina wa dza te 're ro'mahörö, tô ïdzéma âma ïmreme wadzéb di. Taré tô, tô ïtsarina, rowatsu'u dzarina da wa tô te 're arowatsu'u. Datsina dadzapa'a aba mono õ di. Datsiwadzépte wa aba, datsitsânawã tsiwa, âné. Ñne, romhöïmanadzém na 'rada hã. Wedehu hawi a'uwẽ ïpodo, wedehu hawi. Wedehu hawi ma a'uwẽ podo, ma tapoto aba ni. Õ hõ, waradzu nhimi rowatsu'u hã tipoto na'rada waradzu te 're ïwatsu'u dza'ra mono hã. Tahã, ti'a na, ti'a na ma waradzu hi'rada hã dapoto aba ni, ti'a na. Rowatsu'u amo wa oto wa te dawî waihu'u ti'a na ma tipoto dzahuré.

Tadza hã, a'uwẽ hã wedehu na, taha dzarina te wahi'rada hã wedehu wa'õno u'mre 're da te 're 'matsitsi dza'ra wa'wa. Ro 'manharî nhidöpötsi te dza ïté tsuma tidza. Taha parimhã, õne haré te ro 'manharî õ di dza, mare di. Te dza a'õ pahamri, höiwa'u, dza rowaptẽ dapoto 'wai wi dza rowaptẽ.

Aibõ ïhöiba pe hã da te dama 're tsõmri dza'ra mono da, âne. Ñne, te dawatsu'u wa'wa 're höïmana. Taha wa, a'uwẽ hã ïpoto wẽ. Tadza duré õne haré datsina 're dapabdzuri dza'ra mono õ di, mare di. Taré te 're danomro 'wa, taré te 're danomro 'wa.

Danhimi rowatsu'u dzarina wa te te 're rowatsu'u wadzém nherẽ. Ñma ïmreme wadzém nherẽ. Datsina 're dapabdzuri aba mono õ dzarina hã, wede'rere. Wedewaihõ're, taha na, te 're datsaihuri re wa'wa, taha na. Ñhã nimomo 're wapari dza'ra monomhã âma 're ato dza'ra mono tõ. E datodzé bö.

Wede'rere hã ma te te danhihöiwata wapruî wa'wa. Danhihöiwata wapruî 'rowi te 're dahöïmana dza'ra wa'wa. Tahã, da te 're tsépata dza'ra wa'wa, âne. E tsé ã bö, tô ïbö da te 're tsépata dza'ra wa'wa, âne. Ñhã wa, ma duré dapoto 'rata 'wa hã duré rotsa'rata aba ni. Ma rotsa'rata aba ni.

Pi'õ õne, dahödze da te 're tsépata mono wa. Ma duré dapoto 'rada hã, da te ïda'mahörö 'rada hã Butsé hã rotsa'rata ni. Taha wa, te warã ni: Kai, kai, kaa, kaa. Warã ma duré ropibui præi re. Te warã ni, ma datsito wa'wa.

Ma te tiwahutu dzahuré tsi're aba hi'rada Tsa'amri wawẽ ma tawahutu ni. Ma da'uiwada ni. Te dadzadanharî: Té taré te warã-te, té taré te warã-te. Taré te warã õ di, taré te warã õ di. Pi'õ õne, pi'õ õne ïhödzé te 're tsépata mono wa, ïhödzé te 're tsépata mono wa. Tawa warã-te, tawa warã-te.

Tane dzapre, tane dzapre. Tô aiwaptsi, tô aiwaptsi wahödze wa te 're tsépata-te, wahödze wa te 're tsépata-te. Té niha rom na dö'õ bö, te niha rom na dö'õ bö. Ñhe, âne wa rom na ïdö-te, âne wa rom na ïdö-te. Watsi'uiwada mono da, watsi'uiwada mono wa. Watsi wamri da.

E niha rawamhã. E niha tawamhã te tsi'madö. Ñhe, âne wa ïtsi'madö. Wa dza ïtsi po'redza'õtö-te, wa dza ïtsi po'redza'õtö-te. Tane dzapre, tane dzapre. Te niha te tsina tidö'õ-

te, tsina tidö'ö-te. Īhe, āne wa dza ĩtsi wamri, wa dza ĩtsi wamri. Wa dza ĩtsi öwawē-te, wa dza ĩtsi öwawē-te.

Āne, ma tatsi wamri na'rata aba ni ĩpoto 'rata dzahuré. Tawamhã, ma ta 'rãirere'e aba ni. Tsitsawi-te, tsitsawi-te, tsiré 're höimana u'ötsi mono ne dza hã āne da te rotsa'rata aba wa. Datsiré dza tô 're dahöimana dza'ra wa'wa. Taré tsi'uiwada mono da. E marĩ da. Tsi'uiwada mono wamhã, oto tsina 're mro dza'ra mono da. Oto õne haré datsina 're dapabdzuri dza'ra aba mono da.

Āhã da, āhã da te warã aba ni, āne. Tawamhã, ĩdatsiwamri hã Butsé hã te rowaptērē ni. Ma āpé, ma āpé atsimã waprotsi aba mono, atsimã waprotsi aba mono. Datsitsawi nherē ma da te datsimã waprotsi. E duréi hã dapotopo bö, tsitsānawãtsi nherē. Tô aiwaptsi dapoto wa, tsina 're tsitsānawã dza'ra mono wa tsitsawi nherē ma te te tsimã waprotsi. Da te datsimã waprotsi'wa, da te datsimã waprotsi'wa. Wa hã, wa dza ĩtsi po'redza'õtö. Īhe, a hã, atsi öwawē na 're watsi'umnhatsi mono da. Marĩ na õ nherē dza u 're datsi'umnhatsi dza'ra wa'wa, āne.

Tawamhã, ma datsimã datsipo'ö 'wa. Taha waptsi, ma oto datsina damro wa'wa. Āhã wa, te oto dapodo hã mo. Āhã wa, ma oto datsitébré, āne. Oto datsipo'ö mono wa, ma datsipo'ö, ma da te datsimã waprotsi. Tsitsawi nherē, ma te te tsimã waprotsi, āne.

Öwawē hã ahö uptabi di. Po'redza'õno umro di, umro prãti. Tô datsitsawi-te, datsitsawi-te datsina 're datsipra dza'ra mono wamhã umro ba'adi. Po'redza'õno umro di, da'umro wa'aba di. Tane nherē ma tsitsada tsitébré wē. Taha wa, te oto datsina damro dza'ra. Datsi'uiwada na 're damro dza'ra.

Po'redza'õtö nhohidiba hã öwawē tsi aibö na te oto 're mro dza'ra. Duré öwawē hidiba hã po'redza'õtö tsi aibö na te 're mro dza'ra. Wa āma 're mro dza'ra. Watsina 're wamro dza'ra. E āhãna tsi bö duréi nherē ma watēme wi oto. Awa'awi hã, oto 're höimana datsi'uiwada na hã. Datsitsada ĩdatsipo'ö hawimhã. Oto datsina 're damro dza'ra. Taha dzarina hã datsina 're damro dza'ra. Ā hawi, te oto datsitébré hã mo.

A'uwē tidza'ētē oto, pi'õ na datsina 're damro dza'ra mono wa. Āté, õ hõ dapo haré tsi 'wa'ö hã, até até até niha. Waihu'u õ di āhã, até até niha 're dahöimana dza'ra. Taré oto datsina damro mono wa te oto dapodo hã mo. Ma oto datsitébré, āne. Āne, te rowatsu'u 're höimana.

Āhã rowatsu'u 'rada wa aima watsu'ure. Nimomo da te 're wapari dza'ra monomhã, tsi'uihöna tsi niha ni'wam norĩ niha te 're robdzanhamri dza'ra. Dza te 're robdzanhamri dza'ra. Duréi pé, duréi a'uwē te 're rotsa'rata dza'ra mono bö. Dza āne waptsi bö, marĩ 're tsihöi'ré dza'ra monoptsi bö, dza te 're robdzanhamri dza'ra.

Duréi te aré ni'wa te 're rotsa'rata. Wa hã, wa te 're rotsa'rata u'ötsi marĩ 're höimana u'ötsi mono da. Marĩ te 're a'mahörö mono da. Tsimani tõ mono da, āne. Āne, wa hã inimi

rotsa'rada hã, ãnhimi rotsa'rata mono hã. Marĩ dza tã tsimani. Apto'õ ré hã marĩ dza tsimani, ãne. ãhã tá, dapoto na'rada.

Ïpoto na'rata dzahuré hã Butsé hã. Wa niwi hã po'redza'õno Butsé hã. Öwawê Tsa'amriwawê hã, öwawê hi'rada. ãne, aihĩ'rada hã atsima 're watsu'u petse dza'ra mono. ãhã dzarina, te tã dapoto na'rata hawi datsina ãdatsipo'õ hawi wa 're wahõimana dza'ra. Watsi'uiwada na 're wahõimana dza'ra.

ãne wa, airo mono bö 're atsiwadzéb dza'ra mono, tã ropoto dzarina. Rom na 'rata hawi ropoto dzarina, ãne. Ta hã, wa watsima watsu'u re ni. Ni'wa te ãma 're rotsa'rata mono öwa. Ni'wa te ãma 're rotsa'rata mono õ di. Wanhimi dza'retse õne wa te dza ro'mahörõ ãna, rowatsu'u na ãsihõtõ na diptsu'u waradzu hã dza te wa ãma ai'uté.

Wa te hã, marĩ hã 're hõimana mono nherê. Taré tsada ãwahõimana õre. Wanhimi rotsa'rata õre, ãne. ãne, wa watsima rowatsu'u re ni. ãne, ma dapodo hã ti'rãtsutu. Da'uihõna te oto datsitébré hã mo. ãhãta, dapoto na'rada.

## 1.2. A minha história de vida até chegar no mestrado

Em 08 de março de 1969, nasci, às 17h00, na aldeia São Marcos, município de Barra do Garças – MT. Sou filho de Francisco Moritu e Bibiana Rebudu. Após nascer, a primeira coisa que conheci foi a amamentação de minha mãe. Eu pertencço ao clã “Po'redza'õno”, porque o meu pai é do clã Po'redza'õno. Através do pai que acontece o pertencimento de clãs do filho ou filha entre o povo A'uwê Uptabi (Xavante autêntico). A importância dos clãs para o povo Xavante é ter grande respeito de ambos os clãs, Po'redza'õno e Öwawê. E, também, para a realização de casamento entre o povo.

Comecei o meu aprendizado na minha língua materna A'uwê mreme, a língua xavante, aos 3 anos de idade. A língua Xavante pertence ao tronco linguístico Macro-jê e à família Jê, segundo classificação do waradzu. Lembro na memória que o início de aprendizado na língua materna foi com ensinamento de minha mãe a falar e depois com os colegas. Quando me tornei menino, sempre andava de estilingue, caçando os passarinhos no mato. Escutava os gritos de passarinhos e sabia os nomes desses passarinhos que meu pai nomeava. Porém não conhecia todo pássaro que encontrava no mato.

Em 1978, aos dez anos de idade, comecei a estudar na escola onde nasci e cresci na aldeia São Marcos – Terra Indígena São Marcos, localizada no município de Barra do Garças, Estado de Mato Grosso – MT. Na época, o sistema de educação escolar era diferente do que na atualidade. A educação era numa escola multisseriada, com duração de dois anos na mesma

série, ensino primário. A série inicial do ensino primário ou fundamental se fazia com dois anos de estudos, de 1ª à 4ª séries. Durante oito anos de estudo, os professores que davam aulas me elogiavam por ser um aluno inteligente e educado até no meu comportamento. As lembranças que ficam na memória com relação ao meu aprendizado da escrita no ensino fundamental, ensino primário, foram de um momento que recebi a premiação de bola de campo de futebol, promovida pela professora Ir. Eza. Durante os estudos, fui aprendendo e aprimorando meu conhecimento para a minha vida pessoal. Com meu aprendizado da escrita o que marcam as lembranças foram os serviços prestados nas instituições, como por exemplos, escola da aldeia e FUNAI – Fundação Nacional do Índio, em Barra do Garças, MT.

Aos dezessete anos de idade, em 1986, comecei a estudar nas séries seguintes por um ano, de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, denominado ginásio. Durante a minha vida estudantil, nunca desisti e nem fui reprovado quando estudava. Desde a época, já era pai de família, mesmo assim queria tanto continuar estudando. Três anos depois, concluí o ensino fundamental, de 1ª à 8ª série, dentro da minha aldeia. Sempre fui um aluno excelente, tirava notas boas quase em todas as matérias, de modo especial na matemática. A matemática é uma disciplina que gostava muito de aprender, saber fazer cálculos de contas de problemas.

Na época, o professor de matemática era o Pe. Alfredo Hidler, salesiano missionário, da congregação de Dom Bosco, o fundador. Depois de concluir o ensino fundamental na aldeia, como não tinha ainda o ensino médio, fui estudar na cidade de Barra do Garças-MT. Naquela época, não tinha o ensino médio, o 2º Grau, na aldeia São Marcos e saí da aldeia para continuar o estudo, fazer o ensino médio na cidade de Barra do Garças, MT. Aí comecei a estudar no colégio Dom Bosco, escola particular dos missionários salesianos, em 1989. Enquanto estudava na aldeia, dialogava com os professores não indígenas, dentro e fora da sala de aula, sobre algumas dificuldades de palavras desconhecidas encontradas. A partir daí me senti experiente de aprender um pouco e comecei a pensar de sair da aldeia para continuar os estudos na cidade. Pois, a ideia que tinha era continuar os estudos na cidade para aprender, somar com outros conhecimentos da sociedade não indígena. Percebia que a vivência na cidade é bem diferente da vivência na aldeia, porém, o que me importava era a busca de aprendizagem de outros conhecimentos no estudo.

Um ano depois, fui estudar em Goiânia, na escola particular chamada Colégio Palmares e fiquei só no primeiro semestre. Neste período, já tinha duas filhas. Com isso, ficou pesado para mim frequentar os três anos longe da família e não continuei estudando no segundo semestre. Apenas estudei do primeiro semestre até o mês de férias, em julho de 1990. Depois não voltei mais à Goiânia-GO. Ali resolvi estudar mais perto da minha família, porque é difícil

ficar longe dela. Então, fiz a minha matrícula na cidade de Aragarças-GO, na Escola Estadual de 1º e 2º graus “Dr. Rubens Corrêa de Aguirre”. Nesta cidade já tinha a Casa de Saúde Indígena e ali ficava durante o estudo com outros colegas estudantes indígenas. Em 1991, comecei a estudar. Durante os cursos do 1º, 2º e 3º anos, entendia um pouco a língua portuguesa, mas não me expressava muito em sala de aula. Durante os três anos de estudo no 1º, 2º e 3º anos, não fiquei de nenhuma disciplina como pendência e nem levei nenhuma reprovação de disciplina. Sempre passava de ano seguinte até o último ano de estudo. A minha relação com a língua portuguesa na escola foi um passo que considero como segundo espaço físico de aprendizagem. Com um pouco de conhecimento de diálogo na língua, a segunda língua foi me adaptando com a vida dos não indígenas em sala de aula. Com os meus colegas próximos, fui diminuindo o medo e timidez na escola.

No ano de 1993, concluí o ensino médio na mesma escola. Depois realizamos a festa da formatura na cidade de Barra do Garças-MT. No dia da formatura, levei meu pai e minha mãe para participar da minha formatura. Isso foi o primeiro momento da minha vida na cidade. Após concluir o ensino médio, voltei à minha aldeia São Marcos. Quando voltei a minha aldeia os padres missionários procuraram contratar um indígena para ser professor do ginásio, de 5ª à 8ª séries, alguém que já tivesse formação do ensino médio. No ano seguinte, 1994, fui contratado para trabalhar na escola “Dom Felippo Rinaldi” pelo Pe. Miguel Paes da Silva, diretor da escola e da missão salesiana naquela época. Desde então, comecei a trabalhar em sala de aula, lecionando as disciplinas matemática e ciências nas séries V à VIII (5ª e 8ª) do Ensino Fundamental, até 1999, quando era a escola seriada. Durante seis anos tive a minha primeira experiência em sala de aula como professor.



*Foto 4 - Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi. Foto: Autor.*



*Foto 5 - Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi. Foto: Autor.*



*Foto 6 - Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi. Foto: Autor*

Em 15 de agosto de 2000, comecei a trabalhar na FUNAI – Fundação Nacional do Índio, em Barra do Garças, por indicação do meu primo Jonas T. Tsi’rui’a, que assumiu o cargo de Administrador Regional Substituto da FUNAI, da Administração Executiva Regional da Fundação Nacional do Índio. Naquele período, assumi o cargo de Chefe de Serviço – DAS 101.1, matrícula 1321799. Três anos depois, assumi outra chefia de setor que era Chefe de Spima – Serviço de Patrimônio Indígena e Meio Ambiente, a qual atuava na fiscalização do território São Marcos, Terra Indígena São Marcos, subordinada ao município de Barra do Garças, MT. Quando comecei a trabalhar na FUNAI, decidi aproveitar o tempo para estudar a noite. Para isso, prestei vestibular na UNIVAR – Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, privada. Passei no vestibular e o curso que escolhi era de Ciências Contábeis, porque quando estava no ensino fundamental e médio, gostava muito de fazer as contas de matemática. Neste sentido, escolhi esse curso mesmo sabendo que as mensalidades das escolas privadas são pagas todo mês. De início, pagava em dias as minhas mensalidades, pois era servidor público federal e não tinha direito de que a FUNAI pague minhas mensalidades, conforme determinação ou regimento da FUNAI. Como naquele tempo já era pai de família e os pagamentos das mensalidades vinham ficando pesados, acabei atrasando-os. Isso foi o principal fator de minha desistência do curso. Estava no penúltimo ano de curso e se pagasse em dias já estava concluindo o ensino superior naquela época.

Em setembro de 2008, fui exonerado do cargo pelo novo Administrador Regional que assumiu no lugar do primo Jonas T. Tsi'ruí'a, o senhor Robson, não indígena. Daí voltei à aldeia para ficar, porque não adianta ficar na cidade sem fazer nada. Em 2009, estando na aldeia, a irmã Ivone Goulart, FMA - Filha de Maria Auxiliadora, me procurou para perguntar se poderia substituir na sala de aula. Segundo ela, considera-me apto a lidar com as aulas da língua portuguesa. Então, aceitei o convite e fiz orientação referente aos conteúdos programados para os alunos. Naquele período, fiquei como professor substituto até o fim do ano letivo.

Em 2010, fui contratado como professor titular temporário para lecionar as aulas da língua portuguesa para os alunos do 3º Ciclo, 2ª Fases "A" e "B"; 3º Ciclo 3ª Fase "A". Em 2012, lecionei a disciplina de língua portuguesa para alunos do 3º Ciclo 3ª Fase "A". Através das leituras de textos e diálogos com os não indígenas fui adquirindo e aperfeiçoando aos poucos a minha experiência. Com isso, não tive maior dificuldade de dar aulas na língua portuguesa. Com entendimento de conteúdos ou textos do português, traduzia na língua materna (língua Xavante) para os/as alunos/as indígenas Xavante em sala de aula.

Em 2013, fui contratado novamente na escola para lecionar as disciplinas de língua portuguesa, práticas culturais e sustentabilidade.

Quando soube da informação do edital que saiu para ingresso no curso de Educação Intercultural da UFG, fiz a minha inscrição para prestar vestibular indígena e concorrer a uma das 60 vagas. Ao ver a minha inscrição homologada para prestar vestibular, fiquei muito contente e me preparei. Depois organizei a minha situação financeira para não faltar e não ocorrer coisas imprevistas na hora de viajar.

Em 06 de dezembro, saí da aldeia à Barra Graças para viajar com destino à São Félix do Araguaia, MT, para efetuar vestibular indígena da UFG e ingressar no curso de Educação Intercultural. Às 05 horas e 13 minutos, embarquei de ônibus da rodoviária de Barra do Garças da empresa Viação Xavante Ltda. com os outros colegas. Por volta das 20 horas, o ônibus chegou à rodoviária de São Félix do Araguaia, MT. Após descer do ônibus, fui procurar um hotel da cidade para me hospedar. No sábado, 07/12/13, das 14 horas às 17 horas, realizei a prova de redação. E no domingo, 08/12/13, realizei a prova oral, de acordo com a ordem de chamada alfabética. Na manhã de segunda-feira, 09/11, às 09 horas e 33 minutos, embarquei de volta de São Félix do Araguaia à Barra do Garças, MT. Por volta das 23 horas e 20 minutos cheguei à rodoviária de Barra do Garças e fui para o hotel para pernoitar.

No dia 17/12/13, saíram os resultados do vestibular indígena da UFG e vi as minhas notas de redação 8,5 e oral 9,75. Mas já tinha visto anteriormente os meus resultados com a senha de acesso que criei para acompanhar minha situação. Quando vi o resultado final, fiquei

muito contente de ter conseguido a vaga e o ingresso à universidade. Isso é um sonho que realizei na minha vida. No dia 20/12/13, saiu resultado final no site da UFG, os candidatos classificados da primeira chamada. O curso de Educação Intercultural da UFG é realizado nas etapas de férias.

No início de janeiro de 2014, começamos o curso da Matriz Básica da UFG e ficamos num alojamento da Emater de Goiânia, GO. No mesmo ano, trabalhei em sala de aula com a disciplina de língua portuguesa para alunos do 3º Ciclo 1ª Fase "A" e "B" e para 3º Ciclo 2ª Fase "A". Em 2016, iniciamos o curso da Matriz Específica de três anos e naquele ano, trabalhei em sala de aula com as disciplinas da língua portuguesa para os alunos do 3º Ciclo 7º Ano "U"; 3º Ciclo 8º Ano "A" e "B" e 3º Ciclo 9º Ano "A" e "B" da Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi, aldeia São Marcos. Em 2017, trabalhei com a disciplina de língua portuguesa para alunos do ensino médio, em todas as séries 1º Ano "A" e "B", 2º Ano "A" e "B" e 3º Ano "U". Em 2018, trabalhei na mesma disciplina para os alunos do 2º Ciclo 6º Ano "U", 3º Ciclo 7º Ano "U", 3º Ciclo 8º Ano "U", 3º Ciclo 9º Ano "U" e para ensino médio 1º Ano "A" e "B". Em setembro do corrente ano, fiz a minha defesa do Projeto Extraescolar da UFG, com o tema: "História da Formação do Território São Marcos", a conclusão de curso de Educação Intercultural, foi na aldeia São Marcos – Terra Indígena São Marcos, Barra do Garças – MT.

Durante o curso de minha graduação na Educação Intercultural escolhi o tema "História da formação do território São Marcos" para fazer pesquisa do Projeto Extraescolar. A escolha do tema foi por motivo de ausência de histórias escritas da formação do território São Marcos, a trajetória do grupo Xavante que saiu de um lugar com objetivo de encontrar os padres missionários e fundar uma aldeia fixa, segundo tio finado Apoena Tseredze. Esse trabalho de pesquisa é de grande importância para a comunidade local. A comunidade vinha ouvindo essas histórias narradas oralmente. A ideia surgiu da minha pessoa sobre o tema "História da formação do território São Marcos", porque as gerações novas da aldeia São Marcos não sabiam de como foi formado o território e as pessoas que vieram de outro lugar para fundar essa aldeia. Há diferentes contações de histórias pelas próprias pessoas do grupo sobre a fundação da aldeia São Marcos. Por isso, realizei a minha pesquisa com o senhor Daniel Tsi'ômowê que veio junto com o grupo de Xavante até esse território, o mesmo ancião que agora participa da minha pesquisa de mestrado. Contudo, não considero a minha pesquisa de mestrado como uma continuação da pesquisa do Projeto Extraescolar. Elas não se completam e são distintas. A pesquisa anterior se relaciona com a escolha deste tema de estudo no mestrado apenas no sentido da ausência de histórias escritas de como começou a aprendizagem da escrita do povo A'uwê Uptabi, especificamente no território de São Marcos. Também por ausência de histórias,

escolhi para o tema do Projeto Extraescolar, História da Formação do território São Marcos para pesquisar o grupo de pessoas que formaram esse território.



*Foto 7 - Prédio do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, 2018. Foto: Autor*



*Foto 8 - Momento de estudo no curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFPA, 2018. Foto: Autor*



Foto 9 - Preparação de atividades do grupo A'uwe Uptabi, 2018. Foto: Autor



Foto 10 - Apresentação de atividade do grupo A'uwe Uptabi sobre alfabetização, 2018. Fonte: Autor.



Foto 11 - Apresentação de atividade do grupo A'uwe Uptabi sobre letramento, 2018. Foto: Autor

Em 2019, trabalhei em sala de aula com as disciplinas de língua materna (língua Xavante) e língua portuguesa para alunos do 3º Ciclo 8º Ano “U”; língua portuguesa para 3º Ciclo 9º Ano “U” e língua portuguesa para ensino médio 1º Ano “A” e “B”. Durante cinco anos de curso, a minha experiência se ampliou e a visão também se abriu para conhecer, acompanhar as situações das sociedades envolvidas.

Ao saber a informação do edital 003/2020 de mestrado, através de meu sobrinho Michael Rã'wa Tsa'é'õmo'wa, fiz a minha inscrição para realizar a prova de suficiência em Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFG – Universidade Federal de Goiás. Segundo ele, ficou sabendo isso no encontro da parenta Eneida Brupahi, da etnia Xerente que fez a prova. Depois disso, esperei a publicação da data e o local de realização da prova.

Quando se aproximou a data da realização de prova, saí da minha aldeia para Barra do Garças e embarquei-me na noite do dia 16 de junho à Goiânia. Em 17 de junho de 2019, no período entre 08:30 e 10:30, realizei Prova de Suficiência em Língua Portuguesa, na Faculdade de Letras/UFG. Depois de realizar a prova, embarquei-me de volta com ônibus de Goiânia, GO à Barra do Garças, MT. No dia 10 de julho de 2019, saiu resultado da prova, obtendo a nota de 9,6 e fiquei contente ao saber isso. Isso mostra a primeira garantia de ingresso no programa de mestrado. Conforme cronograma da data e local da realização de prova, viajei de novo à Goiânia para fazer a prova oral, a segunda etapa. Em 11 de setembro de 2019, às 16:20 minutos, realizei a prova oral dentro de cinco minutos. À noite, embarquei de volta de ônibus à Barra do Garças

e depois chegando para minha aldeia. No dia 24 de outubro, viajei novamente para Goiânia para realizar a terceira etapa de prova, a entrevista. Em 25 de outubro de 2019, realizei a entrevista com a Comissão da Hetero-identificação da UFG – Universidade Federal de Goiás, GO.

No dia seguinte, saiu o resultado final do Processo Seletivo, apareceu o meu nome e fiquei no décimo primeiro lugar na classificação, com a média final de 8,5. Depois disso, elaborei o meu pré-projeto sobre “História da introdução da escrita (alfabetização e letramento) entre o povo A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico)” e encaminhei à secretaria do programa de pós-graduação, bem como os meus dados pessoais.

No início de março de 2020, realizei minha matrícula na secretaria da Pós - Faculdade de Letras/UFG. Estava na expectativa de somar mais conhecimentos no mestrado assim que iniciassem as aulas do primeiro semestre. Mas, infelizmente, não ocorreu como se esperava e as aulas foram suspensas devido a pandemia no estado e no país.

Muito mais tarde, a UFG decidiu que as aulas iam acontecer virtuais, online. Em setembro de 2020: Início das aulas síncronas. Depois que suspenderam as aulas não voltei à minha aldeia e permaneci em Goiânia – GO, numa chácara, denominada Chácara Califórnia, perto do Campus Samambaia, Universidade Federal de Goiás – UFG. Fiquei três meses numa chácara e depois mudei para o setor Village Atalaia.

As disciplinas cursadas no primeiro semestre foram: Tópicos em Aspectos Socioculturais da Linguagem, do professor Dr. André Marques do Nascimento, e Tópicos em Questões Culturais e Identitárias no Ensino de Línguas, da professora Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva. No segundo semestre, a disciplina cursada foi Aspectos Interculturais da Linguagem, também com o professor André Marques do Nascimento. No terceiro semestre, a disciplina foi Tópicos de Tipologia Linguística, das professoras Dr<sup>a</sup>. Aline da Cruz e Dr<sup>a</sup>. Gláucia Vieira Cândido. Todas as disciplinas foram feitas em modo remoto por causa da pandemia. Todos os professores e professoras são excelentes e de boas qualidades nas suas experiências de transmitir seus conhecimentos para nós discentes. Aprendi com eles muitas coisas com relação aos estudos linguísticos. Ao longo do curso, também aprendi com os meus colegas com a troca de experiências dos temas estudados com os professores.

Como uma homenagem à professora Maria do Socorro Pimentel da Silva, digo que sua disciplina foi de suma importância porque trata das questões socioculturais da sociedade envolvente. Dentro da disciplina, ela apresentou vários termos ou conteúdos importantes, como por exemplo, a Formação Sociopolítica e Cultural. Esse conteúdo trata da cultura e interculturalidade do indivíduo ou do grupo social. Todos eles têm as relações de indivíduos ou de grupos sociais, independentemente da distinção de outros grupos sociais. Ela também

apresentou alguns trabalhos de sua autoria, como por exemplo, a *Pedagogia da Retomada: decolonização de saberes* (PIMENTEL DA SILVA, 2017). Tudo isso traz muitas reflexões para mim, de pensar sobre o povo A'uwẽ Uptabi (Xavante Autêntico), o futuro de aprendizagem do ensino de línguas.

Isso fica na minha memória para sempre, os momentos difíceis encontrados com a pandemia da Covid-19, que tirou a vida de muitas pessoas indígenas e não indígenas. Durante o curso do mestrado, estava com a minha família em Goiânia. Mesmo tendo necessidade e dificuldade, esforcei-me para enfrentar os momentos difíceis da minha vida, graças a ajuda de algumas professoras da UFG e amigos/as para me manter durante o curso na cidade. Lá fiquei até o fim das aulas síncronas no mês de dezembro. Quando terminei as aulas, voltei para a aldeia com a minha família e graças a Deus não adoeceram durante o curso do mestrado.

De maneira geral, tive dificuldades no mestrado com relação às aulas, aos textos e a língua estrangeira. Primeiro, porque as aulas não começaram a funcionar presencialmente. Quando começamos as aulas síncronas, no primeiro dia de aula, tive dificuldade de manusear o computador, pois, não tinha conhecimento de base do mesmo. Mas, aos poucos, fui aprendendo a dominar o computador, porque tenho usado ou manuseado na prática. Com relação aos textos, tive dificuldade na compreensão de enunciado, nas palavras técnicas que aparecem no texto e nas dificuldades de palavras desconhecidas, os seus significados. Porém, com a leitura de textos, não tive dificuldade, pois já tinha estudado sobre as palavras tônicas e átonas. Tentava e compreendia um pouco os textos lidos, mas na hora de expressar, surge incapacidade de dominar o raciocínio. Porque sei que a língua estrangeira para nós, ou para mim, é a língua portuguesa. Segundo, porque como passei a viver no campo rural, senti dificuldades no acesso à internet. No campo rural, não funcionava perfeitamente a internet. Às vezes, durante a aula caía a conexão de internet e isso gerava muita preocupação.

Mesmo diante de tantas dificuldades, eu consegui realizar todas as disciplinas. Na pesquisa também tive dificuldades, porque mesmo estando na aldeia, as pessoas que eu iria entrevistar adoeceram e não puderam participar do estudo. Mesmo assim, consegui desenvolver a pesquisa, que apresento nos próximos capítulos.

## Capítulo 2 – A Fundação da Aldeia São Marcos e da Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi

Para entender a história da introdução da escrita na Terra Indígena São Marcos, é preciso entender como ocorreu a própria fundação da aldeia e da escola, pois são processos muito relacionados. Neste capítulo, contarei um pouco sobre esta história com base nas lembranças dos anciãos e em pesquisas em textos de autores indígenas e não indígenas, como Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a (2012) e Aracy Lopes da Silva (1992).

Os motivos que me trouxeram a pensar neste tema é justamente a ausência da história escrita do primeiro grupo, o método de ensino e aprendizagem, de alfabetização e letramento depois da fundação da aldeia. Não só alfabetização e letramento, mas também foi um trabalho permeado de evangelização e cristianismo, realizado pela própria Missão Salesiana. Hoje as novas gerações não sabem da história da escrita, como se deu início a educação escolar do A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) na aldeia São Marcos.

### 2.2. A fundação da Aldeia São Marcos

Os nossos ancestrais se autodenominam na nossa língua materna A'uwẽ (pessoa), antes do contato com os “*waradzu*” (os brancos). Há outras denominações na língua xavante, como por exemplo, “*tsipototsiro*” e “*tsi'urobo*”, este referente aos brancos. Atualmente, nós do povo A'uwẽ, a maior parte, vivemos no leste do Estado de Mato Grosso. Nas nove terras indígenas A'uwẽ Uptabi demarcadas, poucas são as pessoas que reconhecem como aconteceu essa introdução da escrita entre o povo. Existem histórias orais diferentes sobre a introdução da escrita nos territórios A'uwẽ Uptabi que se relacionam com a própria história do contato com o *waradzu*.

Segundo informações dos anciãos, o povo Xavante se recusava ao contato com *waradzu*. Por ser um povo considerado bravo e guerreiro, demorou para ser contatado, mas, infelizmente, ocorreu esse contato com os brancos. Depois de longas décadas de caminhadas, veio um acolhimento dos padres do território Meruri, do povo Bororo, onde permaneceram por pouco tempo. Dali, um grupo de A'uwẽ Uptabi veio abrindo estrada e sendo acompanhado pelos padres com a ideia de fundar uma aldeia, um território específico.

Conforme Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a (2012, p. 46) descreveu, os salesianos já haviam instalado uma missão entre o povo Bororo. Segundo o autor, “foi ali em Tachos que encontraram os Bororos e este foi o primeiro contato dos Bororos com os salesianos. Próximos

dali, os salesianos fundaram um novo lugar e passaram a chamar de Colônia Sagrado Coração de Jesus, conhecido hoje como Meruri”.

Em entrevista para a minha pesquisa do Projeto Extraescolar (MORITU, 2018, p. 7), o ancião Daniel Tsi’ômowê narrou como ocorreu a ideia de um grupo do povo A’uwê Uptabi ir em encontro da missão salesiana em Meruri. Segundo o narrador senhor Daniel Tsi’ômowê conta, o tio finado Apoena Tseredze teve um sonho. E no sonho o “Danhimite” (Deus) falou: “Por que você ainda está no mesmo lugar? Vai e leve o seu grupo antes de acabar. Leve-os a procura dos brancos que usam a roupa comprida, são padres católicos. Somente procurai sempre os padres católicos e não desvie do caminho a outros brancos. Leve-os a aquele que ressuscita entre os mortos. Não tenhas medo, você viverá alegre. Mesmo sendo velhos, leve-os, aumentará a população e crescerá a aldeia. Depois disso, o próprio Apoena conduziu o grupo ao encontro dos padres. Quando chegou o grupo até Meruri, foram bem acolhidos pelos missionários salesianos. O grupo de Xavante apresentando sinais de enfermidade e com necessidade de alimento. Precisaram ir até Meruri porque o finado Apoena ouviu alguém falando no sonho que era “Danhimite”. Por isso, levou seu grupo até lá. Devido a briga entre os Bororos e Xavante, os missionários resolveram fundar nova aldeia somente para os Xavante viverem sem ninguém os incomodarem, algum tempo depois.

De acordo com Aquilino Tseré’ubu’õ Tsi’rui’a (2012, p. 34), o grupo Xavante chegou à missão salesiana em Meruri em 1956. Conforme ele conta,

os Xavante, na realidade, chegaram até aos missionários salesianos, em Meruri, por extrema necessidade. Estavam sendo caçados e atacados por grupos de brancos, estavam doentes, famintos e foram até quem os podia proteger, buscando segurança, acolhimento. Foram por orientação de um funcionário do antigo SPI que sabia que os Bororo estavam sob a proteção dos salesianos. Os Xavante, apesar de guerrear contra os Bororo, não foram a Meruri para guerrear, mas para se encontrar com os padres. (TSI’RUI’A, 2012, p. 34).

Conforme a pesquisa de Aracy Lopes da Silva (1992, p. 368), a região da aldeia Aröbönipó, próxima ao Rio das Mortes, era chefiada por Apoena Tseredze e sentia, desde a década de 1930, os efeitos da invasão de pecuaristas e garimpeiros vindos do Leste e do Sul. Segundo a autora,

na década de 40, a Expedição Roncador-Xingu iniciava a abertura dos primeiros caminhos. Posteriormente absorvida pela Fundação Brasil Central (FBC – criada pelo governo Federal através do Decreto-Lei n. 5878, de 4/10/1943) instalava na região um posto avançado: Xavantina. As iniciativas particulares eram escassas, mas a ação do Estado foi suficiente para minar definitivamente a capacidade de resistência dos Xavante de Aröbönipó (SILVA, 1992, p. 368).

Devido a isso, os grupos que chegaram até a missão salesiana de Meruri estavam doentes e acuados pela ação colonizadora.

Os padres eram da Missão Salesiana de Dom Bosco, nome do seu fundador. E, conforme um pouco de conhecimento da história dos padres salesianos, percebemos que seus objetivos, em geral, eram evangelizar e cristianizar os indígenas que contatavam. Isso pode ser confirmado a partir de informação obtida por meio de contato na aldeia São Marcos com um mestre salesiano, em relação à estadia dos padres e o que faziam em Meruri, em que ele diz:

*Nós, naquele tempo, no final dos anos 50, estávamos trabalhando com o povo Bororo. Só que naquele tempo as coisas eram diferentes das de hoje. Não podemos olhar aquele tempo com óculos de hoje, senão a gente confunde, tá? Então, o que que acontece naquele tempo? Nós estávamos cuidando tanto da parte de subsistência do povo Bororo, ajudando o povo Bororo na sua subsistência, quanto na parte da educação da escola, quanto na parte da saúde e também na parte da evangelização, do trabalho catequético, etc. Mas, a mentalidade daquele tempo não era a mentalidade de hoje. A mentalidade de hoje qual que é? O povo Bororo é um povo que tem a sua cultura, tem o seu jeito que nós chamamos de ethos, ou seja, é como que é o jeito desse povo. E a gente gosta e respeita e defende. Naquele tempo, se pensava que o povo indígena deveria deixar de ser indígena para ser como se fosse caboclo, como se fosse uma pessoa assim do interior, né? Que gosta de trabalhar de serviços simples, tá? Essa era mentalidade daquele tempo (comunicação pessoal do mestre Tarley da Guia Nunes da Mata, via WhatsApp, em 04/06/20).*

Mestre Tarley é um religioso salesiano, irmão leigo, isto é, não é padre, que trabalhou em São Marcos na escola no tempo em que era administrada por esses religiosos, de 1993 a 1995, período no qual deu aulas no ginásio; e de 1998 à 2001, período no qual deu aulas no ensino médio magistério e no ensino médio propedêutico. Ele defendeu uma dissertação de mestrado em 1999, pela UFMT, sob o tema “Os professores Indígenas e o Processo de Educação Escolar dos Xavante de São Marcos (MT)”. Ele foi assumido pelo grupo de idade Tirowa, que quer dizer flecha. A entrevista foi mais num contexto de um diálogo sobre a fala do senhor Daniel Tsi’õmowẽ e menos de uma entrevista estruturada ou semiestruturada. Esta conversa com o mestre Tarley foi feita por *WhatsApp* porque na época eu me encontrava na cidade de Goiânia, sem poder ir até minha aldeia, por causa da pandemia de covid-19. Mestre Tarley é um amigo que conheci quando comecei a trabalhar como professor na aldeia São Marcos, onde ele já estava dando aulas antes de concluir o seu mestrado. A conversa com ele foi feita em português, via áudio no *WhatsApp* e transcrita por mim, posteriormente. Como os padres diretores da missão sempre deixam relatos de suas atividades na comunidade, procurei o mestre Tarley para saber mais informações sobre o assunto.

Então, a aldeia e a Missão Salesiana de São Marcos foram fundadas oficialmente no dia 25 de abril de 1958, pelos próprios indígenas A'uwẽ Uptabi, um grupo liderado pelo finado tio Apoena Tseredze, juntamente com o padre Salvador Papa e pelo irmão Adalbert José Maria Heide, salesiano de Dom Bosco. Conforme narra Aquilino Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a (2012, p. 40),

De Córrego Fundo, os Xavante foram fazendo picadas até um lugar marcado pelos salesianos como São Marcos, a aldeia nova que ia ser fundada no lugar que os salesianos de Meruri indicaram para os Xavante morarem nele. Os Xavante e um missionário salesiano, o padre Salvador Papa e um Bororo chamado José Maria Manokurireu chegaram no período da manhã, antes de meio-dia, ao lugar indicado. Aí ficaram e já começaram a construir casas provisórias para servirem de moradia. Chegaram ali no dia 25 de abril de 1958, os velhos, as mulheres, moços, crianças e nenhuma moça. Padre Salvatore Papa foi quem chegou com os Xavante, depois no dia 26 de abril de 1958 o padre Bruno Mariano reza a primeira missa no local, ele abre a carroceria da caminhonete e usa como altar provisório. Era a primeira missa realizada no novo local e, com essa celebração, padre Bruno Mariano batiza a nova aldeia e missão. Em dezembro de 1958, chega o Mestre Adalberto Heide para somar com o padre Salvatore Papa. Depois, mais tarde, teve troca, porque como de costume todo ano os salesianos devem trocar de casa. Assim, Salvatore Papa foi para Santa Terezinha em Mato Grosso lá também trabalhando com outro grupo de Xavante e no seu lugar foi o padre Pedro Sbardelloto para trabalhar em São Marcos com os Xavante juntamente com o Mestre Adalberto. As casas da Missão provisória começaram com os dois salesianos e com eles iniciaram-se os trabalhos de catequese que muitas vezes foi entendida como educação escolar de um modo novo para os Xavante. Manoel Tsa'rei'õ e Daniel Tsi'õmowe contam que nas épocas passadas, os dois indígenas eram wapté (adolescentes) no final de 1959 em São Marcos e eles contam que Mestre Adalberto, salesiano, ensinava as primeiras palavras em português aos jovens Xavante. Começaram aprendendo nomes dos objetos como: sapato, mão, pé. Ensinava por meio de desenho para facilitar, principalmente a ele e enquanto ensinava os nomes, anotava no seu caderno e no quadro-negro esses nomes em Xavante. Ensinava assim para aprender também a língua dos Xavante. Segundo Manoel Tsa'rei'õ, interno desde a fundação de São Marcos, Adalberto Heide não deu aulas. Em vez de dar aulas, como professor, queria aprender a língua Xavante com os jovens (TSI'RUI'A, 2012, p.40).

De acordo com o relatório arquivado na secretaria da escola, a Missão Salesiana de São Marcos foi fundada oficialmente no dia 24 de abril de 1958, dia de São Marcos. Os Xavante vieram inicialmente da região ao Norte do Rio das Mortes para Meruri, quando era então diretor padre Bruno Mariano, em busca de apoio para sua sobrevivência, ameaçada pelos fazendeiros, pelas doenças. Daí os Xavante construíram uma Aldeia no Boqueirão e em 1958 vieram para São Marcos, acompanhados pelo padre Salvador Papa e Me. Adalberto Heide e apoiados pelo padre Bruno Mariano, que era diretor de Meruri. No segundo semestre vieram os clérigos Pedro

Gawlik e Bartolomeu Giaccaria. No ano seguinte vieram padre Pe. Sbardelloto, Pe. Fernando. Em 1962 o Padre Mário Panziera assume a direção da Missão até 1970, depois veio Pe. Mário Gosso, Miguel Paes, Gino Fávaro, Luiz Leal, Osmar Resende. Após seis anos da chegada dos Salesianos de Dom Bosco (SDB), as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) chegaram a São Marcos. Era o dia 3 de março de 1964 e a comunidade era formada por três irmãs: Giuseppina, Molteni, Ida Altoé e Iolanda Verzeni e duas jovens voluntárias: Josina Maria Ludimila Silva e Maria Luiza Moraes. Chegam a São Marcos num caminhão carregado de bagagens, dirigido pelo diretor Padre Mário Panziera. Ao entrarem na casa, o primeiro encontro das FMA foi com a estátua de Maria Auxiliadora ali colocada pelo Padre Mário.

Em outra entrevista feita com o ancião senhor Daniel Tsí'õmowê, em 14 de novembro de 2020, perguntei a ele quais as lembranças dele sobre a fundação da aldeia São Marcos. A entrevista foi feita em sua residência, na Aldeia São Marcos, e teve os mesmos cuidados mencionados no capítulo 1, a conversa foi feita na língua Xavante para ele compreender bem e ficar à vontade para conversar. Depois, eu fiz a tradução e a transcrição da entrevista para a língua portuguesa.

Sobre a história da fundação da aldeia, ele disse o seguinte:

*Áté ãne hawi, pa'rehõ u watsihutu wi wa te dato wimnherê te a'uwê norĩ te 're romhuri dza'ra ãhõ'a nhimiroti dzarina ti'a u'êtê na. Romhuri 'rata 're tsi mi 'wara mono da hã 'rowi, ãhõ'a norĩ ma ãtsi'uwadzi paradzu tãma tsõmri dza'ra Êtêpa ma. Tirowa mitsi, ãdub'rada Adão. Taha wa, ma aihutu Unhi'ru hã a'uwê u padzaihõna te ãromhuri dza'ra u. Tame te tsihõ dza'ra, Unhi'ru norĩ a'uwê me. Wa norĩ, wa te 'madõ'õ dza'ra õ di duré wa te tsa'retse dza'ra õ di. Marĩ wa, tamemhã ãhõ'a norĩ ma wa'ubumro wa te 're romnhoré dza'ra mono da Meruri ãma, wa ma tsadaihu'u õ nherê duré tsa'retse õ nherê romnhoré na hã. Taha parimhã, Êtêpam norĩ te ai'aba're Unhi'ru rob'u atsa te hõ dza'ra da. ãtsa'rata 'ri nho're te tsihõ dza'ra. Taha wa, wa 'madõ'õ dza'ra ni. Te tsi 'wamhõri dza'ra tinho'utu na. Tawamhã Êtêpa te ãma ti'a dzahõ, ti'ai u natsi 'marõ pãrĩ dza'ra. Unhi'ru tsi pi'õ te timro te te 're patété dza'ra. ãne, ma te watobro wa te dato wimhã. Áté ãne hawi, ma ãhõ'a rotsa'rata dza'ra, ti'a te wama 'manhomrĩ dza'ra da Unhi'ru nhiti 're waro mono da. 'Rõwim nherê ãhõ'a tsi po te 're hõimana. ãhõ'a ãtsa'rata õ 'wa Roque te 're hõimana Unhi'ru norĩ niwi, a'uwê tãma ãwê õ. ãhõ'a ãtsa'rata 'wa Salvador hã te a'uwê wê di, te 're hõimana a'uwê niwi. Õ norĩ hã te te 're dadzada'õbõ dza'ra wadzawi-te hã. Áté ãne hawi, ma rotsa'rada watobro daro poto da hã. Duré waradzu 'ra hã Jaime na ãtsitsi hã te te 're ahõ dza'ra Abare'u hã. Taha wa, ma ãmama wapté Honorato ãdatsi'utõrĩ hã Paranoá ãma, atsa adzõri ni uibro na. ãpo'o amo a'uwê hã ma aihutu wadzari na. Tadza hã, te ai'aba're tsitsari na Tsãrã'u. Taha parimhã, ma wi awaru na ãdub'rada Celestino Tsãrã hawi. Taha wa, ãpoto'wa Datorore, a'uwê nhitsi na hã Tserewatsa ma õri ni Celestino ãbabarã hawi tsi'ubu uptsõi ré. Tadza hã, õ hã hõibaté wamhã ãpoto'wa Datorore date 'morõ wĩrĩ õ di. Hõiwi te tiwi 're tsa. Aiwététsi ma te tsitsi're dzu, ma tsitsi 're wapru. Tsi'ahõri pariptsi, wa tsa'retse dza'ra ni. Marĩ ãna, Celestino norĩ dub'rada te te tsiwi wĩrĩ 'rute ãpoto'wa Datorore hidiba. ãne, te 're romhõimana duréi hã. Taha parimhã, ma ãpoto'wa Ahõpõwê tãma rob'ru ni Tsawõrõ'wai ma, Tirowa ma. Apõ te robdzabu da Norõtsu'rã u, buru te tsabu dza'ra da nonhama dzõ te ã're dza'ra buru ãma. Duré tõ ãpoto'wa norĩ hã Zacarias,*

Potowara apö te ïropidzari dza'ra ma Tsawörö'wa tsöpëtê dza'ra Norötsu'rã äma. Ìmama Salvador dzéma duré tamorì ni da'äre baba norì date tsöpëtê dza'ra da. Ma danhipai petse ni, taha wa, ma tsöpëtê dza'ra ni Garapu äma. Tahã ma te tsöpëtê dza'ra ìmama Salvador, ìdzédé'wa Paratsé tsiré. Tahã, we date ubumro wadzari na. Äne, ma date we ubumro rena. A'uwê te we tsiwi dzahöri, João Davi äma te tihöimana dza'ra. Ta hawi, ma te 'maiwi João Davi ma romhuri'wa robduri dzô ìhö'a u. Taha wa, ma ìhö'a norì tãma rob'ru dza'ra robduri ma. Robduri 'räihö João Davi te hã ma da'a'äwitsi. Ma aihutu, wa ai'aba'rénì wa te 'madö'ö dza'ra da. Tadza hã ma aihutu wahire na, tsépu'u na. Ni'wa witsi ö di a'uwê höi petse hã. Marì äna, warudzu dzépu te dadzuri monomhã ropö. Tame wa a'ö wahöimana dza'ra ni pa'rehö äma. Ro nomro pari, ma ìhö'a norì aihutu ìpoto'wa Ahöpöwê danhoröwa u te tsiwi dadzadanhari da. Ahöpöwê, e niha te ìrotsa'ra. Atsa tsada'öbö dza'ra: E niha bö. Ìhö'a norì te tãma nharì dza'ra: Watsi'aba're da öwa, ti'a dzô airo aba da hã. Ahöpöwê ma tsada'öbö: Ótó pé! Ma äpé atsiwi ìdzapröni aba! Waräiba ma ìhö'a norì aihutu. Taha pari, te ìme tamorì dza'ra ni awaru na. Ma da'äma timara, barana tsi ma tsiwi da'äwitsi. Awê amo na ma duré apö aihutu datême. Duré tsiwi dadzaprö ti'a date tsabu da. Tsi'umdatö äma hã, ma duré apö datême aihutu te tsiwi dadzapröni da. Tadza hã, awaru ma te te dawa'riti höpré. Ma dawa'ritidzé wadze. Taha wa, te 'mahörö ni duré tsadanhari ni dé'wa Paratsé hã: Aptsi're éré a hã aimo. Ta êtêre, nima ma madzadzöri dza'ra ni dzömorì we 're wanomro mono wa. Tame na tsi ìhö'a ma dzahöri dza'ra mārã 'rata. Tame tiwi tete dza'ra na dza, te äma tsipa dza'ra tō. Roptehutu wa te tsiwa wê dza'ra, tame wa te daro watsiwi tsärì da. Tiwi atete dza'ra na, wa hã, wa aima roti. A hã, aimorì ìwa'rãmi. Tame, ma tsada'ö: Maredi! Öne haré ro nomro re, nare Alípio äma ìwahöimanadzém äma. Te tinha Aptsi're. E marì wa, te ìro wê'ö. Taha pari te 'mahö ti'ra nho'rebdzu'wa Tsipi'radi: Atsö'rebdzu'wa até a hã ìme aimorì dza'ra. Awa'awi ma tsada'ö: Ìhe, ìwététsi dza té ìme ìmorì dza'ra. Tãma aiwairob dza'ra tō. Tô tame, tiwi atete dza'ra na. Tame, wa te watsiwi tsärì da waró hã. A'uwê ma 're romhutu mono da buru u hã. Nare öhö da te waradzu romnhoré'wa norì na tsi robduripré na tsö tsitsa're. Wa norì hã, wa te tsa'retse dza'ra ö di. Taha wi, ma wi Tsipi'radi, te rowatsu'u ìpoto'wa dama te tãma ìtsa're dza'ra ö na ro hã. Awê amo na, wa we watsitsa're robduripré na. Tame, wa ótó äma tsana'rata dza'ra ni ro'mra tsihöri na. Pa'rehö, uba dzara niwi. Wa te waihu'u dza'ra ö di duré date wama watsu'u dza'ra ö di. Tame, wa äma tsana'rata dza'ra ni ro'mra tsihöri na. Uba hawi, ö wa utsirömo u. Bödödi wa, wa watsaihuri ni romhuri pari ìhö norì nhipi na. We duré äma udzutsi dza'ra ni ro'mra tsihöri na 'ri Êtêpa te tsiwi ì'manharì buru äma. Tahã, ma tsiwi tsitsi 'ri hã Uriti'räihö. Penori 'rätsutu wa, ma robduri aipru wa 'maprabadzé ro'mra tsihöri dzô. Tame, te a'ö a'uwê tihöimana dza'ra. Taha wi, we ìpoto'wa tamorì ni a'uwê nhowa, damreme tsina dza ìdanhimi pari na êtê'räirã äma. Tô ö norì tsi, we duré ai'aba'rei wa'aba ni a'uwê nhowa. Roti'wa, ìpoto'wa te tahöimana ni a'uwê me duré dadzababa roti'wa hã Tsibupa. Tsi'umdatö danhitsi Pariwai'a duré A'öiwê. Ö norì, we te a'ubumro dzahuré a'uwê hã, e niha, te dza bété arême dzahuré. Tame, te a'uwê tihöimana dza'ra. Robduri date petse pari, äté ìpru date tsada äwitsi pari ma apö ruru. Apö, wa äma udzutsi dza'ra ni ro'mra tsihöri na hã. Tame, ma aihutu Êtêpam norì hã Xavantina hawi. Taha wa, ma aihutu a'uwê Areöes hawi hã Xavantina u tsihö dza'ra da waradzu dzawi-te. Ta hawi, wa we watsiwi äwitsi ni äwa ro'mra tsihöri hã, mreme tsina äme wa dza 're wahöimana dza'ra. Awa'awi, äma udzutsi dza'ra ni romhuri na. Wa te 're tsihöri norötsu hã. Ämemhã norötsu ì'ahö uptabi, e niha, ma ai'utö dza'ra. Wede dzéma, wa wa te 're tsihöri. Taha pari, awa'awi tsiwi 'ri dza'ra waradzu hã. Pedro Xavante duré Benedito duré José Maria Unhi'ru we a'uwê me ìtsihudu. Äne, ma watobro. We watsihutu pariptsi ma dadzépu watobro, dahötöi wawê. E niha, wa we äwitsi dza'ra ni bödödi hã rowê 'rätsutu re na. Awa'awi, ma watobro dahötöi wawê hã. Bödödi, we wa te watsiwi äwitsi pari ma aima tsitsi dzahuré Tsa'amri duré Giaccaria. Dzahadu Giaccaria tsi ìhö'a wa na. Ö norì hã, ma aima tsitsi dzahuré dzahadu date 'ri öré. Ma aima tsisti dzahuré dzahadu 'rinho'a na tsi ré. Dzahadu date ropetse ö di uburé hã 'ri dzéb da hã. Ämemhã brudu ì'ahö uptabi. Äne ré hã, José, Chiquinho mama

*hã ma uhö hã 'matsã. Tame, te tsô datsitsa 're uhö dzô, dahötói wawê te ïwaibui ô hã. Abare'u wapté hã te daba'wara 'rinho'are wa, waradzu nhimi 'ri. Tsimi'wara ré Abare'u hã, ma uhö hã ïtême wairé. Ma ti'utu dza'ra, tadza hã, te Tsa'amri a 'mahö: Tô ã! Tô ã! Tsitsa'rei waré mono. A norï wa'wa hã atsépu'u wa'aba di! Atsimi dzahöri dza'ra wa'aba! Ìhötói wawê te ïwaibui ô, ma atsöpãrï dza'ra. Wa te a'wapé dawededzé hã ïhö'a Pedro ma abamere wa te te ãma awede mono da a'uwê hã.*

*Talvez por causa disso, quando nós chegamos ao Córrego Fundo mesmo, iniciando o novo contato, um grupo de Xavante trabalhou por ordem dos padres de Meruri na preparação de tijolo. Para dormirem por perto de serviço, os padres distribuíram as redes para o grupo de idade chamado Êtêpa, que significa “pedra comprida” e um do grupo Tirowa “flecha”, meu irmão Adão. Portanto, os Bororos chegaram ao grupo que estava de serviço na beira do córrego. Ai brigaram entre eles, Bororos e grupo de Xavante. Nós não olhamos e não sabemos por que naquele momento os padres nos reuniram para estudarmos em Meruri, sem termos noções e conhecimentos de estudo. Depois, o grupo Êtêpa foi a aldeia dos Bororos para dar o troco de brigas em frente da igreja e estávamos presentes neste momento. Lutando corpo a corpo e os Êtêpa conseguindo ganhar; jogando ao chão e as mulheres Bororos seguravam seus maridos. Assim ocorreu quando nós contatamos outro povo. Talvez isso deu o pensamento aos padres de tomar decisão para ceder um espaço de moradia longe do povo Bororo. Existe divisão entre os padres e o padre que apoia o povo Bororo é o mestre Roque que não gostava do Xavante. O padre Salvador gostava e ficava do lado do povo Xavante. Eles reclamavam em favor de nós. Talvez por essa razão começou a ideia de fundar a aldeia. Também o filho do branco “waradzu 'ra”, não indígena, chamado Jaime, batia nos “Abare'u”, significa pequi. E, o meu tio Honorato que faleceu na aldeia Paranoá deu o troco, na bordunada. Outro grupo Xavante que se dividiu chegou até nós e seguiu outro grupo que foi a Sangradouro. Depois, chegou de cavalo o meu primo Celestino de Sangradouro, porém, o Bento, chamado na língua Xavante “Tserewatsa” pegou o Celestino de costa enquanto ele lavava seu rosto. Mas como ele é adulto, o Bento não conseguiu derrubar ele e ficava em pé. Somente ele conseguiu apanhar e deu um soco no nariz, sangrando-o. Depois de briga, nós sabemos o motivo por que os irmãos mais velhos de Celestino mataram a irmã mais velha do Bento. Assim acontecia naquele tempo. Depois o meu tio Apoena mandou os “Tsawörö'wa”, do grupo Tirowa, de volta ao Couto Magalhães para procurar os milhos Xavante que foram deixados na roça. E também os tios finados Zacarias, Agostinho chamado na língua Potowara voltaram e os “Tsawörö'wa” foram atrás, encontraram-se em Couto Magalhães. O meu tio Salvador também foi ao encontro de seus cunhados, ultrapassando os que foram e encontrou-os na região chamado Garapu. Esse grupo foi encontrado por meu tio Salvador junto com primo finado Paratsé, chamado Ricardo, e se juntou para voltar atrás de nós. Assim com poucos grupos é que se juntou para formar comunidade. O grupo veio parando, permanecendo na região de João Davi e o empregado chegou em busca de carro e os padres mandaram carro. O caminhão de João Davi ajudou no transporte de pessoas. Chegaram e fomos olhar eles, mas chegaram magrinhos, adoentados e ninguém chegou gordo. É porque as doenças dos brancos pegaram em toda parte. Ali ficamos pouco tempo no Córrego Fundo. Passados os tempos, os padres chegaram à casa do meu tio finado Apoena e perguntaram-lhe: “Apoena como está pensando?” Ele respondeu: “Por quê?” Os padres disseram: “Para andarmos lá a procura de terreno para fundar a aldeia própria de vocês”. Apoena respondeu: “Vamos então! Pode me levar!” Os padres compareceram no “Warã” (centro da aldeia). Depois, foi com eles de cavalo, anoiteceu e o traziam de volta à noite. No outro dia chegaram de novo e o levaram para ver este lugar. Na terceira vez, chegaram até ele para levar novamente mas como não é acostumado de andar a cavalo, sentiu a dor no quadril e não conseguiu andar de cavalo. Por isso, chamou e perguntou seu sobrinho Paratsé: “Aptsi'ré, você pode acompanhá-los? Sabe aquele morro onde nós*

*paramos perto quando fizemos a caçada coletiva? Ali que paravam os padres onde tem grande mata ciliar. Não deixa eles atravessarem naquele lugar. Pois, gostaria que nós fundássemos aldeia um pouco mais no campo. Eu ordeno a você que não desista daquele lugar. Vai você no meu lugar”. E ele respondeu: “ Não! Deixa como está, pois naquele lugar que ficamos perto do Alípio”, disse Aptsi’ré. Porque não quer ir com eles. Logo em seguida, chamou o Tsipi’radi para acompanhar.: “Meu compadre você pode ir com eles?” Respondeu: “Sim, somente eu vou acompanhá-los”. “Não deixa de mudar de lugar, prefiro aquele lugar para fundarmos nossa aldeia. Para que fique mais perto à comunidade quando fizer a roça de toco”. Era pra isso que os estudantes não indígenas foram buscar de trator e nós não sabíamos de nada. Daí chegou o Tsipi’radi e dizendo ao Apoena que não permitiu a mudança de lugar. No dia seguinte, viemos de trator e começamos a abertura de picadas depois da ponte do Córrego Fundo. Não sabíamos e nem fomos contados. Ai começamos a fazer picadas depois da ponte e paramos até a fonte d’água. Comíamos no meio da estrada depois do trabalho onde os padres fizeram. Viemos trabalhando novamente nas picadas e fizeram uma casa onde o grupo Êtêpa fez a roça de toco. Denominaram o lugar que fez a casa como na língua Xavante “Uriti’rãihö”. No final do córrego “Penori” quebrou o carro que levava para os trabalhos de picadas. Ali o grupo de Xavante permaneceu poucos dias. Dali, o meu tio finado veio antes do grupo, dizendo que vai ficar onde está o morro. São as mesmas pessoas que vieram antes do grupo. O cacique, tio finado, ficou junto com o grupo e seu vice-cacique, chamado na língua Xavante “Tsibupa”, “Pariwai’a” e “A’öiwê” três nomes. Os dois estavam acompanhando o grupo e como que vão deixar o grupo. Ali ficaram o grupo. Depois foi arrumado o carro e funcionou, talvez que foram trazida as peças. Voltamos a iniciar os trabalhos de picadas. Ai chegaram os Êtêpa de volta da Nova Xavantina. Pois, os Xavante de Areões chegaram à Nova Xavantina para brigarem entre os Xavante por causa dos “waradzu” (brancos). Começaram desde os princípios por motivo de amizade com os “waradzu” (branco). Agora como que está acontecendo os Xavante que ficam do lado dos “waradzu” (branco). Ai depois trouxemos as picadas aqui, falando-se que aqui vai ser a nossa aldeia. Logo, continuamos a trabalhar para cortar as folhas de babaçu, aqui tem muitas e não sei como acabaram. E, cortamos também os paus. Na sequência, logo construíram as casas os “waradzu” (brancos), o Pedro Xavante, Benedito e José Maria, Bororo que acompanharam o grupo Xavante. Assim que aconteceu. Depois que chegamos aqui apareceu a doença, o sarampo. Como que nós trouxemos a estrada no momento final de alegria. Logo saiu o sarampo. Depois que trouxemos a estrada, o Adalberto Heide e Bartolomeu Giaccaria chegaram antes de serem ordenados padres. Eles chegaram ainda não tinha construída a casa mesma. Chegaram enquanto era construída a casa, chamada na língua Xavante “’Rinho’are”. Ainda não tinha limpadado tudo os espaços para construção de casas. Aqui tem muitas aroeiras. De repente, o José, pai de Chiquinho, encontrou um bando de queixada. Ai foram ao encontro de queixada, aqueles que não tinha pego o sarampo. Os adolescentes do grupo “Abare’u” deitaram dentro da casa “’Rinho’a” construída pelos “waradzu” (branco). Enquanto deitaram os “Abare’u”, saíram as queixadas em direção até eles. Levantaram, mas o Adalberto Heide os chamou: “Não, não! Deixa eles correrem! Vocês são doentes! Parem! “Mataram as queixadas àqueles que não tinha pego sarampo. Levava os remédios dentro de uma mala pequena para o padre Pedro que tratava as pessoas.*

Pela história contada pelo senhor Daniel, é possível reconhecer a importância do finado Apoena na fundação da aldeia São Marcos. O Apoena era o filho do Aptsi’ré e da dona Wa’utômotsitsani. Segundo historiador, senhor Daniel Tsi’ômowê, quando era adulto, Apoena defendia as pessoas que estavam sendo atacadas pelos próprios grupos Xavante. Na minha

opinião, a importância dele para a fundação da Aldeia São Marcos é porque, talvez, ele quis realizar o que tinha ouvido no sonho do “Danhimite” (Deus), quando ficara num lugar chamado “Wede’are” (pauzinho branco), no território de Parabubure (coco de babaçu de folha escura), antes de partir a um lugar determinado que é chamado de São Marcos.

Também é reconhecido o papel dos padres salesianos. Na minha opinião, a importância dos padres salesianos para a fundação da Aldeia São Marcos foi porque, talvez, buscaram por outra visão diferente da visão que tiveram na missão salesiana de Meruri, com os Bororos, no que diz respeito à cultura e os costumes do povo Xavante. Porém, o principal objetivo dos padres católicos era cristianizar e evangelizar os indígenas que os encontraram.

E não é diferente com o povo Xavante. Foi assim que os padres católicos começaram seus trabalhos com a comunidade de São Marcos depois da fundação da aldeia. Iniciando pela alfabetização informal, catequização e trabalhos na lavoura para buscar seus próprios alimentos de subsistência. Na parte da catequização, os primeiros grupos Xavante aprenderam os cantos em latim. Quando acontecia missa para a comunidade, esses grupos que aprenderam cantavam na missa em latim. Assim, foi se desenvolvendo aos poucos os trabalhos dos padres católicos na missão salesiana de São Marcos, Terra Indígena São Marcos.

## 2.2. O início da educação escolar em São Marcos

Neste momento inicial da aldeia, os missionários começaram a atuar no ensino da comunidade, de acordo com suas práticas. Também com a fundação da aldeia, por necessidade de se entender a língua entre a missão e o *A’uwẽ Uptabi*, o mestre Adalbert José Maria Heide se interessou e se empenhou muito em aprender rapidamente, desde o início, a língua do *A’uwẽ Uptabi*, escrevendo e tentando acertar as palavras dessa língua.

Na entrevista feita com senhor Daniel, ele conta sua lembrança do começo da educação desenvolvida pelos salesianos em São Marcos:

*Ótó ãtsihödö witsi wamhã, ãtsa’rata’wa Salvador wa’a’ãwitsi’wa hã, ã wamhã, te ótó mo daró Ëtëdzutséréhi u, ãtsa’rata’wa Pedro ma wi ãwa’rãmi hã. Até, ãtsa’rata’wa Pedro rotsa’rata wa’ãma ‘re wanhimi’wara mono ré ãtsababa. Wa te mitsi watsiwi ‘ri da, ‘ri pana ‘retsu na. Pi’õ, te na tsi ubumro duré wa norĩ dzéma wa na tsi ubumro dza’ra ni ‘retsu hã. Tsa’amri na tsi te tsô wa’anhimro wa te tsihõri mono da ‘retsu duré ã’ubumro da. Pedro, mitsi waradzu, ma ‘ri ‘retsu na. ãtsa’rata’wa Pedro, mitsi ãtséré’a, ma wi dzahadu tsi’ihõ’a òré Giaccaria tsiré, te tsô romnhoré dzahuré ré. Tsi’utõrĩ wamhã ‘ri ãtsa’rata’wa Pedro ãwitsihã Ëtëdzutséréhi hawimhã, até õ hã, rotsa’rata romnhoré na wa te na’rata dza’ra da. Wa norĩ hã, wa’ubumro tsiró we ãhã darób u watsihutu wamhã. Ótó ‘ri tsi’utõrĩ wamhã, Tsa’amri ma rotsa’rata romnhoré na’rata da. Ò hã, ma te ãma na’rata romnhoré na wama, ãtsa’rata’wa Pedro tsiré, ãtséré’a. ãtsa’rata’wa Pedro, ãtsi’utõrĩ hã, õ hã, te wama ‘re tsipi wa te ‘re huri mono da. Ótó*

'ri tsi'utōrī wamhã, wede'rãtō wa'ōno ma tsōré ni wama, wa te romnhoré dza'ra da. Wedepó'ó ò di, wede'rãtō. E niha, wadza romnhoré dza'ra ni, e marĩ na. Wa te waihu'u dza'ra ò di, wama tsa'retse ò di. Ni'wai ò di, te ĩrowaihu hã wa wana hã. Āne, ma te ò hã 'manhã romnihödö ĩtsyry wama. Ta hawi hã, te āma rowatsu'u āne te ĩromnhoré dza'ra wa'wa, waihu'u dza'ra wa'aba da ĩsiahödö. Aimreme tsina, aipara, u'ã para, awaru para āne te dza ĩromnhoré dza'ra wa'wa. E marĩ na, wa dza romnhoré dza'ra ni. Wa te waihu'u dza'ra ò di, pire uptabi di. Tame, ma āma na'rata datsitsanho na ĩsiahötönhoré waihu'u na a, b, c, d, ..., āhãna ma na'rata. Tsa'amri, te te wama romnhoré duré ò hã, ma āma na'rata romnhoré na hã. Āne, wa marĩ te 're a'madö'ö. Āne, te marĩ na da te rotsa'rata dza'ra. Ni'wai ò di, ĩsiré norĩ hã ĩsimidza're rowatsu'u da hã. Īwététsi wa we te āma rotsa'rata duré 're adu te awatsu'u mono da ĩsarina ĩhöibaté ma te tsa'retse dza'ra mono da, āne. Ō hã, ma na'rata wamreme na duré tsyry na waihu'u dza'ra ni, āma wama ĩsitsanho dzarina. Taha pari, ma wi ĩtsa'rata'wa Fernando duré ò hã, te wama 're romnhoré 're tsitsaprĩ dzahuré mono wa ĩtsa'rata'wa Pedro me. Ta hawi, ma wi duré ĩtsa'rata'wa João. Āne, we 're tsitsamarĩ ĩtsa'rata'wa hã. Tô ò hã 'ri ma āma aipó'ó ni ĩtsa'rata dzéb da, a'uwẽ te 're tsihutu ĩtsa'rata u hã. Āne, romnhöimanadzé hã daró da te tsãrĩ wi hã. Āne parimhã, ĩtsa'rata'wa Pedro ma rotsa'rata 'ri tsab da ti'a'wa dzebre dzém niwi. Wa watsiwi 'ri ni ĩ'a're niwi duré 'retsu na. Pi'õ norĩ hã, na tsi wama āwitsi dza'ra 'retsu hã, āhã 'ri dzéb da. Ni'wa te tsaprĩ dzahuré ò di, ĩtsa'rata'wa norĩ maparane hã. Ro nomro petse waptisi, ma tsihöi'reĩtsa'rata'wa Pedro, ĩséré'a. Ō hõ me hã, tsi'ubdatö te tihöimana dza'ra. Te 're tsitsaprĩ dza'ra A'uwẽ Uptabi ma romnhoré da hã. Taha pari, ma wi ĩtsa'rata'wa Mário Tsõ'rehipãrdzém hawi, ĩtsa'rata'wa Pedro wa'rãmi hã. ĩtsa'rata'wa Mário ĩmorĩ'rada ro'madö'ö'wa Ētēho'repré'remhã. Ō hã, ma tsiptete romhuri duré rotsa'rata 'ri höiba amo na tsab da, we ã niwi. Ma te 'ri ni 'retsu na 'ri pana. Āne da, wa te 're rotsa'rata awa'awi hã, 'ri pana atsiwi 'ri da. Ti'ai 'madö'ö'wa, we te wa 'madö'ö òré tite rob'uipradzém na hã. Marĩ āna, ti'ai 'madö'ö'wa tiwi rowadzéb da atsiwi 'ri wa romnhorédzéb da 'retsu na. A norĩ wa'wa hã aré ai'ahö wa'aba di 'retsu nhinarĩ da hã, ĩwa 're romnhoré dza'ra wa'aba mono da 'ri parimhã. Āhã rotsa'rada, e ti'ai 'madö'ö'wa te. Wa norĩhã, wa watsiwi 'ri ni, 'ri pana ótó daró tsa étse wamhã wa te 're romnhoré dza'ra mono da. Waradzu ĩsiahudu hã romhuri dzarina ĩtsa'rata'wa norĩ ma, ma tsiwi 'ri dza'ra wedewaré na. Āne, ĩ'a're niwi ma 'ri ni 'ri pana 'retsu na. Tahã, ma wa'õtö ni duré ĩtsa'rata dzéb da. Īwa'õtö amo hã 'ri 're wa'ōno romnhorédzéb da. Wede wa'õtö na wa 're watsi'ubumro romnhoré da. Ótó witsimhã ĩtsa'rata'wa pawaptówa Jorge, te te duré wama romnhoré. Āne, te 're tsitsaprĩ dza'ra ĩtsa'rata'wa norĩ hã, wa te 'madza'ëtē òré tsyry na romnhoré hã.

*Quando chegou a escrita, o padre Salvador que nos trouxe até aqui foi embora para o lugar "Ētēdzutsérēhi" e o padre Pedro chegou em seu lugar. Talvez o padre Pedro pensou em nós quando deitamos ali de lado para construirmos uma casa comprida de palha de babaçu. As mulheres ajuntaram e nós também ajuntamos palha de babaçu. O senhor Adalberto Heide nos levava para tirar palha de babaçu e juntar. O senhor Pedro, um branco, construiu a casa de palha de babaçu. O padre Pedro, um alemão, chegou antes de ser ordenado padre, juntamente com Bartolomeu Giaccaria, quando eram clérigos. Terminada a casa, o padre Pedro que chegou de Ētēdzutsérēhi, talvez ele que pensou em começar o estudo. Nós já estávamos ajuntados desde que chegamos a esta aldeia. Depois de terminada a casa, o Adalberto Heide pensou em começar o estudo. Foi ele que deu início de estudo para nós junto com padre Pedro, o alemão. O padre Pedro finado, ele que cozinhava para nós comer. Depois que acabou a casa, os pedaços de tocos foram colocados para nós estudarmos. Não é tábuia e sim um toco. Como que vamos estudar e sobre o que? Não sabíamos, não temos conhecimentos e não tem ninguém que aprendeu antes de nós. Assim que ele fez a pequena escrita para nós. Em seguida, explanou que assim vão estudar para aprender a escrever; dizendo seu pé, pé de jabuti, pé de cavalo é*

*assim que vão estudar. Sobre o que vamos estudar. Não sabemos de nada, é muito difícil. Aí começou a ensinar sobre alfabetização a, b, c, d, ... com isso que começou. E o Adalberto Heide dava aula para nós e foi ele que começou a estudar. Assim que observava as coisas. É assim que se lembra das coisas e ninguém dos meus colegas tem conhecimentos para contar. Somente eu que estava pensando e levando na memória para contar desta maneira aos jovens e ter conhecimentos assim. Ele iniciou com a língua nossa “a’uwẽ mreme” e aprendemos um pouquinho de que ele nos ensinou. Depois, chegou o padre Fernando e ele dava aula para nós quando trocava com padre Pedro. Em seguida, chegou também o padre João, é assim que vinham os padres. A mesma casa foi dividida para a celebração da missa e a comunidade chegava na missa. Assim acontecia no início da fundação da aldeia. Depois disso, o padre Pedro pensou em construir a casa do lado do galpão de preparação de tijolos. Construímos desse lado também com palha de babaçu. As mulheres nos trouxeram as palhas de babaçu a essa construção. Ninguém os trocava os dois padres. Mais adiante apareceu o padre Pedro, alemão. Com ele, ficaram os três se revezando a dar aulas aos grupos Xavante. Depois o padre Mário chegou de Sangradouro no lugar do padre Pedro. O padre Mário foi o primeiro diretor da missão de São Marcos. Foi ele que reforçou no serviço e pensou de construir outra casa do lado de cá. Foi construída a casa com folha de acuri e comprida. Era pra isso que pensava agora, a construção de casa comprida enquanto o governo atendia nos recursos próprios. Para que o governo se sinta envergonhado da escola construída com palha de acuri. Vocês são muitos para tirar palha de acuri e estudar dentro dela após construída. Essa ideia é do governo? Nós construímos a casa comprida após fixação da aldeia para estudarmos. Os “waradzu” (branco) que chegaram a serviço para os padres é que constroem a casa com pau. Aqui do lado foi construída a casa comprida com palha de acuri e foi dividida também para celebração de missa e outra parte a sala de estudo. É com toco de madeira que sentávamos para estudar. Quando chegou o mestre Jorge, salesiano, dava aula também pra nós. Assim se trocavam os salesianos sem ter avançado um pouco de estudo.*

No primeiro momento, não houve ainda a construção do prédio da escola em São Marcos com recursos próprios do governo do estado. Neste ponto, é importante dizer que, até hoje, a escola funciona no mesmo prédio construído pelos próprios A’uwẽ Uptabi, para servir de internato antigamente e depois passou a servir a escola. Conforme entrevista realizada com senhor Daniel Tsi’õmowẽ, em 14 de novembro de 2020, podemos perceber e entender que a educação desenvolvida pelos salesianos em São Marcos começou numa casa provisória, construída pelos próprios Xavante com palha de acuri. Isso representa o primeiro momento da educação desenvolvida entre os Xavante antes da implantação de escola na aldeia. Somente, em 1975, foi implantada a escola em aldeia São Marcos, conforme Decreto nº 2.179 de 26/08/1974.

Por essa necessidade e pela dificuldade de se comunicar na língua ocidental, e vice-versa, buscou-se na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso o espaço de ensino e aprendizagem para a comunidade A’uwẽ Uptabi da aldeia São Marcos. Depois de 16 anos de existência da aldeia é que foi criada a escola. Assim, eu diria que a escrita chegou a minha

comunidade da aldeia São Marcos através de práticas de alfabetização e letramento por meio da missão e da escola, depois de fixação definitiva da aldeia no ano de 1958.

Também na fala do senhor Daniel, é possível perceber a importância do Padre Pedro Gawlik e Aldalberto Heide no início da educação escolar e da escrita em São Marcos. Por um pedido meu, o mestre Tarley fez uma entrevista, em 28 de março de 2022, com o Padre Miguel Paes da Silva, que foi diretor da Missão Salesiana, depois da sua fundação. Como mestre Tarley tem maior contato com os padres que trabalharam em São Marcos, ele fez esta entrevista por áudio pelo *WhatsApp* e me enviou e eu fiz a transcrição da fala dele. Na entrevista, o Padre Miguel conta o seguinte sobre o Padre Pedro Gawlik:

*Pe. Pedro Gawlik, ele chegou como Assistente lá em Coxipó, estava estudando ainda. É um alemão muito inteligente, né. Questão de pouco tempo ele aprendeu a falar português. Depois ele trabalhou em Sangradouro também muita dedicação aprendeu Xavante com muita facilidade, né. E, ele assim, lá ele contribuiu muito inclusive na liturgia em Sangradouro. Ele fez a primeira tradução do texto romano para o Xavante a liturgia da Eucaristia. Só que foi rejeitado pelos outros missionários. Então, aí não levou adiante. Foi só isso que ele fez. E, em São Marcos ele continuou a mesma dedicação. Sobretudo, essa dedicação em questão de escola porque era muito dedicado realmente para a escola. Ensinava muito bem. Ele foi meu professor lá em Coxipó. E, a gente sabia a capacidade que ele tinha e a compreensão que ele tinha dos alunos, né. Como era de paciente, muito dedicado mesmo para que a gente aprendesse. E, quanto a escola de São Marcos, então essa dedicação. Lá em São Marcos já que na liturgia tinha sido rejeitado pelos missionários, ele começou a dedicar-se a escola. Só que foi antes de 74 que ele organizou lá a escola. Porque em 74, eu cheguei lá em São Marcos e a escola já estava delineada. Daí em São Marcos, ele foi para a missão no Amazonas. Lá no missionário no Amazonas, trabalhou vários anos. Não tenho os dados dele aqui na necrologia, não sei. Mas na tradição da missão deve ter os dados dele porque foi missionário em Mato Grosso. Então, terminou seus dias lá no Amazonas. Depois de vários anos pra frente não tinha notícia dele. Então, isso que eu posso informar. Tem essa importância porque era muito dedicado ao trabalho escolar e ao conhecimento da língua xavante. Uma grande facilidade em aprender línguas, tanto assim que português ou alemão. E, ele falava bastante bem o português. O Xavante também sabia falar bastante bem, bastante bem já. Tanto assim que ele mesmo com ajuda do pessoal, ele conseguiu fazer a liturgia e outras coisas. Não posso dizer se fez alguma gramática ou essas gramáticas elementares que até o Pe. Giaccaria fez. Não posso dizer que não vi, não cheguei a ver algum escrito dele, tá. Então, creio que essas informações que eu tenho, que eu conheço, tá. Então, um abraço! Fique com Deus! Bons trabalhos!”.* (Comunicação oral de Pe. Miguel Paes da Silva para Tarley da Guia Nunes da Mata, 28/03/2022).

Já o Mestre Adalberto Heide chegou junto com o grupo de Xavante na nova aldeia, quando era jovem. Segundo Aquilino (2012, p. 199), Heide é um alemão que aprendeu a língua Xavante. Ele se esforçou muito para contribuir com a implantação da escola e para que houvesse um bom resultado. Usava as duas línguas: português e Xavante. Segundo *Tsa'réi'õ*, Heide ensinava aos jovens da época os nomes dos objetos com muita exigência. Esses salesianos

educadores conviveram com os Xavante no início dos trabalhos com os indígenas, em São Marcos. É de grande importância a presença desses dois salesianos no início, porque talvez, com a presença deles que se iniciou a ideia de fundar uma escola na aldeia. Também com essas pessoas que foram introduzidas a escrita entre os Xavante de São Marcos. Se não estivessem os salesianos entre os Xavante, não estaríamos aprendendo a escrever e ler, atualmente.

Em 27 de janeiro de 2021, fiz uma entrevista com outro ancião, o senhor Raimundo Urébété Ai'réro. O senhor Raimundo Urébété Ai'réro era o filho de Ai'réro e da dona Marta Tsinhotsé'ê'ratsi'õ. Ele pertence ao grupo de idade "Tsada'ró", que significa sol, e ele foi do terceiro grupo de idade já formado depois da fundação da aldeia São Marcos. Em 2001, assumiu como cacique da aldeia São Marcos, depois da morte de seu primo, Orestes Aptsi're, até o dia 20 de abril de 2013. Atualmente, ele mora na aldeia São Bráz, Terra Indígena São Marcos – TI São Marcos, que ele mesmo fundou essa aldeia nova com seus filhos, no dia 30 de maio de 2016. Assumiu a função de cacique dessa aldeia nova e com projeto de lavoura realizado, de roça mecanizada e agroflorestal. Agora, ele tem 69 anos de idade. Ele foi escolhido para a entrevista porque tinha conhecimento sobre os momentos ocorridos em sua época e que pode contar esta história da fundação da escola na aldeia São Marcos.

Segundo entrevista realizada em sua aldeia, ele se manifestou que desde menino aprendeu um pouquinho de língua portuguesa e tinha a capacidade de observar atentamente as coisas. Antes, eu já observava na sua fala e em discursos que realizava na língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante) em outros momentos. Neste sentido, escolhi ele para ser entrevistado e por estar mais próximo do meu parentesco, meu primo. A entrevista foi feita na casa dele, na aldeia São Bráz, Terra Indígena São Marcos – TI São Marcos, em 27 de janeiro de 2021, período da manhã. A entrevista foi feita na língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante) para que ele pudesse entender e compreender a minha pergunta com relação ao assunto. Assim ele pode narrar, conforme entendimento da pergunta, todos os momentos que ele presenciava na época, o processo de implantação da escola, mesmo sabendo falar na língua portuguesa. Na entrevista com o senhor Raimundo, ele fala de sua lembrança sobre como a escola foi construída na aldeia São Marcos:

*Îmorĩ 'rada ãne, wa dza watsu'u: Romnhoré uptabi duré dzahadu ti'ai wa'õtõ 'madõ'õ 'wa te tsa'retse õ nherẽ ãtsa'rata 'wa norĩ, tsi'remhã ma tsiwi pótó. Tsi'ubdatõ daro ãhõ'a ré ãtsimatsa hã, ma tsitsadaihu'u dza'ra: Êtênho'repré, Meruri duré Sangradouro. Tawamhã, tahã, romnhoré uptabi na wa waihu'u dza'ra ni damreme nihödõ hã. Taha parimhã, ótó romnhor're 'wa a'uwẽ tsina hõ'õmhã, ma ãtsa'rata'wa norĩ rotsa'rata uptabi dza'ra te tsiwi pótó da hã romnhorédzé. Mitsi wapto, para'õtõwe dzahu, wawinhi'ubdatõtó imrotõ hawi, te we mo romnhoré uptabi hã. Wahu ã'rãdzahutó, ã'rãdzahutó ã'rãdzahu, para'õtõwetó ãme. Tawamhã,*

*ã romnhoré ãna'rada, romnhoré uptabi te ipódó hã ãtsa'rata'wa Gino Fávoro, ãhõ'a 'madõ'õ 'wa na hõimana ré Êtênho'repré 'remhã taha wahum na hã. Õ hã, ma pótó. Õ hã, te ãtsari na ne. Áhã tá, ãtsa'retsedzé duré ãtsa'rata'wa norĩ ma tsiwi tsitsi "Escola Dom Felippo Rinaldi". Ti'ai wa'õtõ 'madõ'õ 'wa, ma tsa'retse áhã ãtsitsi na date ipódó Êtênho'repré áma hã. Marĩ ána, atéma na ãhõibaté we tsina hõ'õ mono wa. Nare, õne bõdõdi hõimana õre bõ ãtsaprõnidzé hã. ãtsa'rata'wa norĩ, tó 're tsiwadzéb dza'ra mono wa, aiwa waradzu wa, awa'awi ma ti'ai waõtõ 'madõ'õ 'wa tsa'retse romnhorédzé hã. Tawamhã, tsa'retse ré te ótó tihõiba romnhorédzé Êtênho'repré áma hã. Taha waptsi, ma ótó pódó romnhoré uptabi hã. Tawamhã, wa ótó waihu'u dza'ra ni tsena damreme hã. ãhõiba ma hã, wa hã, wa waihu'u dawapari dzarina ãtsa'rata'wa norĩ mreme hã. Waradzu mreme na áma ãtsaprĩ hã, a'uwẽ uptabi mreme u. Tsa'ëtẽ na te waihu'u õ di, tsyry na te ãwaihu'u na hã wa te áma adzaprĩ wamreme u hã. Õ norĩ te romhuri watsu'u hã. Wawinhi'ubdatõtõ ãmrotõ hawi, ma tina 'rata romnhoré uptabi. Taha wahub 'remhã, wa hã, ãtsa'rata'wa na ãtsiwãrĩ'wa na wa ãhõimana. Taha pariptsi, wa ótó ãhõimana dama romnhoré'wa na. Te anhimi dza'retse prédu wẽ mono a'wẽ 'ra norĩ hã. Áne, ãtsa'rata'wa norĩ we te wanhimro bõdõdi na romnhoré na rowaihu'u da hã. Tô waro Êtênho'repré 'remhã. Tsiwawã õ wamhã waradzu tsi'uiwa hã. Áne, wa rowatsu'u.*

*Primeiro vou contar assim: O estudo de verdade e ainda não haver reconhecimento pelo Governo do Estado, os padres entre eles fundaram, se comunicaram com as três missões de aldeias , como São Marcos, Meruri e Sangradouro. Então, nesse estudo de verdade, aprendemos a linguagem na escrita. Depois, quando aumentaram os estudantes indígenas, os padres salesianos pensaram de verdade para a criação da escola. De 1975 em diante, foi indo o estudo de verdade. Dos anos 80, 88, 90 até aqui. Então, o início deste estudo, o estudo de verdade que criou, foi o padre Gino Fávoro, o diretor da missão de São Marcos naquela época. Foi ele criou, foi ele que ia atrás. Aqui está o reconhecimento e os padres deram o nome "Escola Dom Felippo Rinaldi". O Governo reconheceu com esse nome a escola que foi criada em aldeia São Marcos. Porque aos poucos os jovens foram se aumentando e realmente seria nesse caminho o procedimento. Os padres salesianos por considerarem da mesma sociedade "waradzu" (branco) e respeitados, logo o Governo reconheceu a escola. Então, estava reconhecida a escola de São Marcos e criado o estudo de verdade. Então, aprendemos o gosto da língua. Pessoalmente, aprendi na escuta as palavras dos padres, a língua portuguesa traduzida à língua Xavante. Não aprendi muito e um pouco de aprendizado traduzia para nossa língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante), o trabalho de história deles. Dos anos 75, começou de verdade o estudo e naquela época eu ficava como ajudante dos padres. Posteriormente, ficava como professor, educador para as crianças indígenas. Assim, os padres salesianos vieram levando com nós os caminhos pelo estudo e conhecimento, bem como a nossa aldeia São Marcos. E, por não descumprirem a mesma sociedade "waradzu" (branco), assim que eu conto.*

Na minha reflexão, eu diria que o momento do passado não é igual com o momento presente, atual. É diferente pela minha observação, em relação à aprendizagem da língua, tanto a língua portuguesa quanto a língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante), na leitura e escrita. Após a implantação de escola em São Marcos e reconhecida pelo Governo de Estado, os jovens Xavante vinham estudando as disciplinas que os "waradzu" (branco) estudavam, como por exemplo, português, matemática, geografia, história, etc. Neste sentido, o senhor Raimundo Urébété Ai'réro se refere a falar de estudo de verdade, ou seja, a educação escolar. A partir daí,

os jovens Xavante se interessaram e se empenharam de aprender a ler e escrever as palavras. Por essa razão, eu digo que a presença dos padres foi de suma importância no processo de implantação da escola em São Marcos, com apoio do governador naquela época. Se não estivessem os padres ali, quem seriam os Xavante para iniciar o processo de implantação de escola, levando reivindicações da comunidade Xavante de São Marcos ao governo do estado? Mais adiante, os padres procuravam os Xavante para formar pessoas interessadas e aptas, juntamente com a FUNAI, através de curso, e que pudessem trabalhar em sala de aula no ensino da língua com base na tradução à língua “A’uwẽ mreme” (língua Xavante).

Com base na entrevista do senhor Raimundo Urébété Ai’rero, depois que aumentaram os estudantes Xavante, os padres salesianos pensaram de verdade para a criação da escola. Segundo ele, de 1975 em diante, foi indo o estudo de verdade até os anos 80, 88, 90, até aqui. E quem estava à frente do processo de implantação da escola foi o padre Gino Fávaro, o diretor da missão de São Marcos naquela época. Foi ele que criou, foi ele que ia atrás. Naquela época, somente os padres salesianos eram professores, como por exemplos, Pe. Pedro Gawlik, Pe. Bartolomeu Giaccaria, Me. Adalberto Heide, Me. Jorge Wörz, Pe. Miguel Paes, Pe. Gino Fávaro e Pe. Luis Leal. Segundo entrevistado Daniel Tsi’õmowẽ, especificamente a comunidade Xavante da aldeia São Marcos queria a escola, porque antigamente achávamos difícil e nem entendíamos a fala dos padres na língua portuguesa. Agora eram os próprios indígenas professores que estudaram, conheciam e se formaram na cidade para dar aulas.

Segundo a visão do mestre salesiano Tarley da Guia Nunes da Mata, a escola fundada em São Marcos teve uma outra visão da escola em Meruri. Conforme ele explica,

*a escola aqui em São Marcos, ela é diferente da escola de Meruri, por quê? Porque o tempo já tinha mudado um pouquinho. Lá em Meruri como que era o pensamento para o povo Bororo? O povo Bororo deveria deixar de ser Bororo para aos poucos se tornar branco, como se fosse “waradzu”, tá? Era essa a cabeça deles. Então, a gente precisa entender a cabeça deles pra poder fazer o trabalho da pesquisa, tá? Aqui não, aqui em São Marcos, quando os salesianos vieram para São Marcos com os Xavante era para fazer uma missão exclusiva dos Xavante. Então, aqui tem uma diferença. Alguns anos depois quando começou a escola, né? As primeiras experiências de escola, olha que é interessante, era somente A’uwẽ Uptabi. não era “waradzu” (branco) com A’uwẽ Uptabi. Lá, em Meruri não, lá era “braido” com Boe. Boe é Bororo, braido é não indígena na língua Bororo. O Xavante fala “waradzu” e o Bororo fala “braido”, tá? Interessante dominar essas questões, né? Assim vai se destacando, isso é muito legal. Então, essa é a primeira diferença que você pode apontar que você pode indicar entre a escola que estava nascendo aqui em São Marcos, “Ëtênho’repré” e a escola lá em Meruri. Lá havia “braido” (não indígena) na língua Bororo junto com os Bororos. E, estava crescendo a presença dos “waradzu” lá, né. Então, os Bororos vão desaparecer e que língua que ia falar? Ia falar o português, tanto que os Bororos na história deles passaram por esses momentos difíceis de não poder falar a língua ou não querer falar a sua própria língua. Essa é a primeira diferença. Uma outra diferença importante que você pode apontar para o começo da escola*

*aqui que os missionários fizeram para os Xavante. Aqui os missionários fizeram uma escola, querendo conhecer a língua Xavante, querendo conhecer a cultura Xavante, querendo conhecer tudo do Xavante. Então, isso foi diferente lá de Meruri, né? Lá era outro contexto, a gente fala, né? Aqui o contexto foi favorável para a pesquisa sobre a língua, cultura e a vida do povo Xavante dentro da escola. Então, foi natural que de repente alguém começou se perguntar “Como que se alfabetiza na língua Xavante?” A língua Xavante que vocês trouxeram não havia nada de escrito, isso não tem nada errado. O povo Xavante é um povo oral, mas houve essa preocupação. Então, houve interesse de muitos jovens Xavante da época, principalmente os “Anarowa”, “Tsada’ro” também “Ai’rere”, inclusive quando criou internato aqui. O internato era diferente, não era assim internato como lá muita gente confunde. O internato que aconteceu aqui foi o internato diferente do internato dos Jesuítas lá de “Utiariti”. É uma região na outra parte do Mato Grosso que os Jesuítas fizeram internato para vários povos indígenas juntos. Aqui não, aqui o internato foi somente, era o internato junto da cultura Xavante no tempo do “wapté” (adolescente). O “wapté” (adolescente) convive junto dentro do “Hö” (casa de adolescente) e afastado um pouco da comunidade. Então, essas experiências do internato dos anos iniciais da escola foram muito favoráveis para essa aproximação com a cultura Xavante. Acho que isso foi positivo na avaliação minha. E, depois aparecem aqueles, os primeiros monitores e essa história é muito bonita. Eu não pesquisei totalmente essas fases iniciais da escola. O meu interesse, do meu mestrado foi o processo. Eu faço a comparação entre os grupos como que os Xavante estava naquele momento que fiz a minha pesquisa de 1997, 1998 e 1999. Como que os Xavante estavam pensando para dominar a escola. O que hoje está dominado para serem diretores, coordenadores, né? Serem os donos da escola sem o “waradzu” (branco). Então muito interessante e meu trabalho foi sobre isto. Eu não tenho muitos detalhes dos inícios, mas eu sei que outras pessoas pesquisaram.*

O mestre Tarley da Mata menciona em sua fala a formação de monitores indígenas para a atuação na escola de São Marcos. Segundo artigo da professora Maria do Socorro Pimentel da Silva (2006), a função de “Monitor bilíngue”, criada pela FUNAI, era ensinar os indígenas a lerem e escreverem em suas línguas maternas, condição essencial para que eles pudessem alfabetizar as crianças nessas línguas. O problema da concepção de educação bilíngue de transição é que a proposta da escola tinha como princípio a transformação do indígena em um não-indígena. Nela não havia qualquer indício de valorização das culturas e das línguas indígenas. Seu currículo constituía-se de técnicas agrícolas, civismo e higiene, condições que, segundo as concepções da época, eram importantes para a civilização dos indígenas. Fica claro, portanto, nesse projeto, o apagamento da identidade indígena em favor da nacionalização desses grupos.

Para a entrada dos primeiros monitores, havia cursos para os indígenas interessados em trabalhar na escola junto com os padres. Conforme a dissertação do Aquilino (2012, p. 54) relata, o primeiro curso de monitores bilíngues Xavante foi realizado em 1978. Segundo ele narra,

a FUNAI desenvolveu o projeto Xavante, chamado Curso de Monitores Bilíngue Xavante, promovendo a primeira etapa do curso nos meses de maio, junho e julho na aldeia de Namuncurá, Terra Indígena de São Marcos. Estiveram como professores nessa formação de monitores os funcionários da FUNAI: Guilherme Carrano e Regina e, segundo Carrano, Regina não era servidora da FUNAI, mas era contratada pelo projeto Xavante que envolvia a educação, produção e outras atividades. [...] Esse curso de formação foi apoiado pelas duas missões: São Marcos e Sangradouro. Foi uma boa ideia para trabalhar com as instruções, ou até capacitação com os monitores Xavante, para futuramente atuar nas salas de aulas nas suas próprias aldeias. A segunda etapa do curso promovido pela FUNAI aconteceu em julho, agosto e setembro de 1980 na aldeia de Kuluene Aldeiona. Os Xavante que estiveram nesse curso ainda relembram com bons olhos que viram os conteúdos estudados naquela época como muito proveitosos (TSI'RUI'A, 2012, p.204-205).

O senhor Raimundo Urébété Ai'réro foi um dos primeiros monitores bilíngues formados pela FUNAI, conforme a entrevista feita com ele. Sobre o início do processo de formação de monitores, ele diz o seguinte:

*Wahu mitsi wapto, para'õtõwedzahu, wawinhi'ubdatõtõ ãmrotõ ãma ãtsa'rata'wa norĩ te ãdzõ tihõrõ dza'ra. ãwétsi, e marĩ wa. Marĩ ãna, 'watébrémi ré te waihu'u wa tsyry na waradzu mreme hã. Ta hawi, wa ãprédu. ãtsi wapté, ãtsi 'ritéi'wa duré ãmro. Mitsi waptõ, para'õtõwedzahu, wawinhi'ubdatõtõ ãmrotõ 're, wa ãmro. Tô, taha wahum na ma apõ duré ãdzõ tihõrõ dza'ra, ãma ãtsime dza'ra da. Tawamhã, wa te romhuri ãtsi waprotsi ãtsi ré dza'ra, da'ãma ãtsiwãrĩ'wa ne. Ai'uté, wa te 're a'ubumro duré õiba wamhã wa te 're a'uptsõ. Duré te 're a'wa'uptsõ. Uburé ãhã, wa tãma ãma 're ãtsitsanho dza'ra. Niha, ai'uté date 're ã'uptsõ dza'ra mono dzé hã. E 'wam norĩ ãhã: Tirowa duré ni'wam norĩ ãnhimnhohu Hõtõrã, tsiwadzari ba'õtõ me, adzarudu duré ai'uté. Mitsi waptõ, para'õtõwedzahu, wawinhi'ubdatõtõ ãmrotõ hawi, ãtsi waprotsi wa 're ãhõimana. Wahu wawinhi'ubdatõtõ ãmropõ, wawinhi'ubdatõtõ wawinhi'ubdatõ wa tsõ ãhõrõ dza'ra ãtsa'rata'wa norĩ te ãma 'ru dza'ra wa. Awaibui wa'wa te te 're romhuri dza'ra mono da. ãtsiré te ãromhuri dza'ra, ã norĩ hã: ãmo'wa Cosme, ãtsiwatsini Pedrinho, ãno Jonas dzahadu te tihõiba. Ótõ tsõ ãhõrõ dza'ra hã, ã norĩ: ãdza'õmo Simão, tsa'u'wa Valdez. ã norĩ hã, tô atéma wa watsina wahõ'õ ni ai'uté ma romnhoré 'wa da. ãne, wa ãma na'rata. ãne, wa ãma watsina. ãne, wa wa te romhuri dza'ra romnhorédzé ótõ pótõ wamhã. ãne, wa romhuri na na'rata dza'ra ni. Daro mono bö hã, te hõimana dapawaptõ'wa norĩ FUNAI (Fundação Nacional do Índio) hawimhã. Aihini, wa ãma 're watsitõ ai'uté na rowa'wa u, ãtênho'repré dana darõb u hã. Tame, ai'uté norĩ hã rowaihu'u na te 're tsi'wapé. ãne, te we mo bödõdi romnhorédzéb 'remhã. ãne, we hõibaré tihõiba. ãne, te 're hõimana robdze hã rowaihu'u dzarina hã. Ai'uté norĩ hã, waptu na ma rowaihu'u dza'ra. Marĩ ãna, wamreme na tsi tãma datsitsanho dza'ra mono wa. ãne dzarina, rowaihu hã ãwaptu. Te hõimana maparane damreme ãma datsitsanho da hã, a'uwẽ mreme duré waradzu mreme. ãne, wa watsiwi pótõ ni. ãne, ãtsa'rata'wa norĩ ma tsiwi pótõ dza'ra romnhoré hã. Rowaihu waptu na morĩ da hã, ãtsihõtõ dzarina. Wa hã, wa ãma adzadze tô tsena waptu na ãhõimanma da hã rowaihu maparane damreme na hã. ãne, ma te pódõ. ãne, wa ãma watsina wa tô anhitsipa ãtsiré norĩ hã. Romnhorédzéb 'remhã, ãhã na hã, ótõ ni'wa hõimana õ di dama romnhoré'wa ã'rada hã ãne marĩ mono da hã. Ni'wai õ di. ãté, waihu'u õ di e niha ótõ awa'awi na hã. Ni'wa na te rotsa'rata dza'ra mono õ di, duréi na hã. Tadza hã, ãma tsawi di romhuri, tsawi di romhuri*

*hã. Éré õhõ da wa te rowaihu 'u dza 'ra mono dza. Te da te wama roti dza 'ra ãma watsitsanho wẽ dza 'ra mono da ai 'uté ma. ãne, wa we watsiwi tsaprõni ni. ãne, wa ãtsa 'rata 'wa norĩ na watsina. ãne, wa pitsutu dza 'ra wa 'wa, ãtsa 'rata 'wa nhimiroti dzarina. Ótó te rēmehã ãdzatõ ti 'ai 'madõ 'õ 'wa te na hã. Wa ótó tsaprĩ ãnhitsi na dapawaptõ hawimhã. Ótó ãdzatõ ni FUNAI u. Uburé ãhã, ãtsa 'rata 'wa norĩ hawi bõdõdi wa tsama. ãtsa 'rata 'wa norĩ nhib 'rowi wa tsama bõdõdi duré ãtsiptede romnhoré duréi hã. Romnhoré tsiptete di, ãne wa, wa hã, watsu 'u.*

*No ano de 1975, os padres salesianos me chamaram primeiro. Somente eu, por que? Porque desde menino, aprendi um pouquinho a língua portuguesa. Aí, eu cresci. Fui tornar adolescente, 'ritéi 'wa (novo adulto) e casei-me. Em 1975, casei-me e no mesmo ano chamaram-me novamente para ajudá-los. Então, trabalhava sozinho com eles como ajudante. Ajuntava as crianças e quando no córrego as lavava e como se fazia escovar os dentes. Tudo isso, eu ensinava de como se banha para as crianças, quem são eles: os Tirowa e alguns meninos do meu afilhado Hõtõrã misturados com meninas, moças e crianças. De 1975, eu ficava sozinho e dos anos 76, 77 chamei os outros pelo pedido dos padres, escolhendo para trabalharem. Os que trabalharam comigo foram: os finados companheiros Cosme, Pedrinho, o Jonas que ainda está vivo. Os que eu chamava aqui estão: o cunhado Simão, o cunhado finado Valdez. São esses e aos poucos aumentamos de quantidade às crianças. Assim comecei. Assim os ajudamos, assim trabalhamos quando foi criada a escola. Assim começamos o trabalho na escola. Em toda aldeia havia monitores bilíngue da FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Todos nos reuníamos lá no centro da aldeia, aldeia mãe São Marcos com as crianças. Ali, as crianças com aprendizados, fizeram movimentos. Assim veio indo o caminho dentro da escola. Assim veio ficando viva. Assim existia a alegria através do aprendizado. As crianças aprenderam rápido porque foram ensinadas na nossa língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante). Por causa disso, o aprendizado foi rápido. Havia duas línguas a serem ensinadas, a língua "A'uwẽ mreme" (língua Xavante) e a língua portuguesa (waradzu mreme). Assim criamos. Assim os padres criaram os estudos para andar mais rápido o aprendizado, conforme prescritos. Eu concordo plenamente, realmente é mais rápido o aprendizado nas duas línguas, assim. Assim foi criada. Assim os ajudamos e que citei os nomes deles. Agora não existiam essas pessoas citadas, os meus colegas. Dentro da escola, hoje, não tem ninguém os velhos professores bilíngues para essas coisas. Não tem mais. Talvez, não sei como que está agora no momento. Não se lembrava de ninguém, do passado. Mas, tenho amado o trabalho, amado o trabalho. Era pra isso que fomos aprendidos, fomos aconselhados para ensinar bem às crianças. Assim viemos levando, assim ajudamos com os padres. Assim os indicava por ordem dos padres. Quando deixar o contrato do Estado, passei a ser chamado de monitor bilíngue e contratado pela FUNAI. Tudo isso, através dos padres salesianos percorremos o caminho. Através dos padres seguimos o caminho e é forte o estudo, antigamente. É muito forte o estudo. Assim que eu contei.*

Sobre como se tornou monitor na escola, ele respondeu o seguinte:

*Duréi hawi te waradzu we te te wa 'madõ 'õ dza 'ra. ãdzapo hawi we te tsiwi ã 'madõ 'õ rowaihu 'u na. ãmreme na ãdzapo ré te ãwaihu hã waradzu mreme hã. Ótó ãtsi wapté wanhã, wa te 're roti ãtsi 'utsu norĩ ma hã. ãtsi 'utsu norĩ ma, wa te ãma adzaprĩ waradzu mreme hã wamreme u hã. Romnhoré dzéb u ãdzébrémhã, wahu wawinhi 'ubdatõ ãma rowaihu 'u amo dzõ hã oto ãprédu wanhã. ãne, ãtsa 'rata 'wa norĩ ma tsiwi ãpitsutu. ãne, ma ãma rowaihu 'u dza 'ra. ãne, ma tsiwi ãti rowaihu ãma ãhõimana dzarina. Te ãrowaihu 'u dzarina. Romhuri waihu ãma ãhõimana hã, uburé ãtsa 'rata 'wa norĩ hawi. Tawamhã, romhuri te a 'manharĩ mono ré hã mitsito-ã 'rãdzu (18) wahu ma ã 'ãma ai 'utõ. Te ãma wapto wamhã romhuri da 'ãma datsiwãrĩ na hã, tsi 'ubdatõto-ãmrotõ (35) wahu wa uprotsi awa 'awi u hã. ãhãna hã, te romhuri õ di. ãne, wa uprotsi wahu*

*hã romhuri ré hã. Āne, wa 'rātsutu romhuri 'manharĩ hã rowaihu'udzém na hã. Ai'uté norĩ ma romnhoré na hã duré dahōiba amo u hã. Āne, wa tsaprō bōdōdi hã rowaihu'udzém na hã. Āne, wa watsu'u wahu te ĩromhuridzé hã.*

*Desde antigamente, os “waradzu” (brancos) nos observavam. Me observavam pelo conhecimento e na língua falada desde menino que aprendi um pouco a língua portuguesa. Quando me tornei adolescente, eu dava conselhos ao meu grupo de idade. Traduzia ao grupo a língua portuguesa para a nossa língua “A’uwẽ mreme” (língua Xavante). Com a minha entrada na escola dos anos 75 para outros conhecimentos e bons crescimentos. Assim, os padres salesianos me indicaram. Assim me ensinaram. Assim me ordenaram. Então, esse conhecimento que tinha. O aprendizado que tenho. O trabalho que tinha, tudo isso é através dos padres salesianos. Então, o serviço que realizava foi de 18 anos de trabalho. Mais somado com serviço de monitor bilíngue foi de 35 anos de serviço até agora. Hoje, não estou trabalhando e assim terminei os anos de serviços. Assim que terminei os serviços prestados na aprendizagem, no estudo às crianças e por outra pessoa, ao próximo. Assim que levei o caminho na aprendizagem. Assim que informei os anos de serviços prestados.*

De acordo com a entrevista feita, ele bem disse que desde menino aprendeu um pouquinho a língua portuguesa. E, talvez neste sentido, com a observação dos padres salesianos na época sobre os seus comportamentos e atitudes, foi escolhido para ser monitor bilíngue. Pela entrevista, o trabalho foi feito com as línguas portuguesa e xavante, primeiramente, sabemos que ele conhece duas línguas. Com isso, ele traduzia a língua portuguesa ao seu grupo de idade para a nossa língua “A’uwẽ mreme” (língua Xavante). Quando ele entrou na escola e sendo monitor bilíngue, primeiro, o trabalho era de ensinar às crianças “A’uwẽ” a lerem e escreverem na nossa língua materna, alfabetizando-as nessa língua. Depois que aprendiam a ler e escrever a língua materna, começava a ensinar a língua portuguesa com pequenas palavras e fáceis de captar na memória. Assim, funcionavam os trabalhos de monitores bilíngues A’uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) sobre as línguas.

### 2.3. A formação de docentes indígenas em nível superior e a escola de São Marcos nos dias de hoje

De acordo com a pesquisa de Aquilino Tsere’ubu’õ Tsi’rui’a (2012, p. 203), é a partir de 1986 que a FUNAI e o estado de Mato Grosso começam a contratar professores indígenas para atuarem nas escolas. Em sua dissertação, Aquilino cita o trabalho de Leal (2006), que diz o seguinte:

Aos poucos a Escola Indígena Estadual de I Grau Dom Filippo Rinaldi, de São Marcos vai se organizando e procurando construir um “rosto” indígena. Em 1983 foi criado o Ensino Fundamental (de 5ª a 8ª série) resolução nº 081 de 04/08/83; Em 1984 o Estado começa a contratar professores Xavante. Isso

significava que a escola estava sendo assumida pelo povo Xavante. De 1986 a 1991, o Ensino Fundamental foi se firmando e, principalmente, os professores Xavante puderam ser capacitados em cursos de férias, ministrados por professores da UNICAMP, pela equipe de articulação do CIMI Regional e Nacional e mais tarde por professores da UCDB. Além disso, eram organizadas contínuas reuniões e treinamentos locais. Assim, qualificados, podiam assumir as aulas no Ensino Fundamental com muito mais segurança e empenho (LEAL, 2006, p. 61 apud TSI'RUI'A, 2012, p. 2004) .

Neste período, muitas mudanças importantes aconteciam no país, a principal delas foi a promulgação da Constituição de 1988 e a garantia aos povos indígenas ao direito de educação bilíngue específica e diferenciada. Essas mudanças provocaram a demanda pela formação de docentes indígenas em nível médio e superior para assumirem seus lugares na escola indígena.

Segundo Mata (1999, p. 136), os primeiros professores Xavante contratados para trabalharem na escola D. Felippo Rinaldi, foram: Boaventura T. Tserewa'wa, Cosme Wa'õre, Fabiano Abutuwe, Jonas Tserenhirawe Tsirui'a, Pedrinho Urébété Paritsi'e e Raimundo Urébété Ai'rero. Foram contratados em 1983. Foram escolhidos para serem professores porque já realizaram os cursos de capacitações de monitores nas aldeias indicadas, dos anos anteriores. Eles lecionaram para as séries de I a IV do ensino fundamental e das séries de 5ª a 8ª, os missionários salesianos lecionaram.

Especificamente na Terra Indígena São Marcos, da aldeia São Marcos, os professores Xavante começaram a ter formação em nível superior para atuarem na escola desde os anos 98 até o ano atual. Os professores Xavante que tiveram a formação em nível superior foram os seguintes:

**Quadro 01 – Professores Xavante com formações superiores**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Cursos de Graduação</b>
Inácio Ai'réro Buprêwë	1998-2000	UNIVAR-Faculdades Unidas do Vale do Araguaia	Licenciatura em Pedagogia
Oscar Wa'rãiwë Urébété	1998-2000	UNIVAR-Faculdades Unidas do Vale do Araguaia	Licenciatura em Pedagogia

**Quadro 02 – Professores com formações superiores**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Cornélio Nomohi Tsimó	2001-2006	Universidade Estadual de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas
João Batista Tsi'ômowê Tsörôpré	2001-2006	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas
Nicolau Wadza'atiwê Tsipe	2001-2006	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura específica para a Formação de Professores Indígenas
Roque Teromnhi'ëiwê Tserewa'u'aiwê	2001-2006	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas
Timóteo Tseretsu Tsirobo	2001-2006	Universidade do estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas

**Quadro 03 – Professores Xavante com formações superiores**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Beno Wadzuridzawi Urébété	2002-2005	Universidade Católica Dom Bosco	Licenciatura Plena em Matemática
Tomé Tsi'ëiwa'adi Wadzatsé	2002-2005	Universidade Católica Dom Bosco	Licenciatura Plena em Pedagogia

**Quadro 04 – Professores Xavante com formações superiores**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Feliciano Paramei'wa	2005-2009	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas
Nivaldo Wahöiwêrê Rãirãte	2005-2009	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas
Valter Tehi Abhö'ödi	2005-2009	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas

**Quadro 05 – Professor Xavante com formação superior**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Edmilson Tserewamne Tsereró'ódi	2011-2014	UNIVAR-Faculdade Unida do Vale do Araguaia	Licenciatura Plena em História

**Quadro 06 – Professor Xavante com formação superior**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Nilson Tserewatsa Tsa'é'õmo'wa	2012-2016	Universidade do Estado de Mato Grosso	Licenciatura Plena em Pedagogia

**Quadro 07 – Professores Xavante com formações superiores**

<b>Nome</b>	<b>Período</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Curso de Graduação</b>
Glicério Tseretuiwê Ruwa'adi		Universidade federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural
José Uratsé Aihé'édi	2013-2017	Universidade Federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural

**Quadro 08 – Professores Xavante com formações superiores**

Nome	Período	Instituição de Ensino	Curso de Graduação
Caetano Tserenhi'ru Moritu	2014-2018	Universidade Federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural
Mercedes Ro'o'rãhipa Tsõrõpré	2014-2018	Universidade Federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural

**Quadro 09 – Professores Xavante com formações superiores**

Nome	Período	Instituição de Ensino	Curso de Graduação
Nicodemos Terowẽ Tserewede	2015-2019	Universidade Federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural
Ricardo Aptsi're Ni'wairero	2015-2019	Universidade Federal de Goiás	Licenciatura em Educação Intercultural

**Quadro 10 – Professores Xavante com Magistério Intercultural**

Nome	Período	Instituição de ensino	Nome do curso
Dimas Tseredzatsu Urébété	2013- 2018	EEI Dom Felippo Rinaldi	Formação de Professores Indígenas para o Magistério Intercultural, Modalidade Normal em Nível Médio
Ignásia Tsinhotsẽ'ẽdzabu'õ Tserẽ'õri	2013- 2015	EEI Dom Felippo Rinaldi	Ensino Médio Regular
Josefina Ro'owãpa Wa'utõmo'a'e	1998- 2000	EEI Dom Felippo Rinaldi	Magistério de 1º Grau
Laureano Pari'õwa Tsirobo	1997- 2000	EEI Dom Felippo Rinaldi	Magistério de 1º Grau
Soraya Redzuriwe Tsa'e'omo'wa	2013- 2018	EEI Dom Felippo Rinaldi	Formação de Professores Indígenas para o Magistério Intercultural, Modalidade Normal em Nível Médio

Além dos professores Xavante formados em nível superior, apresentados nos quadros, temos ainda 5 (cinco) professores Xavante que não tiveram formação em nível superior. Porém, eles têm a formação de magistério intercultural e estão atuando em salas de aulas.

No quadro 1, apresentei os professores Xavante Inácio Ai'réro Buprêwẽ e Oscar Wa'rãiwẽ Urébété que fizeram seus cursos superiores na UNIVAR – Faculdades Unidas do Vale

do Araguaia, na cidade de Barra do Garças, Mato Grosso. Concluíram seus níveis superiores quando era a duração de 3 anos de curso.

No quadro 2, apresentei os professores Xavante que começaram a ter formação em nível superior como a primeira turma na UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso na cidade de Barra do Bugres, Mato Grosso. Esta universidade foi batizada com o nome de Riner Barbuor.

No quadro 3, apresentei os professores Xavante que começaram a ter formação em nível superior na Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul.

No quadro 4, apresentei os professores Xavante como a segunda turma da UNEMAT que começaram a ter formação em nível superior.

No quadro 5, apresentei o professor Xavante que começou a ter formação em nível superior na UNIVAR – Faculdade Unida do Vale do Araguaia, em Barra do Garças, Mato Grosso.

No quadro 6, apresentei o professor Xavante que começou a ter formação em nível superior na UNEMAT, Barra do Bugres, Mato Grosso.

No quadro 7, apresentei os professores Xavante que começaram a ter formação em nível superior como a primeira turma de Xavante no curso de Licenciatura em Educação Intercultural na UFG – Universidade Federal de Goiás, no Estado de Goiás.

No quadro 8, apresentei os professores Xavante que começaram a ter formação em nível superior na UFG, como a segunda turma de Xavante. E, ainda, no quadro 9, apresentei os professores Xavante como a terceira turma que começaram a ter formação em nível superior, também, da mesma universidade. No quadro 10, apresentei os professores com formação em Magistério Intercultural.

Em meu entendimento, é de grande importância a formação superior para esses professores indígenas. Pois, assim formados e qualificados, já podem atuar na escola com conhecimentos adquiridos dos não indígenas e com domínios de conteúdo das disciplinas a serem trabalhados em sala de aula, sem se preocupar de algo que venha a surgir. Da mesma forma, os cursos com formação específica para docentes indígenas são muito importantes para valorização das línguas e dos conhecimentos indígenas do próprio povo. Como no meu caso, o curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG foi de grande importância na minha formação como professor indígena. Foi nesse curso que adquiri outros conhecimentos dos não indígenas. Esse curso me deu uma visão de mundo, o mundo da sociedade do meu povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) e o mundo da sociedade não indígena. Através deste curso,

compreendi o termo intercultural que é o reconhecimento ou troca de outras culturas entre ambos os seres. E, mais ainda, esse curso me amadureceu para buscar a aprendizagem próprio do A'uwẽ, de acordo com as demandas da minha comunidade, especificamente, da aldeia São Marcos – TI São Marcos.

Hoje são 20 professores que atuam na escola Dom Felippo Rinaldi. Desses 20 (vinte) professores, 19 (dezenove) são indígenas e 1 (um) professor não indígena. Os professores indígenas e não indígena atuam nas seguintes áreas e séries:

**Quadro 11 – Professores que atuam na escola de São Marcos**

<b>Professores Indígenas/Não Indígena</b>	<b>Área de Atuação</b>	<b>Séries</b>
Caetano Tserenhi'ru Moritu	Línguas Portuguesa e Xavante	1º e 2º Anos – Ensino Médio
Dimas Tseredzatsu Urébété	Unidocência	1º Ano “B”
Douglas Chrystiano Silva Souza	Línguas Inglesa e Portuguesa	6º, 7º, 8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 3º Ano/Ensino Médio
Edmilson Tserewamne Tsereró'ódi	História, Filosofia, Sociologia	9º Ano/Ensino Fundamental – 1º, 2º e 3º Anos/Ensino Médio
Feliciano Paramei'wa	Geografia, Filosofia	8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 1º Ano/Ensino Médio
Glicério Tseretuiwẽ Ruwa'adi	Línguas Portuguesa e Xavante	6º, 7º, 8º e 9º Ano/Ensino Fundamental
Ignásia Tsinhotse'edzabu'õ	Unidocência	Pré II/Educação Infantil
João Batista Tsi'õmowẽ Tsõrõpré	Educação Física	6º, 7º, 8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 1º e 2º Anos/Ensino Médio
Josefina Ro'owapa Wa'utõmo'a'e	Unidocência	1º Ano “A”/Ensino Fundamental
José Uratsé Aihé'édi	Unidocência	4º Ano/Ensino Fundamental
Laureano Pari'õwa Tsirobo	Ciências, Práticas Culturais, Prática Agroecológica, Educação Física	6º, 7º e 8º Anos/Ensino Fundamental – 3º Ano/Ensino Médio
Mercedes Ro'o'rãhipa Tsõrõpré	Artes, Ensino Religioso, Língua Xavante	6º, 7º, 8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 3º Ano/Ensino Médio
Nicodemos Terowẽ Tserewede	Ensino Religioso, Tecnologia Indígena, Prática Agroecológica	6º, 7º, 8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 1º, 2º e 3º Anos/Ensino Médio

Nicolau Wadza'atiwê Tsipe	Biologia, Física, Química, Sociologia, Tecnologia Indígena	1º, 2º e 3º Anos/Ensino Médio
Nilson Tserewatsa Tsa'é'ômo'wa	Unidocência	2º Ano/Ensino Fundamental
Nivaldo Wahöiwêrê Rãirâté	História, Geografia, Filosofia,	6º, 7º e 8º Anos/Ensino Fundamental – 2º e 3º Anos/Ensino Médio
Oscar Wa'rãiwê Urébété	Unidocência	3º Ano/Ensino Fundamental
Ricardo Aptsi'ré Ni'wairero	Práticas Culturais, Arte	8º e 9º Anos/Ensino Fundamental – 1º, 2º e 3º Anos/Ensino Médio
Soraya Redzuriwê Tsa'é'ômo'wa		Pré I/Educação Infantil
Valter Tehi Abhö'ödi	Ensino Religioso, Língua Portuguesa, Matemática	6º, 7º e 9º Anos/Ensino Fundamental - 1º, 2º e 3º Anos/Ensino Médio

Além do quadro apresentado, temos 2 (duas) professoras contratadas pela prefeitura de Barra do Garças, para trabalharem em Educação Infantil, Pré I e II, na Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi, aldeia São Marcos – TI São Marcos. A escola atende hoje 208 (duzentos e oito) alunos matriculados. Desde a Educação Infantil Pré I e II, de 1º ao 9º Ano do Ensino Fundamental e de 1º, 2º e 3º Anos do Ensino Médio.

A direção e a coordenação pedagógica da escola também são ocupadas por professores indígenas. Porém, o atual coordenador pedagógico está em tratamento de saúde na cidade de Barra do Garças, Mato Grosso. Por ser uma escola indígena, é de suma importância a ocupação desses espaços por professores Xavante pelo reconhecimento de sua capacidade intelectual e conhecimento adquirido para assumir com responsabilidade e profissionalmente.



*Foto 13 - Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi. Fonte: Autor*



*Foto 13 - Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi. Fonte: Autor*



*Foto 15 - Sala de aula - 6º Ano/Ensino Fundamental. Fonte: Autor*



*Foto 16 - Sala de aula – 7º Ano/Ensino Fundamental. Fonte: Autor*



*Foto 17 - Sala de aula – 8º Ano/Ensino Fundamental. Fonte: Autor*



*Foto 18 - Sala de aula – 9º Ano/Ensino Fundamental. Fonte: Autor*



*Foto 19 - Sala de aula – 1º Ano/Ensino Médio. Fonte: Autor*



*Foto 20 - Espaços pedagógicos. Fonte: Autor*



*Foto 21 – Cantina. Fonte: Autor*



*Foto 22 - Pátio da escola. Fonte: Autor.*

Do meu ponto de vista, houve mudanças na concepção de ensino e de educação em alguns pontos com a formação específica dos professores indígenas. Como vou mostrar no próximo capítulo, que fala de materiais didáticos usados no início da escolarização dos Xavante, como as cartilhas, houve mudanças com relação às práticas de ensino da escola, que passaram a valorizar mais os conhecimentos, a cultura e a língua xavante. Quanto à formação superior intercultural nas universidades públicas, federais ou estaduais, nós professores indígenas levamos as mudanças para as práticas de ensino da escola. O que nós aprendemos nas universidades, aquilo que adquirimos junto com outros povos indígenas para adequação de dois conhecimentos, os conhecimentos ocidental e indígenas, nós levamos para a escola indígena. Não esquecemos do respeito e valorização da nossa cultura, da língua e dos conhecimentos xavante, porque nos formamos em nível superior. A prática da nossa cultura e da língua ainda é muito forte entre o povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico). Pessoalmente ou a maioria de nós não temos ideias de deixar de lado todo conhecimento dos nossos antepassados que vivenciaram há muito tempo antes de nós.

Por outro lado, na concepção de educação, hoje, não é igual a educação do nosso tempo ou da nossa época. O conceito de educação é muito amplo e engloba todas as situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo de sua vida. Nós, enquanto alunos, nos esforçávamos para aprender a ler e escrever, mesmo não sabendo muito bem a língua portuguesa. Hoje, aparentemente os alunos têm as características diferentes com meu tempo de aluno. Atualmente, os alunos não procuram tirar suas dúvidas quando nós professores indígenas perguntávamos sobre os textos que traduzimos à nossa língua xavante, diferente do nosso tempo que nós perguntávamos.

Em relação ao ensino da língua Xavante, interpretamos os textos escritos em português para a língua xavante para que eles possam entender e compreender o que está escrito. A ideia era de que os próprios alunos se envolvessem com os conteúdos apresentados. Em relação à aprendizagem da língua xavante, tínhamos percebido que alguns alunos têm dificuldades. Mas, a grande maioria se esforça em aprender, principalmente na leitura de texto escrito em xavante e de produção de texto na língua xavante. Talvez isso aconteça porque atualmente, os materiais didáticos utilizados por nós professores indígenas ainda são em sua maioria materiais produzidos pelos não indígenas. Ainda não tivemos produção de materiais didáticos próprios a serem utilizados na escola em todas as séries. Desde que nós formamos em nível superior, continuamos a receber os materiais didáticos enviados pela secretaria de educação do estado. Assim, sendo professores Xavante formados ou qualificados, ainda precisamos produzir mais

os materiais didáticos próprios, de acordo com nossa realidade para serem trabalhados com nossos alunos.

Essa é uma situação que começa quando a escrita chega até os Xavante por meio da missão Salesiana, que produziu os primeiros materiais didáticos de escrita, de acordo com sua visão, como vou falar no próximo capítulo.

### Capítulo 3 – A chegada da escrita na Aldeia São Marcos: elementos para a (re)construção da história

Como apresentei no capítulo anterior, a chegada da escrita para o povo A'uwẽ Uptabi da Terra Indígena São Marcos está profundamente relacionada com a fundação da Aldeia São Marcos e da Missão Salesiana, que deu origem à escola Dom Felippo Rinaldi. Neste capítulo final, vou apresentar elementos que se referem à chegada da escrita, de acordo com as narrativas dos anciãos que entrevistei e de outras pesquisas que fiz em documentos e materiais didáticos disponíveis na minha aldeia e na internet.

Na entrevista que fiz com o senhor Daniel Tsi'õmowẽ, em 14 de novembro de 2020, ele diz que foi um dos primeiros a ter contato com a escrita na Aldeia São Marcos, depois de observar as experiências desenvolvidas pelos salesianos em Meruri. Em suas palavras:

*Wa te 'madö'ö tsirõmo dza'ra wamhã romnhoré'wa norĩ Meruri ãma. Wa watsima wẽ uptabi dza'ra ni wa te waihu'u dza'ra da hã ãtsihödö hã. Wanhowa ni'wa te waihu'u õ di, romnhoré 'wa, wa wa na hã. Wa norĩ hã, ãmorĩ 'rada romnhoré'wa, Nodzö'u wapté, Abare'u tsiré. Tadza hã, pire wa ma rême dza'ra. Wa norĩ tsi, wapté, wa romnhoré dza'ra ni ãhöibaté Anhanarowa me. Wa norĩ, ãmorĩ 'rada ãma ãtsãna'rata'wa romnhoré na hã. Wadza'utsi te ótó tihõiba romnhoré tô tsena hã. ãne, te romhõimana rom na'rata hawi hã 'rinharĩ parimhã. Wa norĩ, Nodzö'u duré Anhanarowa, ãma ãna'rata'wa romnhoré na hã. Awa'awi hã, a norĩ wa'wa hã romnhoré tô tsena na te ãromnhoré dza'ra aba mo.*

*Como já tínhamos visto os estudantes em Meruri, nós queremos muito de aprender a escrita mesmo não tendo ninguém que aprendeu, estudante, antes de nós. Nós somos os primeiros estudantes, os Nodzö'u, novos adolescentes, junto com os Abare'u, mas eles desistiram por dificuldades. Somente nós, novos adolescentes que estudávamos e com os novos jovens Anhanarowa. Nós somos primeiros iniciantes de estudo e depois de nós acontece o estudo de verdade. Assim acontecia no começo da fundação da aldeia. Nós, do grupo Nodzö'u e Anhanarowa somos os iniciantes de estudo. Agora vocês estudam de verdade.*

Na minha compreensão, a vontade dele de aprender a escrita é porque talvez para ele é uma novidade de outro mundo, da sociedade humana não indígena, a escrita. Na sua entrevista, falou que ele viu estudantes em Meruri, só no olhar. Mas, não se sabe o que os estudantes faziam dentro da sala de aula. Nesse sentido, ele mostra muito interesse de aprender a escrita após a fixação de nova aldeia. Realmente não tinha ninguém dos antepassados que estudaram e aprenderam antes entre o povo Xavante. O povo Xavante vinha se expressando em sua linguagem, oralmente, na própria língua materna.

O senhor Daniel retoma suas lembranças sobre o início da aprendizagem da escrita, a partir da divisão por grupos etários. Abare'u é o primeiro grupo etário formado depois da

fundação da aldeia. Nodzö'u é o segundo grupo etário formado depois do Abare'u e o Anhanarowa é o terceiro grupo etário formado depois do Nodzö'u. Pela minha compreensão, a desistência dos Abare'u de aprender a escrita foi talvez porque eles se consideravam adultos. Além deste, a maioria e idade avançada teriam sido as dificuldades enfrentadas por eles. Pois, quando a pessoa adulta entrava na escola, era mais difícil de aprender a escrita com facilidade por causa da memória intelectual muito lenta. Por isso apenas os grupos mais jovens seguiram com os estudos, que foram os grupos Nodzö'u e Anhanarowa.

O senhor Daniel também se lembra que nesse primeiro momento de estudo e aprendizagem da escrita, as mulheres não participaram. Era uma atividade reservada apenas para os homens. Segundo suas lembranças,

*Pi'õ hã robaba di. Aibö tsi wa romnhoré dza'ra ni duré ba'õtõ õ di. Ba'õno, Abare'õmo nhohidiba ma até tsême ni te romnhoré dza'ra da Meruri ãma hã. Tadza hã, waradzu ma hã ãmro õ newa te ãma rotsa'rata dza'ra. Te hõimana dza'ra õ wa, tadza hã, ma ãmro tsani pa romnhoré dzém hawi. A'õri'wa Romana tsi, a'uwẽ tsi pi'õ, te dadza'u tihõiba. Ô hõ tsi te romnhoré, ãhõ'a tsi pi'õ norĩ 'rata. Ro nomro waptsi ãpoto'wa Ahöpõwẽ ma wadzere ni romnhoré dzém hawi, damro wa. Aré damro a'õri'wa Romana hã. Ni'wa pi'õ hõimana õ di dadza'u hã te romnhoré da hã. Aihini te romnhoré ãna tihõimana dza'ra. ãmemhã pi'õi õ di, te ãma ãtsana'rada hã watsiré hã romnhoré da hã.*

*Não tem nada de mulheres. Só os homens que estudamos e nem as moças. As moças do grupo Abare'u que eram juntadas para o estudo lá em Meruri. Porém, para os brancos, achavam que elas não eram casadas. Viviam lá, mas os maridos tiraram da escola. Apenas a Romana, a indígena, ficou para trás. Só ela que estudava e ficava com as irmãs, Filhas de Maria Auxiliadora, FMA. Muito mais tarde, o meu tio finado Apoena tirou da escola, o marido. Era ele o esposo da Romana. Nenhuma mulher ficou para estudar e todas ficaram sem estudo. Aqui não tem mulher que começou a estudar com a gente.*

Na minha interpretação, o estudo era desconhecido para o povo Xavante. Por causa disso, as mulheres não participaram do estudo quando foram contatadas. Porque o povo Xavante vinha fazendo suas tradições culturais, rituais religiosos e não religiosos, crenças etc. Talvez, nesse sentido não havia interesse de as mulheres estudarem. Eu acho que isso fazia parte de alguma norma cultural do povo Xavante quando vivia sem contato.

Atualmente, essa situação mudou. Para mim, foi o contato dos não indígenas que fez as mudanças em todos os sentidos. Isso mudou com o tempo que se vive. Pela minha percepção, o principal fator de mudança é o contato. Hoje em dia, as mulheres Xavante estão estudando e fazendo cursos superiores para se formarem professoras, profissionais técnicas indígenas e atualizarem com as situações que se encontram cotidianamente. Através dessa mudança, nós do povo Xavante, especificamente, temos que nos aperfeiçoar e adaptar com os conhecimentos

ocidentais para estarmos preparados para receber as coisas que estão penetrando em nossos territórios. Pois, estamos cercados pela sociedade não indígena e suas tecnologias são necessárias para nossa utilização.

Em outros momentos da entrevista, o senhor Daniel reforça o papel dos padres salesianos no ensino da escrita através da educação escolar que se iniciava em São Marcos. Como ele diz, foi uma ação que veio de fora para dentro da aldeia:

*Rowi hawimhã waradzu, wa tô watsu'u pa aima. Tsa'amri, ma te ãma na'rata wama romnhoré na hã. Ô hã, ãmorĩ 'rata uptabi ãma ãna 'rata'wa romnhoré na hã. Taha parimhã, ãtsa'rata'wa norĩ Fernando, Pedro, ãtséré'a duré Bartolomeu Giaccaria. ãne, te 're tsitsaprĩ dza'ra wama romnhoré na hã. Te wama hõiré tsu'u dza'ra õ di, romnhoré uptabi hã. Ma ãma tsana'rata dza'ra ãtsihödö damreme ãtsyry na. ãté ãhi norĩ wama wẽ dza'ra duré na tsi wadzabu dza'ra. 'Ri dzapu'u na, na tsi wa 'madõ'õ dza'ra. ãne, te 're romhõimana. Wa norĩ, Nodzõ'u, duré Abare'u wa ãma tsana'rata dza'ra ni romnhoré nã. Dzahadu Anhanarowa norĩ 'watébrémi ré. Tsa'amri, ãtsa'rata'wa Fernando duré Bartolomeu Giaccaria, ã norĩ te te 're romnhoré dza'ra wama. ãtsa'rata'wa Fernando te wama ãma 're tsitsanho ãtsa'rata 'ri u danho're na hã. ãtsõ're dze uptabi. ãne, wa waihu'u dza'ra ni rowaihu ãtsyry re na hã. Tane wa, ãhãna hã wa wate aiwada'uri dza'ra wa'wa atsima wẽ dza'ra aba mono da romnhoré hã. Tadza hã, a nori wa'wa hã romnhoré ma aiwa'are. Rom na'rata hawi hã, wama wẽ uptabi dza'ra di duré wa watsima wẽ uptabi dza'ra ni wate waihu'u mono da. Pé romnhoré tsi hõimana wa'õ hã. Tadza hã, mararé hã wa wa te romhuri dza'ra buru na. Ótó hõiwahõ hã, wa wa te romnhoré dza'ra. Taha pari apõ duré wa te romhuri dza'ra. Romhuri tsi. ãne, te wama 're romhõimana. Taha pari, ma wi ãtsa'rata'wa norĩ nhim'ãhõ'a. Tahã, ma ótó tsa'ëtẽ romhuri hã duré rotsa'rata 'ri na romnhoré dzéb da hã. Ô hã, te 're tsõtõ we ã niwi wa te romhuri dza'ra mono ré hã romnhoré dzéb da, ãne.*

*Foi de pessoas de fora, não indígenas, já tinha mencionado pra você e foi o Adalberto Heide que deu início de estudo para nós. Ele foi o verdadeiro iniciante de estudo. Depois vem os padres Fernando, Pedro, alemão, e Bartolomeu Giaccaria, assim que se substituíam a dar aulas para nós. Não apresentaram logo o estudo de verdade. E sim começaram a escrita com as pequenas palavras. Talvez os anciãos da comunidade gostavam para nós e nos visitavam, olhando de janela. Assim foi o acontecimento. Nós do grupo Nodzõ'u e Abare'u começamos o estudo e os Anhanarowa ainda eram meninos. Adalberto Heide, Pe. Fernando e Pe. Bartolomeu Giaccaria são eles que davam aulas. O padre Fernando era que ensinava os cantos da missa e gostava de cantar. Assim aprendemos com um pouquinho de conhecimentos, por isso hoje incentivamos vocês a gostar de estudo. Porém, vocês são muito preguiçosos de estudar. No começo gostávamos e interessávamos muito em aprender se fosse somente o estudo. Mas, na parte da manhã trabalhávamos na roça e a tarde estudávamos". Depois de novo trabalhávamos, só trabalhos. Assim nos acontecia. Depois chegou um diretor da missão e esse aumentou o trabalho e pensou na casa para estudo. Ele dormia do lado de lá enquanto trabalhávamos na construção de casa, assim.*

Em outra parte da entrevista, ele diz:

*Ótó romnhoré tsãna 'rata wamhã, ãtsa 'rata 'wa norĩ te tsitsanho dza 'ra ãtsihõtõnhoré ãpetse na. Danhimite mreme nhihõtõ na. Romnhorédzé ótó na 'rata wamhã, e marĩ wa, te hõĩ 'ré dza 'ra õ di romnhoré uptabi hã a 'uwẽ ma, waradzu te te 're ãromnhoré dza 'ra mono na. Ótó a 'uwẽ te 'rãtsutu dza 'ra monoptsi dama romnhoré 'wa da, te dama romnhoré dza 'ra ãpire na. 'Ri 'ahõ u, date 're ãromnhoré dza 'ra mono ne. ãtsa 'rata 'wa norĩ, te hõĩ 'ré dza 'ra õ di, ãhã. E marĩ wa, õ norĩ dzẽma waradzu. Dama romnhoré 'wa norĩ a 'uwẽ ma hõĩ 'ré dza 'ra, tahã. 'Ri 'ahõ u, date 're ãromnhoré dza 'ra mono dzẽ hã. Romnhoré na tsi te ótó marĩ date uwe dza 'ra, marĩ watobro wamhã. Duré romnhoré na tsi ãma 're watsimapa dza 'ra. ãne, te 're romhõimana dahõimanadzẽ bõre hã. Dama romnhoré 'wa a 'uwẽ, ma ãma tsaprĩ dza 'ra, niwamhã, ma tsa 'ëtẽ dza 'ra romnhoré hã 'ri 'ahõ u ne. ãtsa 'rata 'wa norĩ, te hõĩ 'ré dza 'ra õ di 'ri 'ahõ u romnhorédzé hã a 'uwẽ te ãma ãtsana 'rata dza 'ra ãtsana 'rata hawi hã. 'Rõwi dama romnhoré 'wa a 'uwẽ ma hõĩ 'ré dza 'ra 'ri 'ahõ u romnhorédzé hã. Tsõ 're ãtsi 'wapé da 'ra mono ãma 're tsi 'uté dza 'ra mono da.*

*Quando a escola se iniciou, os padres ensinavam a bíblia, a palavra de Deus na escrita. Depois que começou a escola porque não apresentaram os estudos de verdade para os A'uwẽ, o que os brancos estudavam. Só quando os A'uwẽ se formaram professor, monitor, é que davam as aulas difíceis, o que são realizados os estudos na cidade. Os padres não apresentaram isso, porque eles também são brancos. Os professores indígenas apresentaram isso, os estudos que são realizados na cidade. Só através de estudo que se conquista quando acontece alguma coisa e que serve para nos defender. Assim que acontecia o momento da vida. Os professores indígenas mudaram ou ampliaram os estudos como da cidade. Os padres não mostraram os estudos da cidade para os primeiros estudantes A'uwẽ do começo. Os próprios professores A'uwẽ mostraram os estudos da cidade que se pode competir e conquistar.*

Como o senhor Daniel diz, neste momento, houve uma forte relação entre a escola, a escrita e o projeto de evangelização pelos padres salesianos. Como o senhor Daniel Tsi'õmowẽ já mencionou na sua entrevista, que numa escola aprenderam a escrever pequenas palavras, os nomes de objetos. Aprenderam também os cantos da missa que o padre Fernando ensinava. Segundo ele, a escola também funcionou como forma de ensinar a evangelização dos Xavante de São Marcos. Através da escola, o grupo deles aprenderam os cantos em latim para cantar na missa. Afirma também que o grupo deles era motivado na escola, de aprender outras línguas e da própria língua.

Em outras partes da entrevista feita, o senhor Daniel fala que a escola era boa porque ensinava a língua portuguesa, importante para a relação dos A'uwẽ Uptabi com os waradzu. Conforme ele diz,

*Romnhorédzé hã wẽ di ãma, e marĩ wa. Marĩ ãna duréi hã wama pire ré duré wa te tsadaihu 'u dza 'ra mono õré ãhõ 'a ãtsa 'rata 'wa norĩ hã, waradzu mreme na 're mreme dzutsi monomhã. Awa 'awi hã ótó 'rõwi a 'uwẽ dama romnhoré 'wa te ãromnhoré dza 'ra mono. Rowaihu 'u 'wa, te ãrãtsutu dza 'ra mono 'ri 'ahõ u. Ta hã, te aima te romnhoré dza 'ra wa 'wa.*

*A escola é bom pra mim, por que? Porque antigamente achávamos difíceis e nem entendíamos a fala dos padres na língua portuguesa. Agora eram os próprios indígenas professores que estudaram, conheciam e se formaram na cidade davam aulas pra vocês.*

E ainda fala que

*Wa te 're a'ubumro i'ra're marĩ te i'awaihu hã waradzu hõimanadzé hã, te aima awatsu'u aba mono da. Tadza hã, ni'wa te idzadanhari mono õ di duré ni'wa itẽme tsimatsitsi mono õ di. Aptó'oré hã, e 'wa te dza te te aima rowaihu'u dza'ra wa'wa dahõimanadzém na hã. Waradzu ãma 're hõ dza'ra wa'aba mono da hã roptede'wa norĩ ihõimana dza'ra mono hã waradzu. Idza'u hã, e 'wa te dza te aima rowaihu'u dza'ra wa'wa waradzu nhimi romhuri na hã. Ni'wa dza te aima rowaihu'u dza'ra mono õ di. Awa'awi hã, ãhã ta te atsitsadanhari dza'ra wa'wa datsina i'ubumro ãma Guadalupe 'remhã. Tame te aibõ Luciano watsu'u ti'a na rowatsu'u durei hã. Ni'wa dza waradzu tsadawa watsu'u. Waradzu te dza ti'a te te aiwi waibu, aihi'rata hõimanadzé hã. Marĩ ãna, ni'wa tsimidza'retse hõimana mono õ di, te ro'madõ'õ dza'ra mono õ di.*

*Guardava na memória as coisas que aprendia da vivência dos brancos para contar histórias a vocês. Mas, ninguém me procurava e chegava a mim. No futuro quem que vai transmitir os conhecimentos da vida para debater ou desafiar os nossos governantes brancos. Depois de mim quem vai transmitir as ações dos “waradzu” (branco). Ninguém vai transmitir a vocês. Agora neste momento vocês se perguntaram na reunião que teve na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe quando o meu sobrinho Luciano apresentou o documento que trata de nossos territórios antepassados. Alguém conta a fala do “waradzu” (branco). O “waradzu” (branco) que vai tomar seus territórios, de seus antepassados, pois, ninguém ficava atentos e abrindo seus olhos.*

Pelo que compreendo, na entrevista realizada do senhor Daniel Tsi'õmowẽ, quando falou da visita dos anciãos da comunidade à escola informal (provisória), acho que isso deu o motivo de apoiar a criação da escola, já pensando da futura geração se defender através de estudo, os seus direitos como também de seus territórios. A maioria dos anciãos sempre falavam para nós depois da criação de escola para que a gente estudasse e aprendesse a nos defender em todos os casos que acontecerem. E, ainda, juntar os conhecimentos não indígenas para lutar contra eles e não utilizar os conhecimentos contra os próprios irmãos (Xavante).

Já na entrevista com o senhor Raimundo Urébété Ai'réro, feita em 27 de janeiro de 2021, podemos perceber pelas suas lembranças uma forte relação entre a escola, escrita e o trabalho como parte das orientações da missão salesiana. Como ele diz em suas palavras:

*Imorĩ 'rada romnhoré'wa te iromnhoré dza'ra mono hã wa wana hã, wanhohui'wa norĩ Nodzõ'u duré Anhanarowa. Dzahadu 're wahõimana dza'ra mono ré wa'udzadõ ãna 'ri nharĩ parimhã. ãhã ta, 'ri te dza Hõ, pidzabaihõna i'manharĩ. I'amo niwi hã 'ri maparane te tihõimana dzahuré. Taha 're te hõimana romnhoré hã Nodzõ'u duré Anhanarowam norĩ ma. Tadza hã, wa norĩ, Tsada'ro, 'watébrémi ré wamhã, 'watébrémi ré dapo're'õ dipõ, wa datẽme 're wanomro. Ari'iwĩ, wa wa te 're ro'madõ'õ dza'ra. Tadza hã, te date wadzatõrĩ dza'ra. Tawamhã, ti'a na wa te romnhihõtõ dza'ra. Marĩ, wa te i'madõ'õ dza'ra mono, wa wa te tsihõtõ dza'ra ti'a na. Taha na, wa wate danhidzutsi dza'ra ti'a na. Rowaihu'udzé hã romnhorédzé 'remhã, dzahadu itẽme watsihutu õ nherẽ. Taha nhitsiwi wa ãma tsãna'rata wa te idanhidzutsi dza'ra mono na. ãne wa, tahã bõdõdi hã we imorĩ hã, te marĩ i'awaihu'udzé hã 'ri nharĩ*

parimhã. Mitsi wapto, para'õtõwedzahu, ãmropõto 're, wa wa norĩ ãma tsãna'rata dza'ra ni Tsada'rom na wa'utsu hã. Ni'wam norĩ hã, wa ãma tsãna'rata dza'ra ni dzahadu 'watébrémi ré, ai'reputu ré. Taha wi, wa ãma tsãna'rata romnhoré damreme na hã. Ítsihõtõ 'madõ hã, te waihu'u da hã romnihödõ. Ítsihödõ te waihu'u da hã, ãne wa ãma tsãna'rata 'ri nharĩ hawimhã. Mitsi wapto, para'õtõwedzahu, ãmropõto ãma, wa 'madõ ãmorĩ 'rada romnhoré hã. Taha parimhã, wa we tsaprõ ãte bõdõdi rowaihu'u na hã watsi wapté u hã. Ótó watsi waptém dza'ra wamhã, buru na wa wa te romhuri dza'ra, romnhoré tsiré. Romhuri duré romnhoré. Marĩ ãna, wa te 're huri mono da 'rõwi, wa te ãtébré mono hã datsadzé watsu'u hawi, datsai'ahõ hã. ãne, wa maparane waihu'u dzahuré marĩ hã. Buru na romhuri duré romnhoré. Buru na romhuri hõtõra 'rãpo duré romnihõtõ waihu hã. Tawamhã, bõdõdi maparane wa tsaprõni dzahuré rowaihu'u na hã. ãne wa, maparane rowaihu'udzé hã tseti ãma. Romnhoré na hã duré buru na romhuri hõtõra 'rãpo na. Marĩ ãna durei hã, ãtsa'rata'wa norĩ te ãwawada'uripe rowaihu'u da hã. Marĩ wa te waihu'u dza'ra mono da, ãne. ãne, wa waprédub dza'ra ni. Wa hã, ãne wa ãprédu. ãne, ma ãma rowaihu'u ni. ãne, ãtsa'rata'wa norĩ ma ãma rowaihu'u dza'ra. ãhã dzarina hã, ãhõimanadzé wa we tsaprõ õne u'õ. ãhã wa, marĩ ãwé dzõ tsi wa we te ro'madõ'õ. Romharé dzõ tõ rowaihu'u wé ãma 're ãhõimana mono dzarina. Duré tõ, rowaihu'u prédu ãtsa'rata'wa norĩ te ãma ãtsõmri dza'ra dzarina. Duréi hã, wama rowaihu'u'wa norĩ ãmorĩ 'rada ãtsa'rata'wa norĩ. Te te wanhimidza'retse wé dza'ra, damama ne te wama 're ãhõimana dza'ra. Marĩ ãna, datsi'ahõri ãhõimana tõ da. Wa te watsima nharĩ watsété tõ mono da dahõiba amo u hã. Rowé na tsi 're wahõimana dza'ra mono da. ãhã dzarina, wa hã, wa dahõimanadzé ãwé na ãma romhõtsi. Taha wa, wa hã, wa te ro'mahõrõ romnhoré na hã. Duré ãne, wa tsaprõ romnhoré õwa, nimomo romnhoré 'rãihõ te ãmanharĩ dzéb u. Rowaihu'u dza'ëtédzé hã. ãne, wa ãma rowatsu'u ãmorĩ 'rada romnhoré na hã.

Primeiro, os estudantes que estudavam antes de nós, os nossos padrinhos Nodzõ'u e Anhanarowa quando vivíamos nus depois da fundação da aldeia. Aqui está a casa Hõ feita com eternite e do lado tinham duas casas. E nessa casa havia o estudo para os Nodzõ'u e Anhanarowa. Mas, nós Tsada'ró, quando éramos meninos e na fase de meninos eram brincalhões, andávamos até eles. Olhávamos com silêncio, porém, fomos mandados embora. Então, escrevíamos na terra aquilo que nós olhamos, escrevíamos na terra. Nisso nós imitamos a escrita na terra, o aprendizado dentro da escola quando ainda não chegamos e sobre isso que comecei, a imitação que realizamos. Portanto, esse caminho que veio e que aprendi as coisas após a fundação da aldeia. Em 1960, nós começamos a estudar, do nosso grupo "Tsada'ró" e alguns começamos quando eram meninos, rapazes. A partir dali, comecei o estudo da linguagem, o olhar da escrita, a escrita para aprender. Para aprender a escrita foi assim que comecei desde a fundação da aldeia. Foi em 1960 que olhei primeiro o estudo. Depois disso, fui levando meu caminho de aprendizado e nos tornamos adolescentes. Quando nos tornamos adolescentes, trabalhávamos na roça e o estudo. O trabalho e o estudo. Para que comemos perto com a produção de alimentos do nosso suor, as faturas. Foi assim que aprendi as duas coisas, o trabalho na roça e o estudo. O trabalho na roça com a enxada e o mundo da escrita. Então, levei dois caminhos de meu aprendizado. Por isso, os dois momentos de aprendizagem é gostoso pra mim, o estudo, a roça com trabalho na enxada. Porque antigamente, os padres salesianos incentivavam para aprender, para saber das coisas, assim. Assim fomos crescidos. Pessoalmente, foi assim que cresci. Foi assim que fui ensinado. Assim, os padres me ensinaram. Neste sentido, a minha vida foi levando sempre a mesma. Com isso, eu procurava das coisas boas, a paz conforme bons conhecimentos que tive e também pela atenção dada por padres salesianos. Antigamente, nossos ensinadores, principalmente os padres salesianos, nos chamava atenção como se fosse papai da gente. Para que não haja briga, falar mal do outro e que vivamos com alegria. Por este motivo, eu aprofundei as vidas

*boas. Por isso, eu informei sobre o estudo e assim levei o estudo lá onde se faz o curso superior, a maior conhecimento. Assim que expliquei primeiro sobre o estudo.*

A escola e trabalho na roça com enxada eram objetivos da missão salesiana porque quando foi fundada a aldeia não tinha nada o que comer. Os padres que acompanharam o grupo de Xavante a fundar uma aldeia, eles andavam na região para pedir ajuda com alimentação. O trabalho também é uma forma de ensinar novos valores de aprendizagem, de trabalhar e buscar o seu próprio sustento e da família através da roça. Assim, a missão salesiana de São Marcos começou a ensinar com dois caminhos de aprendizagem, a escola e o trabalho.

O contato com a missão salesiana e com o mundo do waradzu gerou muitas mudanças na organização social do A'uwẽ Uptabi. Muitas dessas mudanças não foram positivas, pois interferiram na cultura indígena em São Marcos. Segundo Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a (2012, p. 54-55), a convivência com a missão salesiana gerou mudanças culturais para o povo Xavante. Em sua dissertação ele diz:

Outra influência que mudou a cultura Xavante veio de alguns missionários que no ano de 1974 nomearam um novo chefe da aldeia de São Marcos, conhecido como cacique hoje e não se reconheceu as lideranças locais dos grupos. Na cultura da nação Xavante não há a tradição de eleição, mas é com a indicação feita por alguém de wamaridzuptede'wa (o dono do “pó branco das raízes” que ele usa na nuca). Isso ocorre, por exemplo, depois da corrida com a tora de buriti, durante a festa religiosa wai'a ou quando a comunidade anda desanimada. Quando surge uma intriga que pode interferir no bom andamento da aldeia, para pacificar a situação, ele deve pintar o corpo de preto com carvão e no abdomen e na coluna, ele se pinta de vermelho com urucum. Feito isso, ele vai jogando o pó branco aos poucos até o centro da aldeia e começa a se dirigir à comunidade, falando da intriga por alguns minutos. Um desses wamaridzuptede'wa (líderes) deveria ser escolhido e indicado pelos wamaridzuptede'wa (velhos) para conduzir a comunidade. Mas no início, a missão de São Marcos teve que indicar porque o chefe da aldeia não sabia falar português e estava na hora de mudar, no entendimento dos missionários, porque precisavam de alguém que soubesse falar português para se tornar como interlocutor dos missionários e catequistas (TSI'RUI'A, 2012, p. 54-55).

O senhor Daniel, em sua entrevista, também fala sobre essas interferências na vida do povo Xavante de São Marcos. Segundo ele,

*Romnihödö tsébré a'uwẽ u hã te 're höimana watsi'wa'uburé hã. Wa norĩ, waptéb ré hã Êtêpa wanhohui'wa te wama 're tsõ're. Wama 're tsõ're dza'ra monomhã, tsi'uihõna õ di. Tadza hã, ãtsa'rata'wa norĩ te te 're roti dza'ra datsi'wa'uburé na hã. ãhã tsi, te ãwi te ro'wa're. Marĩ wa, ãtsa'rata'wa norĩ wahöimanadzéb u tsitsitsi wa. ãtsa'rata'wa norĩ, te tsiwi 'ruiwaptsi te wanhohui'wa hã wama 're tsõ're. Ótó romnhoré na hã, ãhi norĩ te te wa wada'uri dza'ra wa te rowaihu'u dza'ra da. Waradzu tsine, wa te rême ãna. ãhi norĩ hã, te tsawi dza'ra mono õ di*

wawi romnhoré hã. Te te wadzahui petse dza'ra romnhoré uptabi õ nherẽ. Awa'awi tsi, te tihõiba romnhoré uptabi hã. Te ïwi ïro'wa're hã, ïtsa'rata'wa norĩ te wama ï'ru dza'ra mono datsi'wa'uburé wa te 're 'manharĩ mono da, a'uwẽ te hã. Áhã dzarina hã, ma tiwi hõdza'õtõ wa'ru'rata norĩ wi a'uwẽ tsi'wa'uburé hã. Ìtsa'rata'wa norĩ, te tsiwi pitsutu waptsi bõdõ datsi'wa'uburé ï'rãtsutu da hã. Áhã, te tiwi te robdzei õ dza'ra wa'ru'rata norĩ wi wa wana hã. Ìtsa'rata'wa norĩ, ma tsiwi tipru datsi'wa'uburé A'uwẽ Uptabi te hã. Áhã wa, ma tiwi hõdza'õtõ ãma pó'repu'u dza'ra mono õ di. Áne, ma ïtsa'rata'wa norĩ tsiwi 'wa'rutu wahõimanadzé hã. Datsi'wa'uburé nhopa wamhã. Wama dzõ 'ratsi'wa te wa 'madzébré wamhã "Datsi'wa'uburé nhopa". Dzahadu wa wairébé õré, ïtsa'rata'wa Mário, Tsa'amri me hã ma tidzatsi dzahuré marã u. Ma aprum dzahuré dzõ hã, wama dzõ 'ratsi'wa norĩ wi. Áne, ïtsa'rata'wa norĩ hõimanadzé hã. Ìtsa'rata tsi, te te 're pibu dza'ra mono wa'õ hã duré romnhorédzé aré watsu'u dze ti. Tadza hã, õ norĩ, ma wahõimanadzéb u atsitsi. Áhã te ïwi te ro 'wa're. Áne, wa te a'madõ'õ. Õ norĩ hã, ma ro'wa'rutu dza'ra wahõimanadzéb u hã. Áne, ma wahõimanadzé 'manharĩ hã titsyry ï'ru dzarina tsi wa.

Mesmo introduzida a escrita na comunidade continua acontecendo as nossas práticas culturais. Quando éramos adolescentes, o nosso padrinho Êtêpa realizava as danças para nós. Quando realizava as danças não as realizava por conta deles, mas os padres davam ordem de realizar as práticas culturais. Só isso que me atrapalha porque os padres entraram na nossa cultura. Só quando autorizavam os padres, o nosso padrinho realizava as práticas culturais. Com relação ao estudo, os anciãos nos incentivavam para que possamos aprender como se fossem os brancos a não desistir. Os anciãos não impediam os estudos e sim incentivavam mesmo não sendo estudo de verdade. Só agora que tem estudo de verdade. Somente que me atrapalha os padres que davam ordem na realização de práticas culturais do A'uwẽ. Por causa disso, dificultaram um pouco para nossos tios as culturas do A'uwẽ. Os padres é que determinam o dia de encerramento das práticas culturais. Isso desanimam os nossos tios antigos. Os padres destruíram as culturas do Xavante. Por isso, ficaram pesadas de lembrá-los. Assim, os padres atrapalharam a nossa cultura, como por exemplo, a festa religiosa "Datsi'wa'uburé nhopa" (Ritual de perigo). No momento em que nossos padrinhos de chocalho realizassem o "Datsi'wa'uburé nhopa" antes de a gente saírem a caçada, o padre Mário e o Adalberto Heide entraram no "marã" u e quebraram os chocalhos dos nossos padrinhos. Assim, é a vida dos padres. Se eles cuidassem só da igreja e da escola era muito gostoso de contar. Mas, eles se intrometeram na nossa cultura e isso me atrapalha. Assim que eu vejo. Eles atrapalharam a nossa cultura. Assim as práticas de atividades culturais ficaram pequenas, no sentido de autorização.

Na minha compreensão, a missão, a escola e a escrita, provocaram grandes mudanças culturais entre os A'uwẽ Uptabi de São Marcos. Na dissertação do meu primo Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a (2012, p. 54-55) e na entrevista do senhor Daniel, meu compadre, trataram-se das interferências da missão salesiana na vida do povo Xavante de São Marcos, ordenando as atividades culturais da comunidade desde o início da fundação da aldeia. Com relação à escola e à escrita, no meu entendimento, seria um espaço físico próprio para se aprender a ler e escrever as duas línguas, as línguas xavante e portuguesa. Porém, pelo conhecimento próprio, não foram bem utilizados os conhecimentos que adquiriram durante os estudos. Não se utilizando os conhecimentos adquiridos da escola para fortalecer e valorizar os

conhecimentos ancestrais do próprio povo fora da escola. Mesmo estando e aprendendo as coisas na escola da aldeia, os alunos de hoje participam pouco de diversos aspectos culturais da aldeia.

De muitas formas, a introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi de São Marcos também introduziu valores e ideologias do waradzu entre o povo indígena e isso pode ser observado nos primeiros materiais didáticos escritos e usados pela missão salesiana para a alfabetização e letramento dos jovens A'uwẽ Uptabi.

No meu entendimento, a palavra alfabetização refere-se ao processo de apropriação de um código escrito, a princípio, como iniciação do aprendizado da escrita, da letra, para sua utilização na comunicação escrita cotidiana. Como explica Magda Soares (2009) a alfabetização se dá por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema.

E, quanto ao letramento, entendo que é um resultado de ação efetuada por um indivíduo que entende e compreende as palavras que escreveu e leu como prática social da linguagem, ou seja, a escrita usada nas atividades sociais, de modo que o indivíduo pode interagir na sua comunidade e com outra sociedade por meio da escrita e da leitura em suas experiências de vida. De acordo com alguns textos lidos, como dos autores David Barton e Mary Hamilton (2000), o letramento é melhor compreendido como um conjunto de práticas sociais; estas são observáveis nos eventos que são mediados por textos escritos. Entender os letramentos como práticas sociais quer dizer que eles são resultado da ação de ler e escrever, entendendo a linguagem escrita e praticando para interagir no meio da sociedade, grupo ou comunidade em que vive.

Segundo esses autores, as práticas de letramento são as formas culturais gerais de utilizar a linguagem escrita, nas quais as pessoas se baseiam em suas vidas, são os processos sociais que conectam as pessoas umas com as outras, e elas incluem cognições compartilhadas representadas nas ideologias e nas identidades sociais (BARTON; HAMILTON, 2000). Já a autora Magda Soares (2009) definiu que o letramento é o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita. Assim, a relação entre esses dois conceitos é que a alfabetização é uma ação de a pessoa se tornar alfabetizada, aprender a leitura e da escrita, enquanto o letramento é o resultado da ação dessa aprendizagem, de usos e práticas sociais de leitura e escrita em determinado grupo social.

Como práticas sociais e culturais, a escrita, nas ações e processos de alfabetização e letramento, não é um conhecimento neutro, mas sempre é influenciada por ideologias e valores que dependem de quem a desenvolve ou introduz num determinado grupo social. No caso da

introdução da escrita e suas práticas sociais entre os A'uwẽ Uptabi de São Marcos, é possível perceber a influência dos valores e ideologias dos missionários salesianos e da política indigenista brasileira naquela época, principalmente através dos primeiros materiais escritos elaborados e usados pela missão religiosa.

Um dos primeiros materiais didáticos produzidos para o ensino da escrita aos Xavante pela Missão Salesiana foi a “*Cartilha para o uso dos Xavantes das Margens do Rio das Mortes*”. Este material foi elaborado por Bartolomeu Giaccaria, em 1959. A cartilha, de trinta páginas, está disponível *online*, nos arquivos do Laboratório de Ensino e Material Didático da Universidade de São Paulo (<https://lemad.fflch.usp.br/node/3788>).

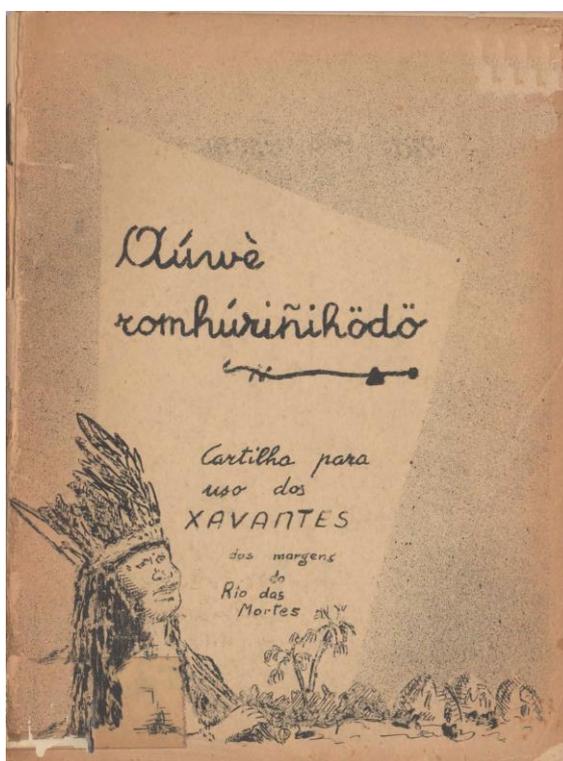


Figura 7 – Capa da Cartilha “Aúwè romhúriñihödö”, de 1959. Fonte: Acervo online Lemad – USP.

Neste material, há o que pode ser considerada a primeira elaboração do alfabeto para a língua xavante feita por missionários salesianos para o ensino da escrita e da leitura para os meninos xavante, como mostram as imagens a seguir:

## A P R E S E N T A N D O

Sendo esta cartilha destinada aos meninos xavantes, para que possam aprender a ler e escrever, foi escolhida uma grafia o mais simples possível, aproveitando todos os sons comuns à língua portuguesa.

Foram introduzidas as seguintes letras:

W - pronunciado como em inglês.

Ø - pronunciado como em alemão, ou aproximadamente "eu".

C - igual a tch, aproximadamente o "c" italiano.

S - aproximadamente igual ao ch português

Ñ - com a pronúncia do "nh"

H - aspirado como na língua alemã.

Particular atenção merecem as vogais abertas e fechadas.

As vogais fechadas e acentuadas levam o acento circunflexo, (ex. ê, â, ô; deve-se notar que a pronúncia do â e do ô aproxima-se muito do ã e do õ nasais)

Ê - indica simplesmente que a vogal é aberta.

É - indica que a vogal é aberta e que sobre a mesma cai o acento tônico.

As nasais são marcadas com o til (ã, ã, õ, ã; o ê parece não existir).

Uma vogal seguida por "n" ou "m" não deve ser pronunciada nasal.

O apóstrofo indica uma suspensão da voz; a vogal que precede deve ser pronunciada curta.

Alfabeto - A, Â, Ã, B, C, Ç, C, D, E, Ê, È, H, I, Ì, J, M, N, Ñ, O, Ô, Õ, O, P, R, S, Š, T, U, V, W, Z.

Para indicar se uma vogal é breve ou longa não foi usado nenhum sinal especial. A este respeito pode-se notar que a vogal que recebe o acento tônico é longa, a não ser que se encontre no fim da palavra ou antes do apóstrofo.

Também não foram anotadas todas as variantes, mas foram escolhidas as formas mais comuns.

O ensino mediante esta cartilha exige da parte do professor uma cuidadosa preparação próxima para a aula. A pronúncia de cada palavra tem que ser verificada com antecedência.

Desde já o nosso muito agradecido a todos os que nos enviarem sugestões e indicações de falhas, que sem dúvida irão encontrar nestas páginas, tanto de caráter didático como linguístico.

Bartolomeu Giaccaria, S.D.B.

São Paulo, 1º de maio de 1959.

Figura 8 – Texto de apresentação da cartilha, com o alfabeto para a língua xavante. Fonte: Acervo online Lemad – USP.

Como pode ser visto, o alfabeto foi criado usando representações de sons comuns à língua portuguesa e a partir do conhecimento que o autor tinha da língua xavante. Na descrição das letras, há comparação com outras línguas europeias, como o inglês, o italiano e o alemão. É importante perceber como essas línguas foram usadas como parâmetros para a criação da escrita da língua xavante, que desconsiderou as diferenças na produção dos sons da língua indígena e os conhecimentos dos próprios falantes da língua, pois há diferenças na representação dos sons do português e do xavante. Pelo visto desta cartilha, o não indígena criou o alfabeto de acordo com a sua propagação de sons. Ainda não tínhamos alguém que pudesse criar a ortografia e a gramática por conhecimentos próprios do povo Xavante. Ainda hoje adotamos a gramática Xavante feita por pessoas que não são indígenas e sempre em comparação com o português.

Este alfabeto apresentado na cartilha não é usado hoje. Pois, a gente não sabia deste material e que ele existia como material didático para a escola indígena, principalmente da aldeia São Marcos. Foi com a pesquisa para esta dissertação que tomamos conhecimento deste material. E, também não foi feita a pesquisa com mais detalhes ou a busca de informações desta cartilha com os primeiros grupos de Xavante daquela época ou daquele ano, após 1959, sobre quais os grupos de idade que já estudaram nesta cartilha com este alfabeto. Mas pelo que sei, foram feitas revisões e correções de algumas questões não claras e não compreensíveis. O próprio autor desta cartilha, padre Bartolomeu Giaccaria, fez as correções posteriormente com a coordenação do padre Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'rui'a, juntamente com alguns professores xavante de várias aldeias, como por exemplo, Rafael Hitsé e Orestes Tserewano e os interessados não indígenas (Missão Salesiana de Mato Grosso) e entidades (Operação Mato Grosso e a Secretaria de Educação e Cultura de Campinápolis), todos melhorando o alfabeto e as ilustrações.

É de grande importância que nós falantes da nossa língua indígena façamos esse trabalho de criação de alfabeto e escrita da língua indígena. Porém, já começamos a organizar ideias e pensamentos de pesquisar com mais profundidade para encontrarmos o nosso alfabeto. Através de estudos que nós fizemos nas universidades públicas, resgatamos a escrita da nossa língua materna que nos comunicamos oralmente. Até as histórias ou discursos realizados podemos escrever na nossa língua. Pessoalmente, tenho intenção de buscar o meu conhecimento para produzir um novo produto de aprendizagem para as crianças e até os jovens, de criar e produzir o material didático da escola Dom Felippo Rinaldi. Poderá ser também usado nas outras escolas indígenas do povo A'uwẽ Uptabi. Tudo isso seria um grande avanço de conhecimento e valorização do próprio conhecimento indígena.

Esta cartilha de 1959 segue um modelo muito comum de material usado para a alfabetização. Apresenta as letras, sílabas, palavras, frases e pequenos textos em xavante e em português, com ilustrações que buscam representar o que está sendo ensinado, como mostram as imagens a seguir:

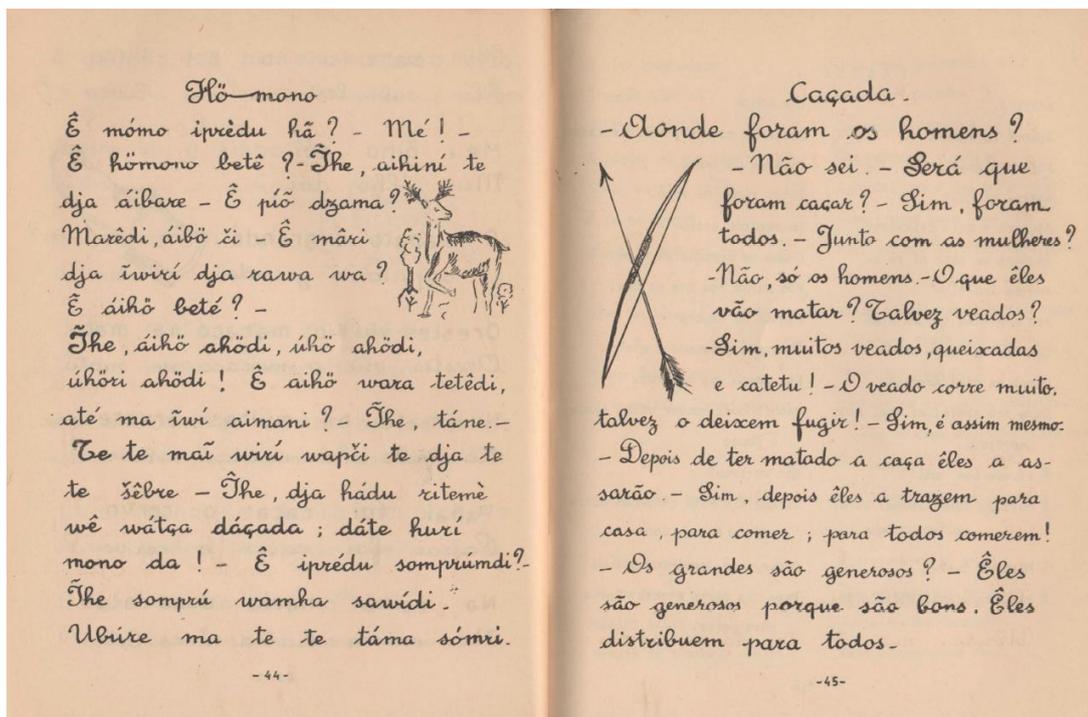
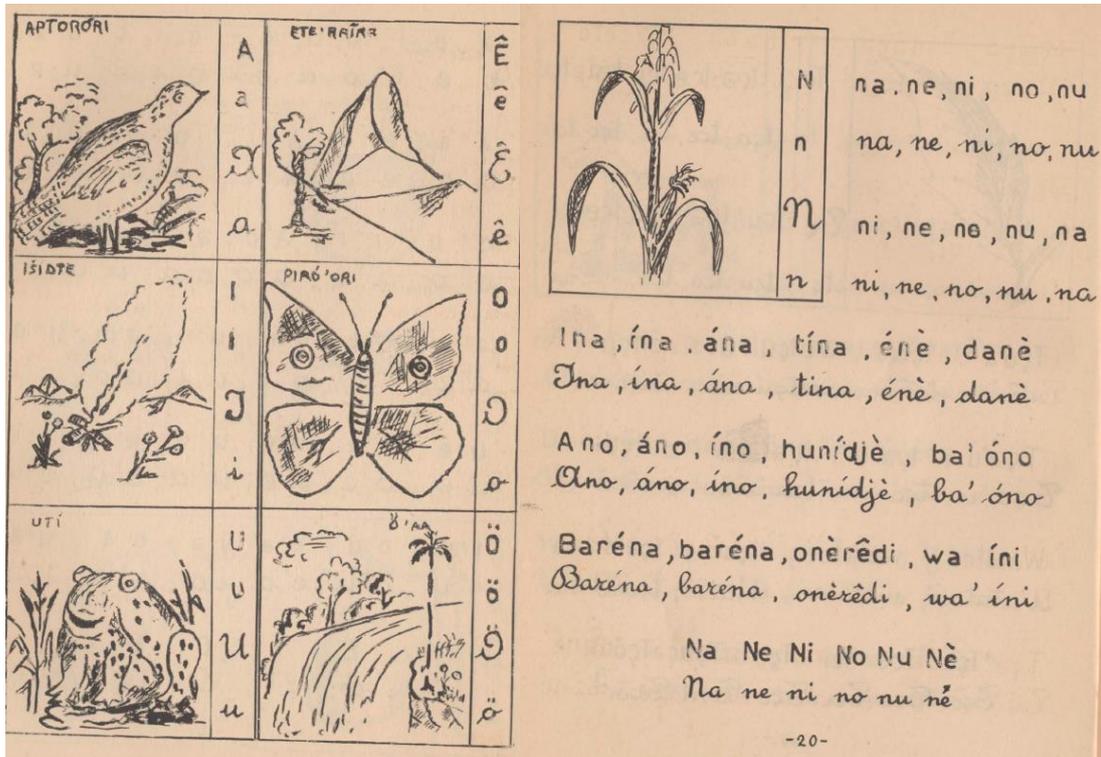


Figura 9 – Conteúdo da cartilha: letras, frases e pequenos textos. Fonte: Acervo online Lemad – USP.

Como já foi escrito, a introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi esteve relacionada à escola e a à missão salesiana e num momento em que havia uma ideologia de integração das populações indígenas à chamada sociedade nacional. Assim, é importante pensar como os materiais didáticos para o ensino da escrita reproduziam essas ideologias da época. É o que podemos ver num exemplo de frase ensinada na cartilha:

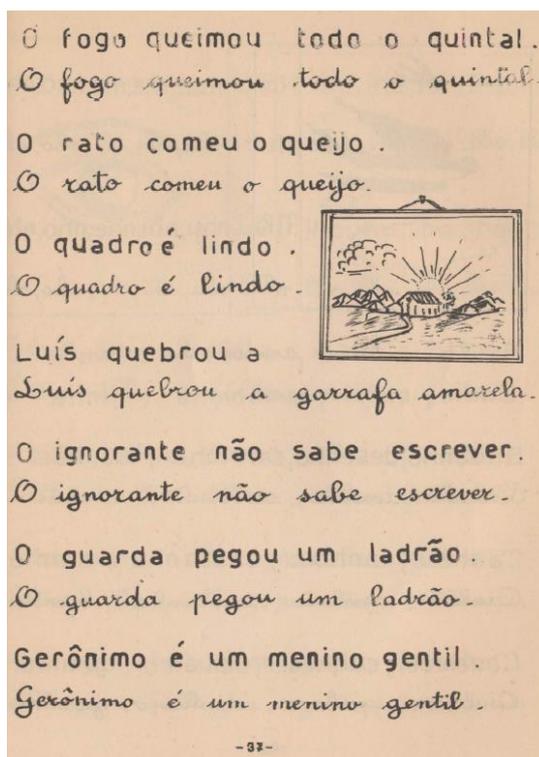


Figura 10 – Frases da cartilha para o ensino da escrita. Fonte: Acervo online Lemad – USP.

Na página da cartilha reproduzida acima, temos a seguinte frase “*O ignorante não sabe escrever*”. Em minha compreensão, esta frase representa as ideias da época de início da escolarização e da escrita entre o povo Xavante, que viam a escola e a escrita como atividades importantes para a assimilação do A'uwẽ Uptabi e a escrita como superior à tradição oral. Para mim, a pessoa que não escreve não podemos considerar como ignorante. A mesma coisa que os anciãos e sábios indígenas que nunca aprenderam a ler e escrever, mas dominam todo o conhecimento do seu povo e que transmitem suas histórias pela tradição oral, não podem ser chamados de ignorantes. Quem de nós que já nasceu sabendo de tudo? Com certeza, ninguém. Mas o ser humano aprende as coisas com seu outro ser. Assim, devemos considerar o outro que tem o seu próprio conhecimento do seu povo. Essa frase que aparece numa cartilha é porque a pessoa não procurou conhecer bem a realidade de outra pessoa ou outro grupo cultural. Ela se considera que tem conhecimento de tudo, sem saber ou conhecer o que a outra tinha. É isso que

representa a frase apresentada e, ainda, por uma pessoa que anuncia a palavra de Deus. Não deveria ter escrito esta frase.

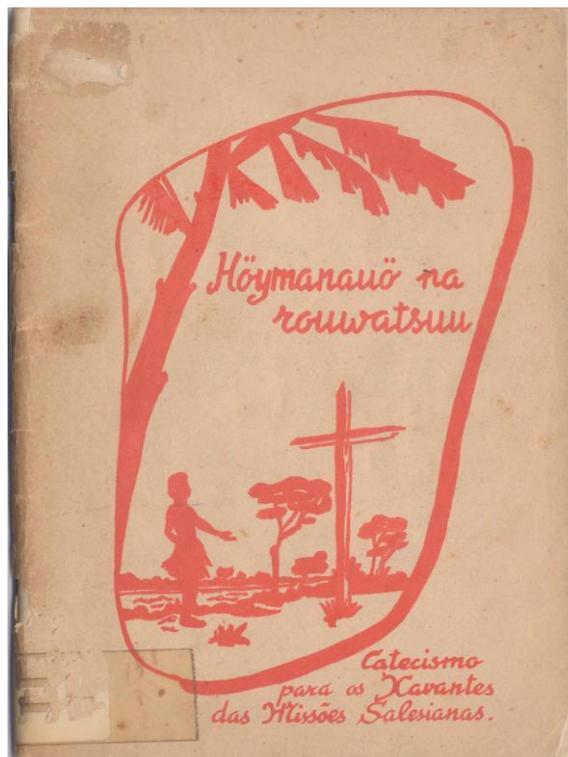
Esta frase representa a ideologia da época, que era a de integração dos povos indígenas à sociedade nacional, por meio da escola, das missões e órgãos indigenistas, como o SPI e depois a FUNAI. Para essa integração, que era assimilatória, não só a escrita e suas práticas de alfabetização e letramentos, mas também os valores não indígenas da época foram colocados em prática. É uma ideia muito perigosa porque poderia tirar o respeito dos jovens que iam para a escola pelos anciãos e anciãs, que sempre viveram na tradição oral. A cartilha reproduz de alguma forma essas ideologias coloniais e grafocêntrica, ou seja, ideologias do waradzu que colocam a escrita como superior à tradição oral e como critério de inteligência e desenvolvimento.

Nesse caso, a frase representa o indígena como incapaz, sem conhecimento, etc. diante da sociedade envolvente. Há outras formas de representações de ideologia colonizadora sobre os povos indígenas. Há muito tempo, os povos indígenas vinham se organizando através da oralidade. Isso a sociedade não indígena não considera como forma de conhecimento próprio dos povos indígenas. Desde 1.500, os povos indígenas recebiam toda forma de representação ideológica até o tempo presente. Entende-se que a sociedade não indígena ainda não considera que nós indígenas utilizamos a prática da oralidade. Sobre isso, são relevantes as palavras de Daniel Munduruku que fala sobre a lógica do dominador e sua relação com as diferentes formas de entender e “ler e escrever” sobre o mundo:

Não preciso lembrar aqui que a lógica de quem domina é totalmente diferente daquela dita anteriormente. O humano ocidental cresceu para dominar a natureza como algo fora dele. Dessa forma ele ignorou a escrita da natureza na tentativa de tornar-se dono dela. Desvalorizou as outras formas de leitura e de escrita do mundo e impôs seus próprios olhares e métodos científicos fazendo-nos crer que sua escrita era mais perfeita que aquela infinitamente mais antiga. Estes olhares que os europeus trouxeram para cá revelaram que seus interesses estavam acima da real intenção de encontrar-se com nossos antepassados. Eles não tiveram consideração por nossos olhares e logo mostraram suas verdadeiras intenções de domínio, de riqueza fácil. Para isso não se furtaram de querer aprisionar nossos avós, roubar-lhes os conhecimentos tradicionais e tentar tirar de dentro de nós nossa forma de escrever nossa própria escrita. Quiseram roubar – e em muitos casos conseguiram – nossa alma colocando em seu lugar um espírito que nunca foi nosso. E o que eles colocaram no seu lugar? Necessidades que não eram nossas. Vontades que não tínhamos; desejos que não desejávamos; ódios que não sentíamos; bens que não nos pertenciam; pensamentos que não pensávamos. Foram plantando no coração de nossos antepassados um desejo de não Ser (MUNDURUKU, s/d).

Para nós A'uwẽ Uptabi, a escrita ocidental não pode substituir a oralidade. Pois sabemos que o povo A'uwẽ Uptabi sobrevive com todo conhecimento pela tradição oral, desde a sua origem. Hoje, nós que conseguimos formação superior nas universidades públicas, através de cotas ou de projetos específicos, temos que escrever nossas histórias com próprio punho para ficarem de registros às novas gerações xavante, mas sem deixar de lado os conhecimentos vindos da oralidade. Para isso temos que saber escrever de acordo com as falas dos anciãos sábios às línguas xavante e portuguesa. Mas, a oralidade para o meu povo é de grande importância e nunca será substituída pela escrita. A escrita servirá para valorização e fortalecimento do nosso conhecimento ancestral. Servirá também como forma de defesa dos nossos direitos indígenas perante os governantes não indígenas. E, mais, todos os povos indígenas do Brasil sempre vivenciaram a oralidade. Daniel Munduruku, em sua reflexão, afirma que a imposição da escrita sobre a oralidade é uma forma de dominação dos colonizadores. Por outro lado, a escrita hoje em dia pode fortalecer nossa identidade, de repassar nossos conhecimentos da ancestralidade para a sociedade envolvente não indígena, desde que seja feita pelos próprios indígenas, com valores e interesses próprios. Assim, a escrita complementa a oralidade, mas não pode substituí-la.

Como parte do contexto da época, a escrita também servia para a evangelização do povo A'uwẽ Uptabi pelos salesianos, que não demoraram a produzir materiais escritos para repassar seus valores cristãos. Isso pode ser visto no “*Höymanauö na rouwatsuu: Catecismo para os Xavantes das missões salesianas*”, elaborado em 1961, também por Bartolomeu Giaccaria.



*Figura 11 – Capa do primeiro catecismo usado pela missão salesiana entre os Xavante. Fonte: Acervo online Lemad – USP.*

Estes ensinamentos sobre o cristianismo foram passados pelos salesianos para o povo Xavante através da escrita para que passassem a conhecer e respeitar a religião cristã católica. Segundo o historiador, senhor Daniel Tsi'õmowẽ, os salesianos católicos vinham ensinando através da escrita o cristianismo entre o povo Xavante. Conforme Daniel Tsi'õmowẽ, desde o início da fundação da aldeia os padres falavam aos Xavante que quando algum Xavante bater nos padres, Deus o castigará. Então, por essa ameaça, os Xavante ficavam com medo. Neste sentido, os padres eram muito respeitados por anciãos Xavante da época, em São Marcos. Não só os padres católicos que faziam ensinamentos sobre o cristianismo, mas também os padres jesuítas que ensinaram outros povos indígenas que encontraram. Assim, como o cristianismo é uma religião do livro, da palavra escrita, os missionários viram a importância de produzir material escrito para a evangelização dos indígenas. A escrita servia para fixar, para registrar e para reproduzir esses ensinamentos religiosos e, assim, os valores da missão daquela época. Esses ensinamentos eram passados no catecismo em forma de lições, escritas em língua portuguesa e na língua xavante como descrita pelos missionários, conforme o exemplo apresentado a seguir, ilustrado com imagens do inferno, de um lado, e de Jesus falando aos indígenas, do outro:

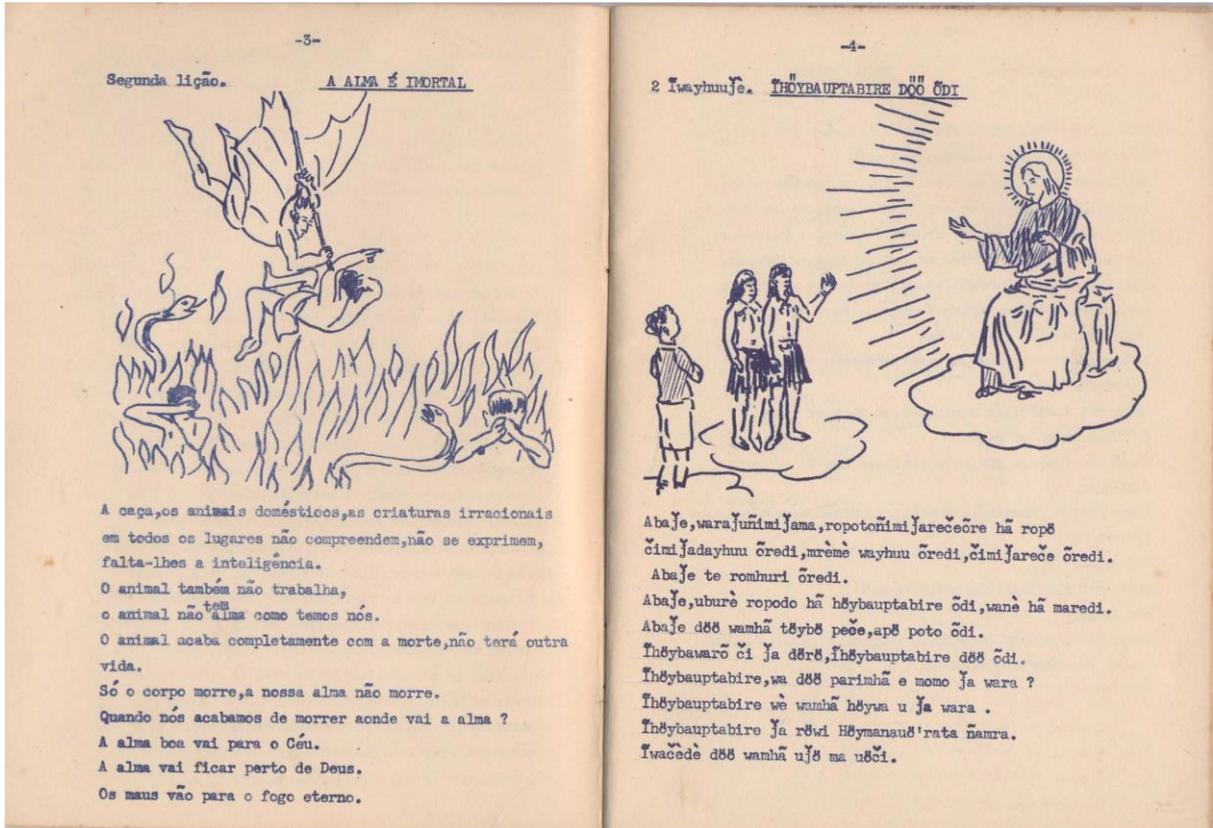


Figura 12 – Lição do catecismo para os xavante. Fonte: Acervo online Lemad – USP.

Além de imagens que não existiam para o povo A'uwe Uptabi, como céu e inferno, o catecismo também reforçava a visão de mundo dos missionários cristãos que, por mais que buscassem se inserir na cultura xavante, acabavam reproduzindo na escrita religiosa suas ideologias, como pode ser observado no texto de prefácio do catecismo, de autoria desconhecida, assim como na própria apresentação do autor, Bartolomeu Giaccaria:

Este pequeno livro, na sua simplicidade, é uma enternecedora mensagem da fé e um apelo para a boa senda endereçados aos legítimos donos de um amplo trato da pátria que a abnegação dos discípulos de D. Bosco procura - com sacrifício sem lindes e, por vezes, da própria vida - incorporar à civilização, através dos nobres e sábios ensinamentos da Santa Igreja Católica - que, desde os primórdios da nacionalidade, foi vanguardeira na conquista das almas dispersas pela terra sem fim de Santa Cruz - bela, rica e dadivosa, mas, por vezes, difícil ao domínio.

Figura 13 – Prefácio do Catecismo. Fonte: Acervo online Lemad – USP

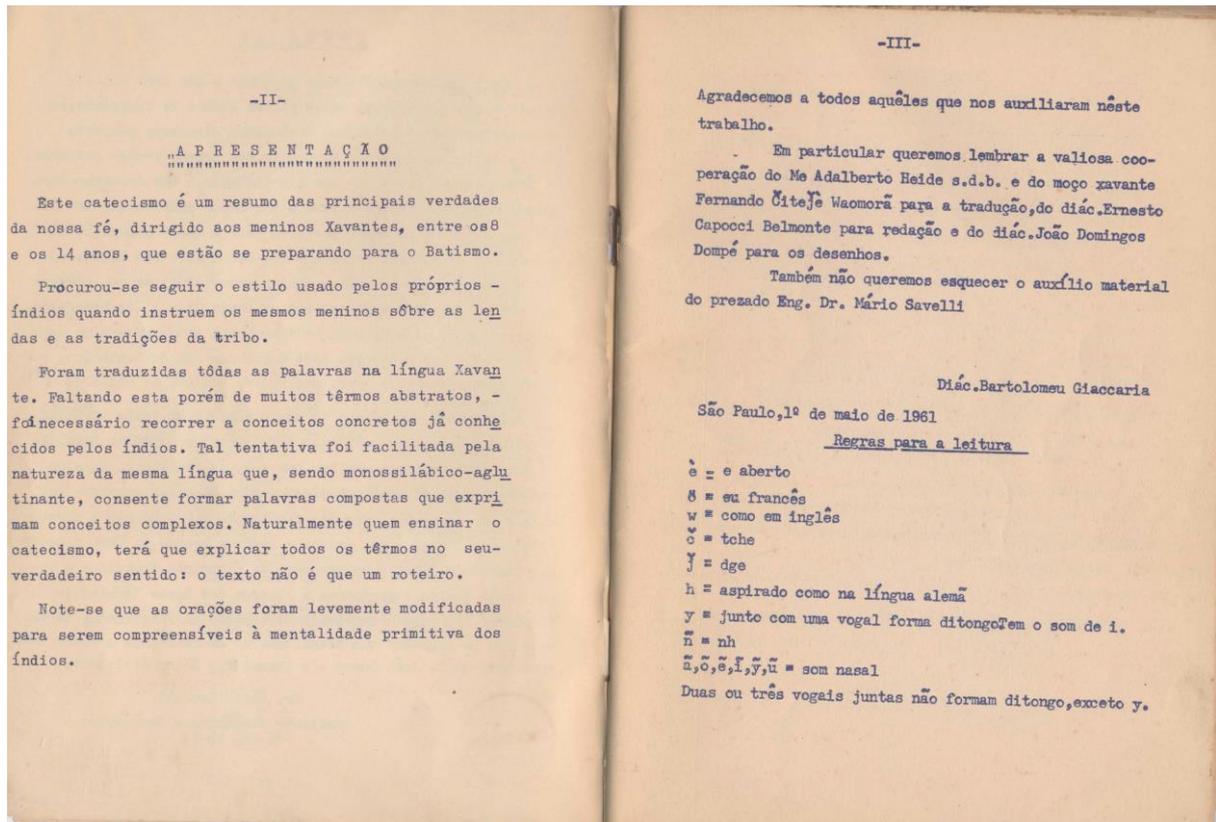


Figura 14 – Apresentação do Catecismo. Fonte: Acervo online Lemad – USP

Já no prefácio temos a expressão “incorporar a civilização” referindo-se ao trabalho missionário salesiano com os Xavante e, na apresentação, o aviso que “as orações foram levemente modificadas para serem compreensíveis à mentalidade primitiva dos índios”. Podemos dizer que estas duas expressões são da ideologia colonizadora. Porque nestas duas expressões os indígenas ainda são considerados como atrasados e que não têm conhecimentos de nada. Essa visão que se tinha e ainda se tem no tempo presente, não considera as diferenças de conhecimentos que nós indígenas temos. Atualmente, encontramos nas várias partes a ideologia colonizadora que afeta nosso modo de viver. A primeira expressão trata-se da incorporação dos índios à civilização, da sociedade nacional, e a segunda à mentalidade atrasada e sem conhecimento que os missionários acreditavam que nós tínhamos. Mesmo sendo padres anunciadores da boa nova, se mostraram a nós indígenas com essa visão ideológica. Um tratamento desumano sobre nós indígenas nessas duas expressões. A primeira expressão, representa ideia de tomar corpo, juntar-se a outro não indígena. E a segunda, representa a ideia de que o índio que vive na natureza, sem conhecimento. Compreende-se que o propósito dos padres católicos eram catequisar e cristianizar através da língua escrita. E isso vai modificando a convivência da comunidade indígena em seu território.

Tanto o Aquilino como o senhor Daniel mencionam as interferências e as mudanças culturais que foram provocadas entre o povo xavante depois do contato com a missão salesiana e com a escrita. Podemos dizer que essas interferências também acontecem por meio da língua. Um exemplo disso pode ser visto no catecismo, especialmente na parte intitulada de neologismos. Neologismo se refere a um processo de criação de palavras novas que ainda não existem numa língua ou o uso de palavras que já existem para expressar outros significados.

Em algumas situações, os neologismos são positivos para os povos indígenas, como quando eles próprios criam palavras novas para designar objetos que antes não faziam parte da sua cultura, como avião, celular, computador etc. Isso amplia a capacidade da língua indígena de se referir à realidade. Já em outros casos, os neologismos podem representar interferências culturais mais profundas.

As imagens a seguir, reproduzidas do *Catecismo*, mostram os neologismos criados para introduzir entre o povo A'uwẽ Uptabi as ideias e os valores cristãos:

-IV-

NEOLOGISMOS

- Alma - ñhõybauptabire: a alma é inferior ao espírito puro,  
por isso o sufixo "re".
- Anjo - dawatsun'wa: mensageiro, o que traz notícias.
- Apóstolo - rotiwèjau'wa: o que continua o ensino de Jesus.
- Batismo - ñ'ratii: no sentido comum é molhar a cabeça.  
Hoje já se compreende exclusivamente  
o batismo com esta palavra.
- Bom - ñwè, ñpe: santo falando de Deus ou dos Santos.
- Comungar - Jesushõyba tsonri da: tomar a Jesus.
- Consciência - ñcitsamrijẽ: aquilo com que a pessoa fica  
percebendo a si mesma.
- Conforme - ñarina: seguindo alguém.
- Contrição - ñci'ruymapari: ter desgosto de si mesmo por  
ter feito algo de mal.
- Cristão - Cristomè: com Cristo.
- Deus - Hõymanauõ: O espírito que existe sempre, sem fim.
- Domingo - ñhõañimara: dia do Senhor.
- Espírito - ñhõybauptabi: sempre foi palavra xavante.
- Espírito Santo - ñhõybauptabiwè:wè, ñwè=santo.
- Eucaristia - Jesushõybañomri: a pessoa de Jesus, o próprio  
Jesus para ser tomado, para  
alimento da alma.

Figura 15 – Neologismos usados no Catecismo. Fonte: Acervo online Lemad – USP



*wahi'rata norĩ hã “Danhimite” na te 're tsimidzadze dza'ra. Ìhöiba uptabi te 'madö'ö õ nherẽ te ãma 're danhimidzadze dza'ra wa'wa. Danhimite tsi date wama 're watsu'u dza'ra wa'wa. Romhõtsi'wa, taha na, te 're dahõimana dza'ra wa'wa. Ô norĩ hã, te ãma 're tsimidzadze uptabi dza'ra. Marĩ watsédé 're putsi monomhã, te date tiwi 're rowaptêrẽ dza'ra wa'wa. Marĩ watsédé date anhiwatsi mono da, niwamhã ropipa. Duré te te 're da'anho'reptu.*

*os nossos antepassados acreditavam no “Danhimite” (Deus), o espírito não visto, mas acreditavam. Somente do “Danhimite” os nossos antepassados contavam para nós, o milagroso, aquele que faz milagre e com ele que eles viviam. Eles acreditavam muito nele e quando aconteciam os males sempre pediam a ele para afastar os males ou perigos e salvar a vida.*

No catecismo apresentado, as palavras traduzidas do português para o xavante não existiam, porque não existia outra crença do povo Xavante além do “Danhimite” (Deus). Isso gerou as mudanças culturais ou religiosas do povo Xavante. Conforme Daniel Tsi'õmowẽ, quando eles viram a primeira missa depois que chegaram a nova aldeia, lembrou da história de que os não indígenas cantavam a Deus, que eles chamavam de höymanauö:o: “espírito que existe sempre, sem fim”. Essa palavra já existia para nós, mas com o sentido de “aquele que vive para sempre”, não necessariamente de um espírito. Para os A'uwẽ Uptabi, Danhimite está mais relacionado ao que não pode ser visto.

Por outro lado, os neologismos são positivos para nós quando criamos palavras novas para designar objetos que ainda não faziam parte da nossa cultura. Também ajuda a nossa capacidade na língua materna para nomear os objetos de acordo com nosso entendimento real, por exemplo, höiwĩ (aquilo que anda por cima = avião); robduri (aquilo que carrega coisas e pessoas = carro); romhõ'madö'ödze (aquilo que serve para ver de longe, do outro lado = televisão).

Alguns anos depois, os materiais produzidos pela missão salesiana perdem um pouco o caráter evangelizador, mas ainda mantem a concepção assimilacionista de transição e os mesmos formatos das cartilhas usadas no início da escola. Isso pode ser observado em duas cartilhas produzidas entre 1979 e 1980. Neste momento, pode-se perceber que começa a haver a participação de indígenas na elaboração, ao menos como mostram suas apresentações.

Segundo consta na primeira cartilha, chamada de “*Cartilha Xavante N. 1*”, de 1979, os textos foram retirados de um outro material produzido por “10 xavantes, de várias aldeias, orientado por técnico-bilíngue do Summer Institute of Linguistics e professores da Missão Salesiana”, contando com a participação de “Rafael Hitsé e Orestes Tseyewano orientados por Darcy Geronel e Bartolomeu Giaccardia”. Apesar da participação indígena, o modelo da

cartilha continua sendo o mesmo, com a apresentação de letras, sílabas, frases e pequenos textos, quase sempre de forma descontextualizada.

1

i - arvore

2

a l u o  
a il u o

atsada'a  
agua quente  
buzo = agua quente

o - agua

o'a'a  
agua quente, agua qd  
seco, agua 'cazi'

o, te ti'a'a  
agua, da d'era  
agua d'era

o, te a'o  
agua da pedra / o, te a'a  
o'a papa agua / o'a papa agua

u - agua  
depois de

uti  
sapo

6

i o a  
wi wo wa

Wi'i

Wi'i  
wi  
i

Watsi'utsu, te wi'i we ti'o.

Atsi'utsu ma wei wi.  
Wisi wa, ma to tsi'a ti'o.  
Te dza tissa, a'o.

Watsi'utsu, ma wei wi.  
Ma we atsawi.  
Atsa te dza itsawi.

wa wi wa ti ti wa  
ti wi wa

42

Aibo Watsu'u  
Aibo te wara, wi'i dzo.  
Wai te tiwi wara.  
Tso wara wa, te tiwi wara.

E e e e

Babati te tiwawa.  
E m'ari wa te tiwawa?  
Tsi bi tete tsari wa, te tiwawa.  
Babati te tiwawa, tsi bi wi.  
Tiwawa tsina te tiwi wara.

ti wa wa tsi na E m'ari wa ?

Aibo te wara, awaru dzo.  
Wara tsina te tso wara.

Aibo te ti awati. Te awati pari,  
te dza abada tsima tsetu.

Watsi'utsu te bo teu.  
Iwaw dzo tete wati da teteu.  
Te te tsu pari, te dza wati.

I i i pa ri i wa u

Figura 17 – Conteúdo da Cartilha Xavante N. 1. Fonte: Acervo online Lemad – USP

A segunda cartilha, de 1980, chamada de “*Cartilha Xavante N. 2*”, também apresenta a participação indígena em sua elaboração, como mostra a imagem a seguir:

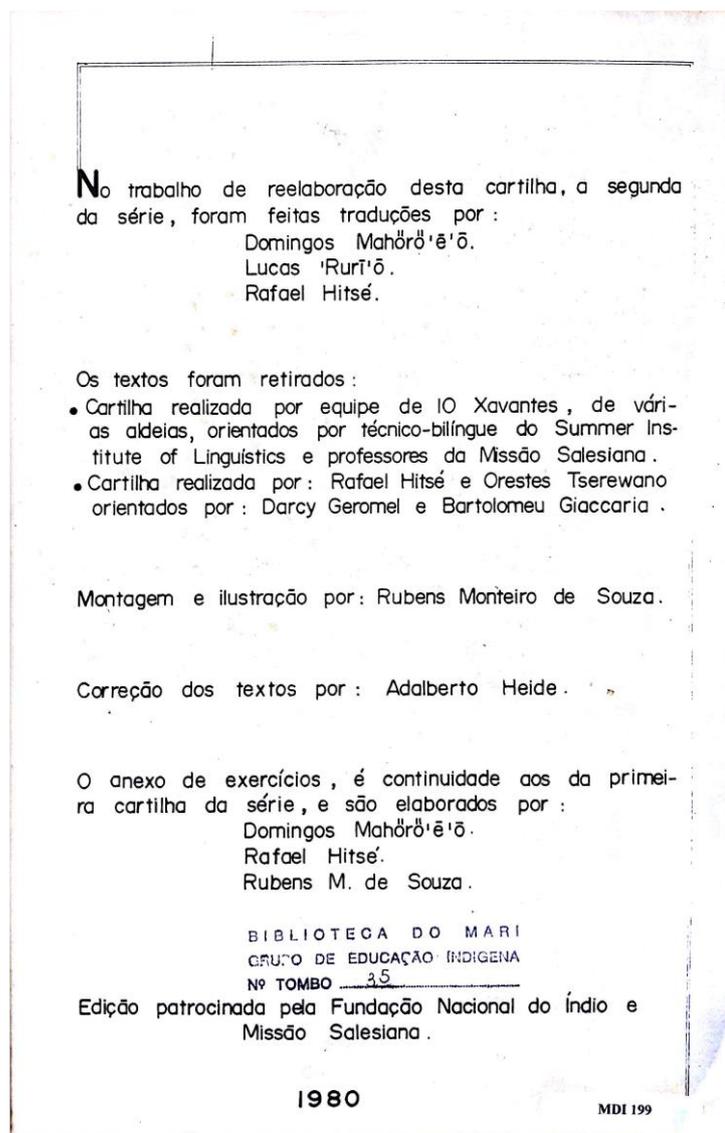


Figura 18 – Apresentação da Cartilha N. 2. Fonte: Acervo online Lemad – USP

Esta cartilha segue o mesmo modelo da anterior, com a diferença de apresentar textos um pouco maiores na língua xavante.

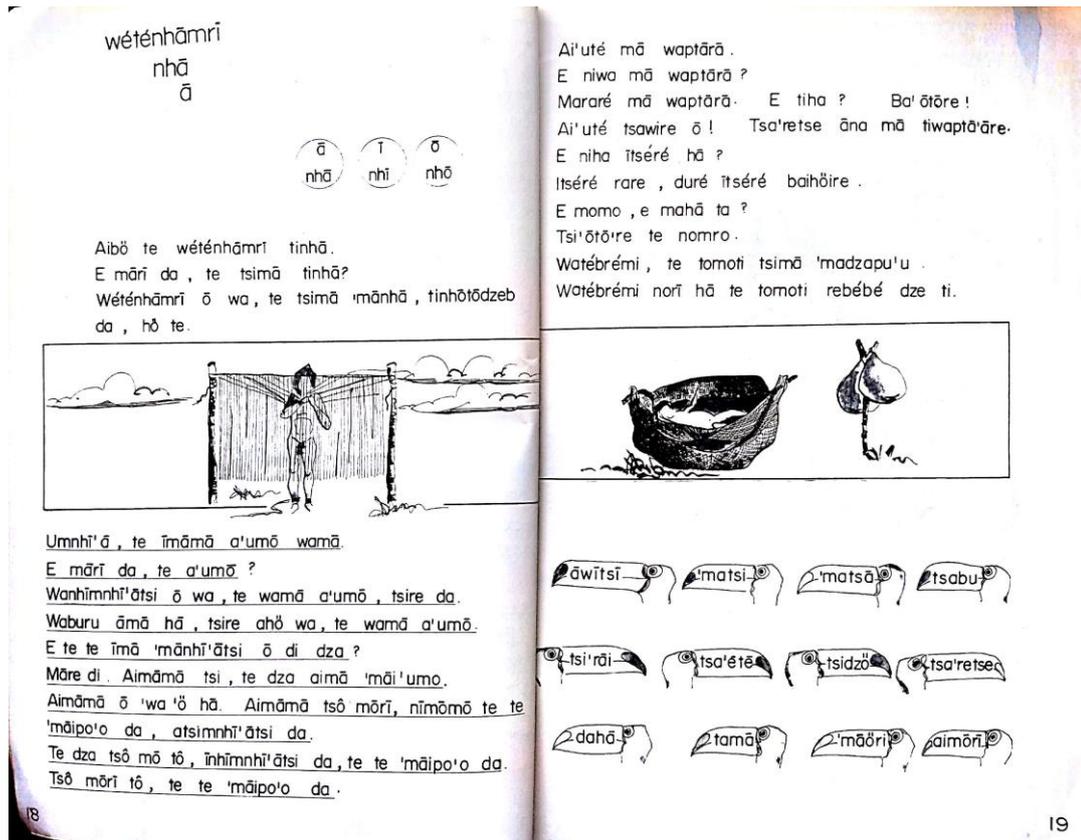


Figura 19 – Conteúdo da Cartilha N. 2. Fonte: Acervo online Lemad – USP

Mas é na cartilha N. 1 que aparece uma informação interessante, anotada em sua capa:

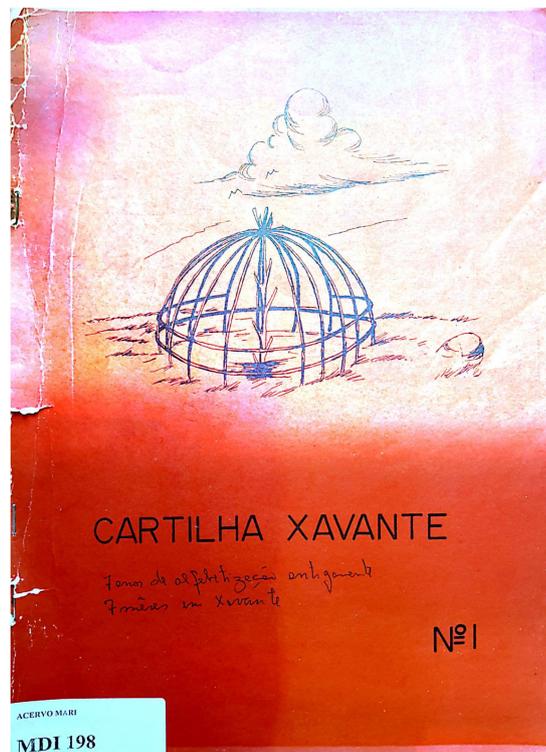


Figura 20 – Capa da Cartilha Xavante N. 1. Fonte: Acervo online Lemad – USP

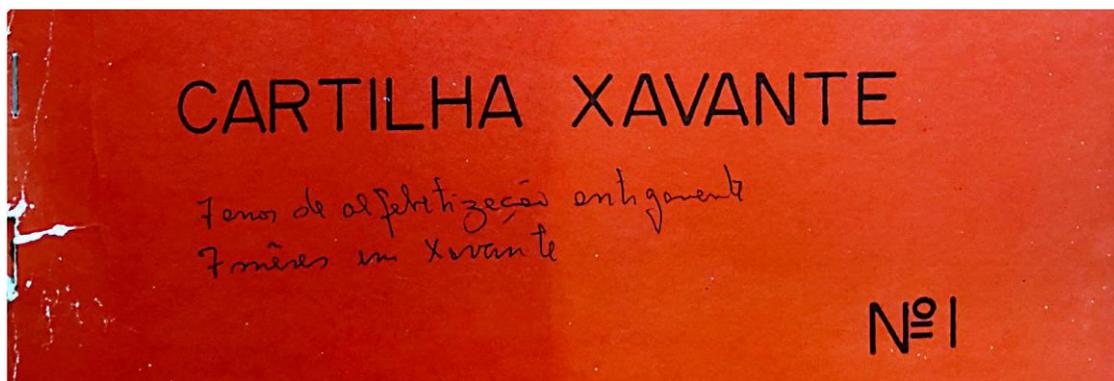


Figura 21 – Capa da Cartilha Xavante N. 1. Fonte: Acervo online Lemad – USP

Nela estão escritos à mão as seguintes orientações “7 anos de alfabetização antigamente. 7 meses em Xavante”. Apesar de não sabermos quem escreveu na capa da cartilha, podemos pensar que isso ocorreu há muito tempo, quando a palavra meses ainda era acentuada e como resume bem o que era o processo de bilinguismo de transição: as crianças indígenas aprendiam a escrever na língua indígena durante um tempo e depois iam passando para o português, até usarem apenas a língua portuguesa na escola, por isso estudavam muito mais tempo a língua portuguesa.

Assim, é possível entender bem como o ensino de bilinguismo de transição pode causar a desvalorização e esquecimento da cultura e da própria língua indígena. Com esse ensino algumas pessoas acabam não praticando corretamente as palavras na oralidade e não participando ativamente das práticas culturais de seu povo. O objetivo do bilinguismo de transição é colocar o educador para ensinar a língua portuguesa. Não se importando o educador em desenvolver e vitalizar sua própria língua indígena.

Ao longo do tempo, o povo A’uwẽ foi se apropriando da escrita e reconhecendo a sua importância para as relações com o mundo da sociedade envolvente, principalmente o mundo da sociedade “waradzu” (sociedade não indígena) e também sua importância para a educação escolar indígena.

Neste processo, a Missão Salesiana continuou sendo atuante na produção de materiais didáticos escritos, que hoje são utilizados na escola. Nas últimas décadas, é possível perceber que este trabalho de elaboração de materiais escritos tem tido maior participação de indígenas, contudo é importante reconhecer que os indígenas participaram mais na coleta de palavras e textos da língua xavante para que os pesquisadores e professores da missão salesiana produzissem esses materiais. Assim, esses materiais não foram produzidos só pelos A’uwẽ Uptabi. Até agora, na Terra Indígena São Marcos ainda não tem nenhum material produzido só por indígenas.

Como parte desta pesquisa, fiz um levantamento do material didático disponível em minha aldeia São Marcos, como pode ser observado no quadro a seguir:

**Quadro 11 - Levantamento dos materiais para ensino da língua Xavante na Terra Indígena São Marcos**

Item	Materiais Produzidos	Ano	Elaboradores/Coordenadores
1	ROMHÖIMANA WAIHU´UDZÉ IMORI´RATA WA´ÕNO LIVRO DE CIÊNCIAS Primeira Série, ed, exp.	1994	Georg Lachnitt 1ª turma Xavante do Magistério, Sangradouro-MT
2	ROMHÖIMANA WAIHU´UDZÉ MAPARANETSI´UIWANA WA´ÕNO LIVRO DE CIÊNCIAS Quarta Série, ed, exp.	1994	Georg Lachnitt 1ª turma Xavante do Magistério, Sangradouro-MT
3	Romnhitsi´ubumro waradzu mreme - a´uwẽ mreme Dicionário português - xavante 2ª ed.	2003	ADABERTO HEIDE e alunos da 8ª série de 1988, Sangradouro MT BARTOLOMEU GIACCARIA e alunos da 7ª série de 1988, São Marcos MT
4	Romnhitsi´ubumro a´uwẽ mreme - waradzu mreme Dicionário Xavante/Português	2003	Georg Lachnitt
5	O MEU MUNDO – WAHÖIMANADZÉ LIVRO DE LEITURA PARA JOVENS XAVANTE	2003	Rafael Hitsé Georg Lachnitt Cornélio Nomohi Tsimo Alunos do 3º ano do Magistério da EEI DOM FELIPPO RINALDI, São Marcos
6	Damreme´uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática Xavante-3. ed.	2004	Georg Lachnitt
7	Romhuri Nnihötö Nhoré Waihu´uprãdzé I – Cartilha de Leitura I, 2ª ed. e Caderno de Exercícios I	2004	Georg Lachnitt
8	Rowatsu´u Nhorédzé – Cartilha de Leitura II, 2ª ed. e Caderno de Exercícios II	2004	Georg Lachnitt
9	A´uwe na Rowatsu´u 2 / 2ª ed. experimental	2005	Jerônimo Tsawe Bartolomeu Giaccaria e Georg Lachnitt Tomé Tsi´ëiwa´adi Wadzatsé Caetano Tseretõmodzatsé Moritu Raimundo Urébété Ai´réro Sérgio Tseredatsu Abhö´ödi

10	Romhurinhöhötö waihu´u na´ratadzé- Itsihötö me ipoto watsu´u ai´uté ma hã – Cartilha de Alfabetização para as crianças)	2005	Tomé Tsi´éiwa´adi Wadzatsé Cornélio Nomohi Tsimo
11	A´ãma Mreme	2012	Georg Lachnitt Rufino Tõmoptsé Duprédamo Germano Tsimi´wadzé Tseredzatsé

Apesar de algumas mudanças na produção destes materiais, a influência religiosa, não só na autoria, ainda pode ser observada, como ilustra a apresentação feita pelo Pe. Guillermo Morales Velásquez para o dicionário *Romnhitsi´ubumro A´uwẽ mreme – Waradzu mreme* (Dicionário Xavante/Português), de 2003, elaborado por Georg Lachnitt:

Ao longo dos anos, a história é testemunha do trabalho salesiano entre os bororos e xavante. O dicionário xavante é mais um esforço para que a vocação deste povo seja realizada e ocupe o seu espaço na cultura. A bela língua xavante está se comunicando e deixa brilhar o valor cultural de sua inteligência. O Concílio Vaticano II fundamenta toda a ação missionária: A Igreja tem como tarefa primordial ajudar a fluência dos sinais latentes Verdade que existem em todo o homem. Acredito que esta é a finalidade do presente trabalho do Pe. Georg. O anúncio da Boa Nova continua ... A alma do povo Xavante preservada na sua língua. O preconceito contra a ação missionária persiste e se reveste de fundamentações teóricas oriundas de marco referencial polêmico. Mesmo dentro da Igreja questiona-se. Este mesmo fato, porém, prova a honestidade do trabalho evangélico. A Igreja não pretende ser infalível. Mas até agora só ela apresentou resultados melhores. Se, de um lado, temos Roca e Custer, a Igreja, sem armas, dialoga com tarascos, quechuas e paiaguás e um plêiade de nações no mundo inteiro. Sabemos que o dicionário foi possível pelo trabalho de tantos outros que ainda estão ... ou que se foram ... A finalidade é a mesma: um compromisso com o ser humano e com o que ele tem de Deus, no mais profundo do ser. Um dia é Rodolfo Lunkenbein, outro é Pollice, Giaccaria, Jorge Wörz ou Lachnitt. O admirável é que o elo da corrente continua ... A tarefa da evangelização continua... No meio dos eventos dos 25 anos das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, o lançamento do dicionário é uma afirmação a mais do que se pretende na promoção da dignidade do homem. O cristianismo é válido porque torna realidade trabalhos como este, que incentivam o nosso compromisso missionário e salesiano (VELÁSQUEZ apud LACHNITT, 2003, p. 3)

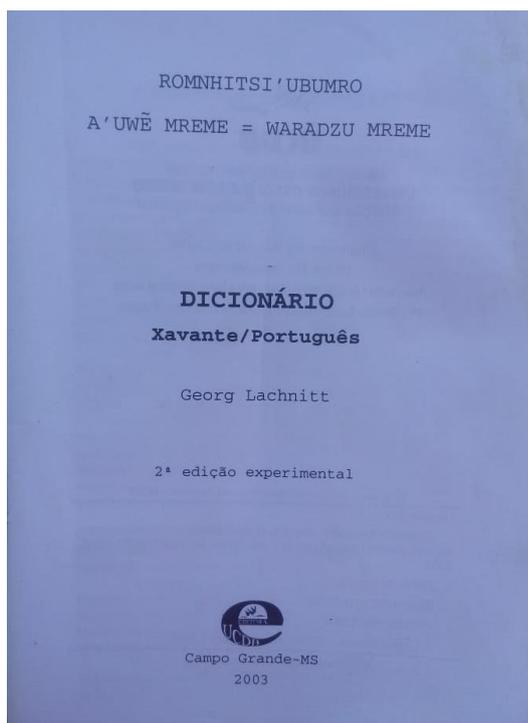


Figura 22 – Capa do Dicionário Xavante/Português. 2ª ed. 2003. Fonte: Autor

De toda forma, é preciso reconhecer que houve uma diversidade de materiais nas décadas seguintes, como dicionários, gramáticas, livros de leitura, livros sobre áreas de conhecimentos, como as ciências, e documentação de falas especializadas da cultura A'uwē Uptabi, numa maior aproximação com os conhecimentos do povo.

Também é preciso destacar a maior participação de indígenas na autoria de alguns materiais, como é o caso do livro *O meu mundo/ Wahöimanadzé*, elaborado pelo professor xavante Rafael Hitsé, reeditado 2003. O livro registra histórias do povo xavante pelo autor e teve a revisão feita pelos alunos xavante do 3º ano do Magistério Indígena de São Marcos e as ilustrações feitas por Cornélio Nomohi Tsimo.

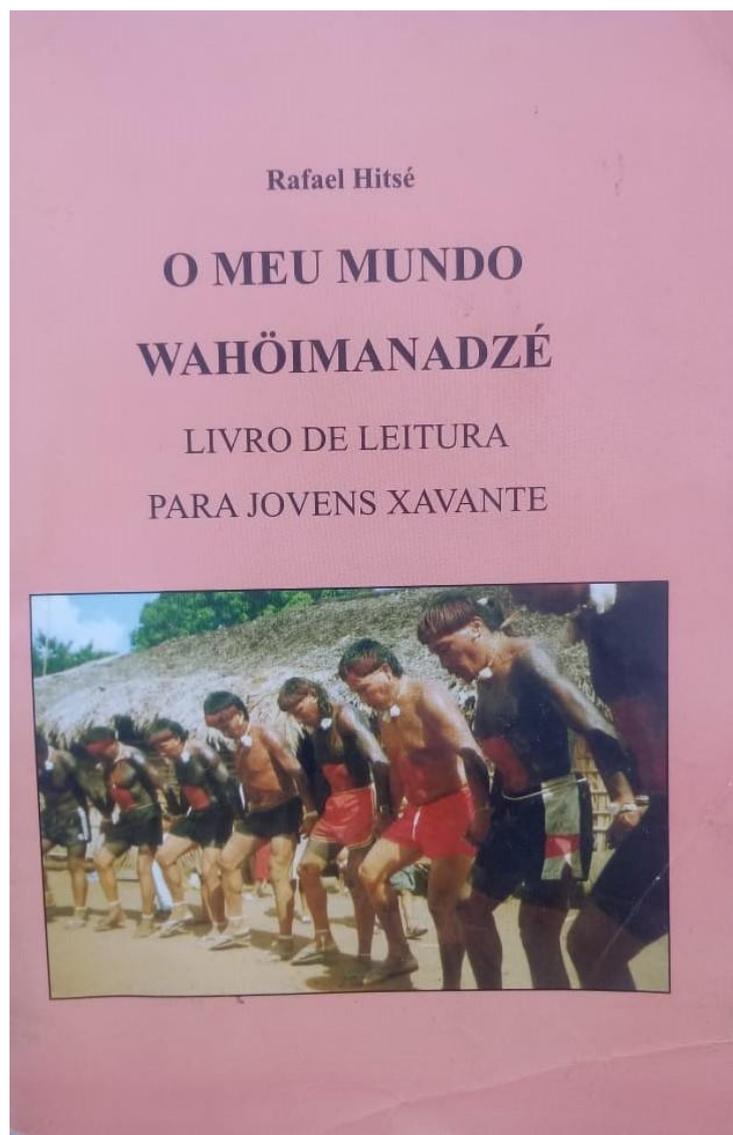


Figura 23 – Capa do livro *O meu mundo/ Wahöïmanadzé*. 2ª ed. 2003. Fonte: Autor

Também destaco o livro *A'ãma Mreme*, elaborado pelo professor Rufino Tõmoptsé Duprédzamo, feito com base na pesquisa sobre a fala dos A'ãma, advogados dos adolescentes, que é uma fala especializada, mas muito importante que todos compreendam. Nesta pesquisa, coordenada pelo Pe. Georg Lachnitt, Rufino fez a pesquisa com Germano Tsimi'wadzé Tseredzatsé, um dos maiores conhecedores dessa linguagem especializada.



*Figura 24 – Capa do livro A'ãma Mreme, 2012. Fonte: Autor*

Hoje, o alfabeto e a ortografia usados pelos A'uwẽ Uptabi não são mais os mesmos daqueles usados nos primeiros materiais didáticos produzidos pelos missionários. A partir de 1976, depois da convenção sobre a grafia Xavante, todo o material foi reunido com as devidas correções de acordo com a convenção realizada na aldeia São Marcos. Quem participou dela foram os monitores xavante Domingos Mahörö'ẽ'õ, Rafael Hitsé e Rubens Monteiro de Souza. Há pouco tempo, esses dois indígenas A'uwẽ Uptabi que participaram da revisão faleceram. Os dois moravam em aldeia Sangradouro – Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, situado no município de General Carneiro, Mato Grosso.

Para dar uma pequena amostra de algumas mudanças, apresento o Quadro 12, a seguir, que compara a grafia de algumas palavras usadas na primeira Cartilha, de 1959 e no Catecismo, de 1961, com a grafia de atualmente:

**Quadro 12 - Comparação da escrita de 1959 (cartilha) e 1961 (catecismo) com a grafia de hoje**

Antes	Hoje
Babádi (cartilha)	Babadi
Dabúdu (cartilha)	Dabudu
Adjahú (cartilha)	Adzahu
Watatcé (cartilha)	Watatsé
Höymanauö (catecismo)	Höimana'u'ö
Ïwètêwapu (catecismo)	Ï'u'êtêwapu
Ïhöybauptabire (catecismo)	Ïhöiba'uptabire
Dawatsuu'wa (catecismo)	Dawatsu'u'wa
Da'ú (cartilha)	Da'u
Djö (cartilha)	Dzö
Ïdjö (cartilha)	Ïdzô
Abadjí (cartilha)	Abadzi
Dadjére (cartilha)	Dadzéré
Rowatsuu (catecismo)	Rowatsu'u
Ïwaçèdè (catecismo)	Ïwatsédé
Ponèèreböyre (catecismo)	Pone'ëreböire
Waçiçanawã (catecismo)	Watsitsânawã
Ïçimiño'ru (catecismo)	Ïtsiminho'ru

Como busquei demonstrar, a escrita foi introduzida em Ëtênho'repré (São Marcos) na presença da missão salesiana e da escola. Se não fossem elas, não teríamos aprendido a escrita, bem como as leituras e suas compreensões do mundo da sociedade nacional. Nos dias de hoje, os principais contextos de uso da escrita em São Marcos são todos os registros escritos por pessoas que tenha visão futura. Para não deixar o tempo passar em branco de registros escritos dos conhecimentos orais da ancestralidade. Neste sentido, é de suma importância o uso da escrita para as pessoas da minha comunidade nas situações socioculturais. Para quem trabalha na educação, as pessoas têm que saber as noções da escrita, entender e compreender do que se tratam as palavras. Da mesma forma, quem trabalhar na saúde, os agentes de saúde precisam

saber todo processo de medicamentos a serem aplicados. Nos movimentos indígenas, também os indígenas que participam, precisam ter todo domínio da escrita para poder encaminhar, posteriormente, às pessoas importantes não indígenas ou órgãos competentes.

Depois de mais de 60 anos de contato com a escrita, eu percebo, contudo, que as práticas orais do meu povo ainda são muito fortes e valorizadas cotidianamente. Toda vez que o meu povo se encontra em diversas localidades, seja nas aldeias ou cidades, sempre se comunicava ou dialogava nas práticas orais. Ainda, na maioria do meu povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) que vive em seu território, continua a utilização das práticas orais. Isso é valorização da própria língua materna, "*a'uwẽ mreme*". A escrita não gerou mudanças nas práticas orais que continuam muito fortes.

Na minha compreensão, a escrita é importante para meu povo hoje para que possamos mostrar os conhecimentos ancestrais indígenas *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) da oralidade para o mundo da escrita, bem como apresentar nossas necessidades reais do cotidiano. Para isso, o meu povo tem que saber a escrita da palavra, indígena e não indígena, desde os primeiros anos de estudos na escola. Porque a escola é um espaço adequado de saber a escrita da própria língua e compreende os significados das palavras. Assim, os jovens indígenas *A'uwẽ Uptabi* vão dominando a escrita da palavra de acordo com as suas necessidades e realidades vividas. A escrita também é importante para meu povo nas práticas de atividades culturais ou rituais mais importantes, como por exemplo, a passagem da vida de adolescência, que se chama na língua *a'uwẽ mreme* "*Danhono*" à vida adulta e "*Darĩni*", participação da vida religiosa. Essas atividades culturais do meu povo precisam ser escritas na língua materna e depois escritas para a língua portuguesa como forma de registro às futuras gerações, mas de forma complementar às práticas orais e à vivência real das atividades culturais, mantendo o respeito pela sabedoria ancestral que continua sendo repassada oralmente. Ao mesmo tempo, a escrita fortalece as tradições orais do meu povo, mostrando a sua capacidade como indígena, de escrever nas duas línguas e mostrando também a sua identidade indígena perante outra sociedade envolvente. Assim, as pessoas que encontrarem esses registros, poderão compreender nossas situações que vivemos do cotidiano em nossos territórios demarcados ou homologados e conhecerão a nossa luta.

## Considerações finais

O objetivo geral desta pesquisa foi buscar os elementos necessários para a elaboração da história da introdução da escrita e de suas práticas entre o povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico), a partir de uma visão indígena. Os motivos que me trouxeram a pensar nesta pesquisa foram justamente a ausência da história escrita do primeiro grupo, o método de ensino e aprendizagem, de alfabetização e letramento depois da fundação da aldeia. Os primeiros grupos etários que iniciaram os estudos da época foram os *Abare'u* (piqui) e *Nodzö'u* (milho). Não só alfabetização e letramento, mas também foi um trabalho permeado de evangelização e cristianismo, realizado pela própria Missão Salesiana.

Considero que o objetivo da pesquisa foi alcançado, parcialmente. Mas, entendo que em toda pesquisa realizada sempre aparece algo depois e que poderia ser apresentado no ato da busca. Os resultados alcançados da pesquisa podem ser considerados de suma importância, pois são as primeiras informações e conhecimentos descritos da real situação de alfabetização e letramento do primeiro grupo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) na aldeia São Marcos – Terra Indígena São Marcos, depois do contato. O objetivo alcançado pode colaborar muito na educação indígena da minha comunidade, denominada *Escola Estadual Indígena Dom Felippo Rinaldi* e nas comunidades de aldeias vizinhas do mesmo território. Pode também colaborar no aperfeiçoamento e avanços das novas concepções próprias dos *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) na educação escolar indígena, não só da comunidade do território São Marcos, mas também nas comunidades de outros territórios das nove terras demarcadas do povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico). O propósito era de trazer todas as informações sobre as histórias da introdução da escrita entre o povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante autêntico) das três (3) regiões diferentes, como TI Marechal Rondon, TI Pimentel Barbosa e TI Parabubure, aldeia Kuluene, onde foi introduzida a escrita por não indígenas, além da missão salesiana. Sabe-se que há encontros de dificuldades durante a caminhada de pesquisa, para coletar informações ou entrevistas com as pessoas que vivenciaram depois do contato dos “*waradzu*” (branco) sobre a escrita da palavra em seus territórios. Essas terras *A'uwẽ Uptabi* situam-se longe uma das outras, o que tornou difícil a realização de uma busca mais ampla, especialmente no contexto da pandemia.

A principal conclusão que cheguei sobre a introdução da escrita em São Marcos foi a importância da missão salesiana e da escola neste processo, além, é claro, do interesse do povo *A'uwẽ Uptabi* em aprender a escrita e a língua portuguesa para lidar com a nova situação de

contato. Se não fossem missão salesiana e escola não teríamos aprendido da escrita, escritas indígenas e não indígena.

Antes do contato dos waradzu, sabemos muito bem que há tempos o meu povo A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) viveram todo conhecimento das práticas orais. Refletindo profundamente, a missão salesiana e a escola, ambas trabalharam com os valores e ideologias da época, que eram baseadas na evangelização e na assimilação dos indígenas à sociedade nacional. Na cartilha e no catecismo que analisamos, vimos que um moço xavante chamado Fernando Tsitedzé Wa'õmorã, do grupo Nodzö'u, ajudou na tradução das palavras do português para a'uwẽ mreme (língua materna xavante), mas tudo feito dentro da visão dominante. Quanto à escola, não foi diferente com relação ao ensino de aprendizagem da alfabetização, sempre se fez referência ao alfabeto da língua portuguesa e de outras línguas não indígenas. Conhecer essa história é importante para entendermos a necessidade de nós mesmos indígenas nos apropriarmos da escrita e produzirmos nossos próprios materiais.

Assim, a minha pesquisa é de suma importância para meu povo A'uwẽ Uptabi, para a escola indígena e para a universidade, pois, trata-se da história da introdução da escrita entre o meu povo. Com este trabalho de pesquisa, a escola indígena poderá conhecer e compreender para depois fazer reflexões e discussões continuadas sobre a educação escolar indígena hoje e sobre nossas concepções de alfabetização e letramento a partir das visões indígenas. Esta pesquisa não busca ser uma pesquisa definitiva e nem conclusiva, mas trilhar o caminho e contribuir para favorecer os horizontes a outros pesquisadores indígenas A'uwẽ Uptabi (Xavante autêntico) que virão a buscar práticas de ensino na escrita "A'uwẽ mreme" (a língua materna Xavante) e aprendizagens futuras. Através desta pesquisa, a escola irá conhecer a história da introdução da escrita do primeiro grupo de indígena A'uwẽ Uptabi da aldeia São Marcos, que deu início ao processo de sua alfabetização e letramento escolar, ou seja, a escrita, a leitura e compreensão da própria língua, bem como a língua do não indígena. Também considero de grande importância a minha pesquisa para a universidade, pois trata do reconhecimento histórico da introdução da escrita entre o meu povo, especificamente, do território São Marcos, de como começou a educação escola indígena da época.

## Referências

- AI'RÉRO, Raimundo Urébéte. **Entrevista: Fundação da escola e introdução da escrita na aldeia São Marcos**. Aldeia São Brás, janeiro de 2021.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. (eds.). **Situated literacies: Reading and writing in context**. London/New York: Routledge, 2000, p. 7-15 (tradução não oficial de André M. do Nascimento para uso exclusivo na disciplina Tópicos em Aspectos Socioculturais da Linguagem).
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- LACHNITT, Georg. **Romnhitsi'ubumro A'uwẽ mreme – Waradzu mreme (Dicionário Xavante/Português)**. Campo Grande, MS: Editora UCDB de 2003.
- MATA, Tarley Nunes. **Os Professores Indígenas e o Processo de Educação Escolar dos Xavante de São Marcos – MT**. Dissertação (Mestrado em Educação). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 1999.
- MORITU, Caetano Tserenhi'ru. **Êtênho'repré tsi'manharidzem na rowatsu'u (História da Formação do Território São Marcos)**. Trabalho de conclusão de Projeto Extraescolar - Licenciatura em Educação Intercultural. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018.
- MUNDURUKU, Daniel. **A escrita e a autoria fortalecendo a identidade**. Disponível em: <[A escrita e a autoria fortalecendo a identidade - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://socioambiental.org)>, acesso em maio de 2022.
- PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. As línguas indígenas na escola: da desvalorização à revitalização. **Signótica**, v. 18, n. 2, 2006, p. 381-395.
- PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. A pedagogia da retomada: decolonização de saberes. **Articulando e Construindo Saberes**. V. 2, n. 1, 2017, p.
- SILVA, Aracy Lopes. Dois séculos e meio de história Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro. (orga.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 357-378.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TSI'ÔMOWE, Daniel. **Entrevista: Fundação da aldeia São Marcos e Introdução da escrita**. Aldeia São Marcos, MT, novembro de 2020.
- TSI'ÔMOWE, Daniel. **Entrevista: Origem do Povo A'uwẽ Uptabi**. Aldeia São Marcos, MT, janeiro de 2021.

TSI'RUI'A, Aquilino Tsere'ubu'õ. **A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante.** (Dissertação de Mestrado em Educação). Campo Grande, MS: Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

TUHIWAI SMITH, Linda. **Descolonizando metodologias: povos indígenas e pesquisa.** Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.